AS MINHAS PRISÕES.

MEMORIAS

DE

SILVIO PELLICO

VERSÃO DO ITALIANO

POR

FRANCISCO ANTONIO DE MELLO

SEGUNDA EDIÇÃO

AUTHORISADA

PELO

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

PARA AS

ESCOLAS PRIMARIAS.

MEMORIAS

DE

SILVIO PELLICO.

MEMORIAS

DE

SILVIO PELLICO

VERSÃO DO ITALIANO

POR

FRANCISCO ANTONIO DE MELLO

SEGUNDA EDIÇÃO

AUCTORISADA

PELO

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

PARA ÁS

ESCOLAS PRIMARIAS.

Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.
Coimbra 11/8/08.

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1856.

Levar-me-hia a escrever estas memorias só pura vaidade de fallar de mim? Por certo que não foi este o meu desejo; e se é permittido a alguem tornar-se juiz em causa sua, cuido que entrára nisto fim mais bem acceito.

Foi meu intento cooperar para fortalecer o animo dos affligidos, fazendo a exposição dos infortunios que soffri, e das consolações, que a minha propria experiencia me fez conhecer, que se podem alcançar, até nas maiores tribulações; — pretendi dar um testimunho de que no meio de meus longos tormentos, não encontrei a humanidade

tam iniqua como a pintam, nem tam desmerecedora de indulgencia, nem tam escassa de almas boas; — procurei instigar os corações generosos ao amor do proximo, e a que não hajam de odiar um unico de seus similhantes, e a que não detestem irreconciliavelmente senão a falsidade, a perfidia, a pusillanimidade, ou outro qualquer aviltamento moral; — emfim, quiz repetir uma verdade, com quanto já bem sabida, muitas vezes deslembrada: — que a Religião e a verdadeira Filosofia demandam, uma e outra, energica vontade e juizo assente; e que, sem a união de ambas estas condições, não póde haver justiça, nem dignidade, nem firmeza de principios.

O AUCTOR.

NESTE seculo tam sedicioso e turbulento, em que os homens divorciados uns contra os outros andam tam alheios e desacordados de si, que nem sequer lhes sobra tempo de reflectir em seus desconcertos; neste seculo de aturada lida de paixões desenfreadas, um livro de moral que falle ao coração linguagem meiga e de paz, que lhe entranhe sentimentos puros de benevolencia, de virtude e de Religião, é um dom do céo, é como o farol de salvamento em noite de cerração e tempestade para o nauta perdido que vaga á mercê das ondas, é a nova de perdão para o infeliz condemnado á morte e já sem esperança, que está á escuta da hora fatal, que lhe marca o derradeiro instante de vida.

Bemdita seja a Providencia, que, por mais ingratos que lhe sejam os homens, nunca chega a desamparal-os quando mais carecem de remedio e conforto! Em tam tristes e desesperados dias, ainda se não apagou em todos os corações o amor da virtude e o respeito ás crenças de outras eras, ainda ha quem se dôa de ver como os animos vão tam inquietos e resentidos, tam cheios de rancor e de malquerença, e ponha todo o esforço em lhes applicar remedio: bem como a planta emmurchecida e sequiosa á mingoa de cuidoso trato e cultura, em lhe lançando uma gota de agua vai tornando a si e chega a recobrar o viço perdido, assim o amor da virtude e dos bons costumes, definhado e esmorecido no coração do homem, ha de ir revivendo com o exemplo e pela medida que lhe forem lançando algumas gotas de balsamo de Religião e de moral christãa. Honra a esses poucos escriptores, que se não deixam levar da indifferença e desleixamento, que mais parece desprezo e desamor da humanidade em lhe não procurarem preservativo contra a lepra que tam funda e asquerosa lhe vai lavrando, do que receio de lhes ficar baldado e inutil seu trabalho; persuadidos talvez de que, por mais que fallem, a sua linguagem ha de ser sempre um dialecto estranho e desentendido; por mais que gritem, hão de encontrar sempre ouvidos cerrados e ensurdecidos, e que por mais que escrevam, e mostrem com vivas côres á luz do meio dia o painel de costumes devassos e soltos, hão de topar sempre com olhos fe-

chados. Honra a todos esses espiritos illustrados e bemfazejos desta nossa época, que tanto se esforçam por arraigar de novo a arvore da Religião e do Christianismo, já quasi exotica entre nós. Eterna gratidão a essa alma pura e singella, a essa voz eterna e edificativa de *Silvio Pellico,* que tam suave e affectuosa nos entra no coração. Este seu livro, cujo titulo é já tam conhecido, é uma Odysséa christãa, cheia de sublimes pensamentos de filosofia moral, e de simples e evangelica poesia, é um modêlo de resignação e de Religião, é o livro do povo, que merece ser lido por todas as classes e traduzido em todas as linguas. Nestes tempos de instabilidade de fortuna, em que de dia para dia mudam a sorte e o destino do homem á mercê das ambições, nestes tempos de vicissitude de condições humanas é que este livro deve andar pelas mãos de todos, e ler-se com mais avidez, e meditar-se com mais reflexão. Aqui aprenderá o affligido e atribulado a levar com paciencia os trabalhos e angustias da vida; aqui deparará com allivio e confôrto o triste e perseguido, a quem coube a má ventura de habitar a morada do crime, e de ver murchar-se-lhe a flor dos annos encarcerado em lôbrega enxovia; aqui aprenderá a escudar-se de coragem e resignação o desgraçado ao ouvir ler a sua sentença de morte; e o infeliz subirá menos convulso até ao ultimo degráo do cadafalso; longe de sua doce patria e dos seus mais caros amigos, desenganado da esperança lisonjeira de tornar a ver e

apertar em seus braços os queridos entes que lhe deram o ser, o desditoso peregrino e desterrado em terra alheia irá pouco a pouco mitigando o vivo sentimento da saudade, que tanto lhe chora n'alma; aqui achará conformidade o enfermo cortido de dores á espera da hora do passamento e sem poder despregar os olhos do logar de seu futuro jazigo. E qual coração haverá ahi tam resequido, que se não dôa dos tractos e tormentos por que passára aquelle homem virtuoso?... quaes olhos nunca affeitos a chorar, d'onde não rebente uma lagrima ao ler algumas paginas deste livro, que tanto nos enleva e arrebata?... Tal foi o interesse e affeição que me inspirou n'alma este pobre preso em idade flórida, condemnado a viver vida de angustias por tam largo espaço de annos; qual outro canto de cisne, tanto me soaram dentro do coração os seus meigos accentos de dor, tanto me encheo de ternura e consolação a leitura deste livro, e tanto me commoveo que o não pude ler a olhos enxutos e protestei logo traduzil-o para o tornar a ler só comigo uma e muitas vezes. Succedeo porém, que, instado por amigos, a quem mostrei alguns pedaços desta traducção, e mais que tudo pelo desejo que tenho de fazer vulgarizar os principios de moral e rectidão em que elle tanto abunda, eu mudasse de tenção, e me affoite hoje a dal-a á luz tal qual a verti em linguagem. Por muito inferior a tenho eu, e ousadia fôra comparal-a com a expressão sentimental e genuina que constitue uma das grandes bellezas do

original; mas o Publico, nem sempre severo e rigoroso, desculpará os muitos deffeitos della, bem persuadido de que eu, mesquinho e apoucado engenho, não aspiro a gloria tam alta como á de escriptor publico, para o que fôra mister mais cabedal de conhecimentos, mais aturada leitura, e talento menos escasso.

(Prefacio da 1.ª edição).

Coimbra, Setembro
de 1841.

F. A. DE MELLO.

ELOGIO HISTORICO

DO SOCIO

DO

INSTITUTO DA ACADEMIA DRAMATICA

FRANCISCO ANTONIO DE MELLO

RECITADO

NA SESSÃO SOLEMNE DO 1.° DE ABRIL DE 1849

PELO SOCIO

FRANCISCO DE CASTRO FREIRE.

Não extranheis, senhores, que nesta reunião solemne, consagrada unicamente á commemoração dos nossos socios finados, venha eu, para quem são desconhecidas as flores da eloquencia, occupar este logar, e não hesite—invocando os direitos, ou antes os deveres da amizade,—em pagar, em vosso nome, uma divida de saudade e lagrimas á memoria do nosso fallecido socio o sr. *Francisco Antonio de Mello.*

Não o extranheis, senhores. Tendo sido forçado pelos titulos sagrados da amizade a seguir até ao jazigo funebre o feretro deste nosso consocio, um dos poucos amigos da infancia que a morte ainda me havia pou-

pado: tendo sido forçado a dar a volta á chave fatal, que para sempre, cá na terra, me escondeu, com os restos mortaes do amigo, um coração que chorava com as minhas maguas e que se comprazia com as minhas venturas; um coração onde palpitaram constantes os sentimentos da mais firme e nunca desmentida affeição: cumpria-me por isso tambem lançar aqui hoje, primeiro que todos, sobre o seu tumulo, e depois de regadas com as minhas lagrimas, as flores da saudade, que vós, pela maior parte mancebos cheios de vida, trouxestes em tributo espontaneo a esta festa dos mortos.

Além disto, senhores, sigo assim, como me é dado, uma nobre practica encetada nesta casa por occasião de se memorar a perda do primeiro dos nossos socios, que a morte nos roubára (*a*); sigo uma practica que vós hoje acabaes de ver imitada pelo eloquente e digno socio que me precedeu (*b*).

Sei que a minha voz é frouxa, e que mal poderá desenhar em quadro breve uma vida curta sim, mas abundantemente entretecida de virtudes e talentos; anima-me porém a esperança de que a verdade dos traços, e

---

(*a*) Allude-se ao elogio historico do socio o sr. *João de Vasconcellos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão,* recitado pelo socio o sr. *Manoel Maria da Silva Brüschy,* e publicado no n.º 6 da Revista Academica.

(*b*) O sr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu, que nesse mesmo dia recitou o elogio historico do socio do Instituto o sr. Henrique José de Castro.

a expressão sincera da minha dor, supprirão em parte este deffeito.

No reino do Algarve e na cidade de Tavira nasceu, aos **17** de outubro de **1804**, o nosso chorado socio o sr. Francisco Antonio de Mello, de paes não abastados em bens da fortuna, ricos, porém, de sentimentos christãmente virtuosos e honrados. Alli, imbuido desde então nestes sentimentos,—que plantados desveladamente em seu tenro coração se radicaram como em terreno proprio, e cresceram depois viçosos debaixo daquelle sol mais creador, a ponto de não vergarem nunca com as tempestades das paixões nem com as seducções dos máos exemplos,—passou o nosso consocio a sua infancia até á edade dos onze annos, tendo concluido por esse tempo o estudo das primeiras letras, para o qual mostrou grande amor e inclinação.

Regressava por essa epocha das suas viagens scientificas, que por ordem do nosso governo, fizera pelo interior da *França*, pela *Hollanda*, *Belgica* e *Italia*, seu tio, o sr. *Manoel Pedro de Mello*, lente de Mathematica nesta Universidade. Este homem extremamente amavel, este sabio distincto, de quem eu me ufano de ter sido discipulo, e a quem devi, em memoria ás cinzas de meu pae, amizade e protecção;—reunia á celebridade do seu nome, entre conterraneos e extranhos, como *mathematico* abalisado, consummado *filosofo*, habil e experiente *engenheiro*, e *litterato profundo*—so-

lida religião e todas as virtudes sociaes que della derivam; distinguindo-se entre estas as de bom parente e soccorredor de sua familia. Assim um dos seus primeiros cuidados, logo depois da sua volta, foi o de chamar para esta nossa *Coimbra* e para junto de si, aquelle sobrinho, que, na boa estrêa dos seus primeiros estudos, deu abonos de distincção para os estudos superiores e para as sciencias.

Estas esperanças não falharam; e ao passo que o nosso socio ía percorrendo brilhantemente o circulo dos estudos preparatorios, no tracto com o seu virtuoso tio, e nos exemplos continuos que este lhe dava, fortificava-se nos bons e sãos principios da sua primeira educação, e adquiria essa urbanidade singela e affavel, que unida a muita bondade e grandeza d'alma, formaram depois aquelle seu caracter, pelo qual, apezar de um exterior melancholico e, á primeira vista, talvez pouco attractivo, elle se tornou summamente sympathico para todos os que o conheceram.

Hesitando entre o estudo das *mathematicas,* para as quaes tinha reconhecida aptidão, e o de *medicina,* decidiu-se por esta ultima sciencia. Longo, porém, e cheio de angustias foi o periodo desta sua terceira epocha litteraria.

As idéas de reforma e liberdade que no anno de 1820 começaram a ser proclamadas no nosso paiz, acharam echo prompto e facil nos corações virgens dos mancebos que então frequentavam a nossa *Universidade,* e

que embalados nos sonhos de *Esparta* e *Roma*, e sem poderem avaliar ainda os muitos descontos que devem dar-se nas cousas humanas, levavam na força do seu enthusiasmo as theorias liberaes ás suas consequencias as mais exageradas. Assim a reacção, que estas idéas soffreram em 1823 devia encontrar muitos destes corações insoffridos, e como abafando debaixo de idéas retrogradas. Já então o nosso Portugal começava a ser victima dos odios e dissenções politicas, que, por mal nosso, o tem dilacerado tanto, e promettem, se Deos se não dóe de nós, de o levar á sua ultima ruina, e de o riscar do numero das nações. Por occasião de uma festa academica em que se celebravam as ultimas mudanças, commetteram-se imprudencias, e perpetrou-se um crime. Os rastos deste não se poderam descubrir: mas as imprudencias trouxeram em resultado a prisão de grande numero de *academicos*, pela maior parte innocentes.

O nosso socio foi uma das victimas, e teve de ver por este motivo interrompida a sua carreira litteraria, até que outra faze politica, lançando o véo da amnystia sobre estes acontecimentos, o restituiu á liberdade. No entretanto sobreviveu para atormental-o uma molestia fatal na sua familia, da qual se pôde escapar, não evitou comtudo que della se lhe originassem os primeiros symptomas de novas enfermidades, que progredindo pouco a pouco, e amargurando-lhe successivamente a existencia, conseguiram mais tarde roubal-o á vida na flor dos annos.

E não bastava tudo isto para provar a sua paciencia. Seu tio, aquelle segundo pae carinhoso, que lhe havia proporcionado a espectativa de um futuro lisongeiro, foi tambem victima innocente em 1828 das nossas fataes dissenções. Homiziado, para evitar maior perseguição, na casa generosamente hospitaleira do virtuoso *Capitão mór de Murtede o sr. Antonio José Affonso,* e alli, quasi sempre separado de sua virtuosa esposa, de um filho innocente e do seu querido sobrinho, arrastou atribulado, apezar dos carinhos e assiduos cuidados daquella boa familia, uma pesada existencia de quatro annos decorridos até ao dia 13 de abril de 1833, em que uma apoplexia fulminante o roubou á vida na edade de 68 annos.

Se nesta lucta com as enfermidades do corpo, e com as dores d'alma ainda mais pungentes, não afrouxou a paciencia do nosso consocio; é certo que o seu espirito avergou um pouco com tanto pezo, e d'ahi lhe proveio aquelle ar de resignada melancholia e uma certa timidez, bem natural ás almas sensiveis, quando se lhes rasga o véo das doces illusões, e encaram finalmente o mundo real e descarnado com todas as suas miserias. A esta timidez porventura, e em muito grande parte ainda aos tristes preconceitos politicos, devemos attribuir o não se haver feito devida justiça ao seu merito litterario nos ultimos annos da sua formatura.

Concluida esta, e seguindo-se logo a morte do seu bom tio, não hesitou, por gratidão ás suas cinzas, em

unir a sua sorte á da viuva e filho do seu bemfeitor, aos quaes prestou sempre todo o amparo que coube em suas forças, e consagrou até á morte o mais extremoso affecto.

Data de então a sua vida clinica, a qual encetou como ferveroso sacerdote. Mal convalescido ainda da *cholera-morbus,* que então com os outros dois flagellos de Deos, parecia querer acabar com esta nossa terra, e chamado para dirigir um hospital, que para os enfermos desta epidemia se organisára no convento de S. Francisco da Ponte, acudiu logo; e charidoso e desvelado occupou-se todo, não só em soccorrer os doentes com os remedios da arte, mas tambem em dirigir e zelar os escassos soccorros, que para a sustentação daquelle hospital lhe foram consignados.

Tereis visto, senhores, o retrato que o sabio e virtuoso *Hufeland* fez do homem que desempenha, como deve, o sacerdocio da *Medicina* não menos respeitavel que o sacerdocio dos altares. Este retrato,—ouso dizel-o—é o do meu amigo, o do socio que hoje chorâmos. E se não—interrogae a memoria ainda fresca da maior parte das familias desta cidade, não só as abastadas, mas as mais pobres e desvalidas, que todas, com uma só voz, responderão: que não conheceram nunca *medico*, que o excedesse no desapego a idéas de interesse; no desvelo pelos seus doentes; na assiduidade e attenção que lhes prestava; na charidade com que os ouvia; e na consolação que sabia derramar pelos cora-

ções dos que os cercavam. Nem os progressos das suas enfermidades poderam afrouxar o zêlo, com que desempenhou sempre as obrigações deste seu ingrato ministerio; zêlo excessivo ao qual se deve talvez a mais breve terminação dos seus dias.

Foi com estes titulos, que elle grangeou a estima geral, e que se tornou bemquisto de todos os partidos, sem que á influencia destes, mas sim daquella, se deva attribuir a sua eleição para os cargos de *conselheiro do municipio e do districto,* que por vezes occupou.

E de tudo isso ainda lhe sobravam horas que dedicava ao estudo das bôas letras, e principalmente ao da nossa bella lingua portugueza. Esta escolha de estudos, com que se feriava das suas occupações, revelam o quanto era de bem formada a sua alma, e quam grande era o seu patriotismo, porque vós bem sabeis, senhores, que no amor da nossa lingua vai a dóse maior do amor pela terra e pelas cousas da patria.

Na aturada lição dos nossos classicos adquiriu elle colheita abundante de linguagem pura; e nestes pontos chegou o seu voto e o seu conselho a ser de grande pezo para os muitos que o consultavam. No exercicio de traduzir e verter para a lingua patria os bons escriptos das alheias, ganhou avultado cabedal dos conhecimentos practicos da propriedade, copia, indole e mysterios dos termos da nossa lingua. Como provas ahi nos deixou nessas publicações periodicas que sahiram á luz debaixo da responsabilidade do *Instituto,* algumas das

formosas paginas que tanto accreditaram aquellas publicações.

Lêde, senhores, no 1.º volume da *Chronica Litteraria*, a traducção do hespanhol para excellente portuguez, de um artigo sobre Mr. de Lamartine, no qual se dá o verdadeiro apreço ao merito sublime, como poeta, do cantor das Meditações e das Harmonias religiosas.

Lêde aquelle seu Prefacio á versão do italiano das *Minhas Prisões de Silvio Pellico*, de que logo fallarei, desse prefacio que, segundo lhe escrevia o nosso socio e maximo litterato o sr. *Agostinho de Mendonça Falcão*, era bastante só por si para documento sobejo das suas muitas virtudes, e dos dótes innegaveis para escriptor da lingua portugueza.

Lêde, finalmente, no 2.º volume da *Chronica*, aquella traducção das — *Lagrimas de Elisa* — desse trecho tam sentimental e melancholico, dessa epopêa de dores e angustias por que passa o pobre coração de uma mulher sacrificada barbaramente nas mais doces affeições do seu coração.

Tambem cultivou com aproveitamento os amenos campos da poesia, porém aquella sua timidez e natural modestia levaram-no a rasgar ou queimar a maior parte destas producções. Sómente em alguns desses livros, que hoje se consagram ás preciosas memorias da amizade, escaparam alguns fragmentos: e eu bem desejára, senhores, poder repetir-vos aqui alguns delles: — um

principalmente em que elle derrama, em sentidos versos, religiosas consolações no coração de uma triste *mãe viuva,* que só com balsamos destes tem podido mitigar a saudade de um *filho virtuoso e unico,* nosso commum e nunca esquecido amigo da infancia, morto no viço da edade e das esperanças mais lisonjeiras (*a*);—quizera repetil-o aqui, para que melhor podesseis avaliar a tempera sonora daquella alma sensivel.

E voltando agora áquella sua traducção das *Minhas Prisões,* o maior florão da sua coroa litteraria; eu não vos cançarei em elogiar, com os nossos *Castilhos* e primeiros litteratos, o aprimorado merecimento daquelle seu trabalho, nem em tecer o panegyrico daquelle livro, que attrahiu a sua escolha, daquelle verdadeiramente *livro de oiro,* repassado, desde a sua primeira até á ultima pagina, de sincera e ardente religião, de amor practico de Deos e dos homens; e que, segundo a frase de um escriptor francez,—mundano e terrestre como é, captivando pela sua realidade, interessando como romance, póde sem receio depositar-se em todas as mãos, até nas de uma virgem no dia mesmo da sua communhão.

O nosso socio, a quem a leitura daquelle livro fez

(*a*) *Manoel Mathias Vieira,* repetente e bacharel formado na faculdade de mathematica, onde se distinguiu por seus talentos, e foi premiado em todos os annos. Morreu no dia 29 de abril de 1834, aos 25 annos de edade. Jaz na capella do extincto collegio de Santa Rita de Coimbra.

derramar lagrimas de ternura por mim presenciadas, bem disse a Providencia pelo presente que lhe enviára, e considerando o auxilio e conforto que a sua leitura poderia levar aos tantos corações que soffrem,—os rancores e malquerenças que poderia destruir, protestou logo traduzil-o, e com animo charidoso, e a instancias de amigos, decidiu-se a publical-o.

O *Instituto* soube apreciar a tempo tanto merito e tantos talentos, e poude honrar-se com todos estes seus trabalhos, tendo escripto, logo na sua installação, o seu nome entre os dos seus socios. Nesta obra sancta da civilisação pela arte, foi elle um dos obreiros os mais assiduos.—*Censor* quasi perpetuo das publicações litterarias do Instituto, desempenhou este cargo com o mesmo zêlo que applicava a tudo o que se lhe incumbia.—*Censor* de algumas peças dramaticas, apresentou sempre o seu parecer com a consciencia do homem probo, que não se deixando prender por cantos de sereias, não receia, quando é preciso, vir apontar com o dedo para a immoralidade escondida debaixo de flores.—Finalmente, não só foi, como já fica dito, collaborador, senão tambem, muitas vezes, redactor dos nossos periodicos litterarios.

Porém, senhores, o apêrto do tempo força-me a deixar em silencio muitos outros louvores, que eu poderia ir buscar á sua vida publica e privada,—e a desenrolar diante de vós a ultima pagina luctuosa da sua vida.

A morte que ao principio insidiosamente atacára o nosso socio, havia-se adiantado a passo largo, e já nos fins de 1845 estivera a ponto de lhe cortar os fios da vida. Fez então uma pequena pausa; porém elle não se illudiu, e conhecendo que era com fim de descarregar golpe mais seguro, tractou de preparar-se para a jornada da eternidade, fazendo no principio de 1846 uma confissão geral, e soccorrendo-se á sua fé, cada vez mais viva nos auxilios da religião, para arrostar com as angustias que já então soffria, e que estava certo haviam de crescer progressivamente.

Não vos affligirei, senhores, demorando-me na descripção destes lances dolorosos; e só para que delles façaes leve ideia,—accrescentarei que nas vesperas da sua morte, elle se viu obrigado a prescindir do unico refrigerio que ainda lhe restava, o da companhia e consolações dos seus amigos, porque os amigos lhe roubavam o ar, cuja falta lhe dava as ancias da morte.

E a morte, que elle já invocava como libertadora, veiu finalmente acabar com os seus tormentos, e desprender para o seio de Deos a sua alma involta nas consolações da religião, e nas orações dos seus amigos.

Foi no dia, para mim nunca esquecido, 14 de janeiro de 1847.

O seu testamento foi o epilogo de uma vida tam virtuosa. Escripto com a consciencia da morte proxima, e com a hora marcada quasi profeticamente, são nelle para edificar, e para fazer correr lagrimas dos corações

os mais frios, as palavras de compunção com que aquelle *Anjo* se humilha perante a *Bondade Suprema,* e lhe pede perdão de suas culpas e fragilidades; as palavras com que honra a memoria dos seus virtuosos paes e parentes, aquellas que dirige agradecido á viuva do seu *bemfeitor* e á sua *familia* pelos cuidados e carinhos com que o tractaram na sua doença.

Na repartição dos seus poucos haveres quiz pagar todas as suas dividas de amizade e gratidão. Os seus intimos receberam penhores da sua affectuosa saudade. A mim legou-me, entre outras memorias, uma obra de suas mãos, concluida oito dias antes da sua morte, e que então pela primeira vez me esteve mostrando placidamente, occultando-me o seu destino!!

A confraria da *Misericordia,* de que era *medico* e *irmão,* o acompanhou com as honras funebres até ao seu jazigo, que, por sua disposição, foi o adro lageado da *igreja do mosteiro de Sancta Clara.* Parece que a sua alma queria regozijar-se com a ideia, de que as orações daquellas boas *freiras,* que amava como irmãas, reboando pelo templo e misturadas com os solemnes sons do orgão, sahiriam pelo portal, e viriam bater sobre a sua loisa para de lá se repercutirem para o céo.

O aspecto dos que acompanhavam o prestito funebre era profundamente triste;—ouviram-se muitos elogios; —correram muitas lagrimas, e estas eram misturadas com as de muitos pobres, a quem elle tinha tractado e soccorrido.

Concluirei, senhores, repetindo uma passagem, que ha pouco encontrei no nosso Fr. *Amador Arraes,* n'um exemplar que pertenceu ao meu amigo, e a qual marcada por elle com um signal, nos servirá, como estou certo serviu a elle, de refrigerio. Diz assim: «—*Ditoso o que passa por dores e tribulações, e nesta vida é exercitado como em um campo de paciencia e uma contenda de gloria.*»—

AS MINHAS PRISÕES.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miseriis.

Job. C. XLV. 1

O homem nascido da mulher, que vive breve tempo, é cercado de muitas miserias.

Job. log. cit. (trad. de A. P. de Fig.)

I.

Em uma sexta feira, 13 de outubro de 1820, fui preso em Milão e escoltado até Santa Margarida: eram tres horas da tarde. Tive de soffrer um longo interrogatorio, que durou todo aquelle dia e alguns dos que se lhe seguiram. Mas não direi cousa alguma do que alli passei: como timbroso namorado, que protesta resentir-se da amante que o maltrata, assim eu dou de mão á politica e fallarei de outra cousa.

Ás nove horas da noite daquella malaventurada sexta feira, o escrivão me entregou ao carcereiro, o qual conduzindo-me logo ao quarto que me fôra destinado, me pedio com certo ar de polidez, que houvesse de confiarlhe o meu relogio, dinheiro, e o mais que trouxesse na algibeira, o que tudo a seu tempo me seria restituido, depois do que se retirou, dando-me respeitosamente as bôas-noites.

—Esperai um pouco, amigo, lhe disse eu; mandai-me dar alguma cousa de comer, que ainda estou sem jantar.

—Promptamente, senhor, que o remedio não está longe; e o senhor verá o que é bom vinho!...

—Vinho!... não o bebo.

Espantado com similhante resposta, Angelino fitou os olhos em mim, persuadido de que eu gracejava: os carcereiros que tem taberna por sua conta horrorizam-se do preso que não bebe vinho.

—Não o bebo, seriamente.

—Pois condoo-me de vós, senhor, que assim tereis de soffrer em dobro as tristezas da solidão...

E desenganado de que eu lhe fallava com seriedade, saío: e em menos de uma hora trouxe-me de jantar. Enguli alguns boccados, bebi um copo de agua, e fiquei só.

O quarto era terreo, e dava sobre um pateo: prisões á direita, prisões á esquerda, prisões por cima, e prisões defronte... Encostei-me para a janella, e alli me deixei ficar por algum tempo a reparar na afervorada lida dos guardas e no cantar frenetico de muitos dos presos.

E entrei a considerar...—Vai em um seculo que isto aqui era um mosteiro!... Das sanctas e penitentes virgens que então o habitavam, quando é que pela mente lhes passára, que suas cellas acostumadas a feminís gemidos e a devotos hymnos, viriam ainda pelo discorrer dos tempos a tornar-se a estancia de homens de todas

as condições, destinados a maior parte ás galés e ás forcas... e em que nellas haveriam de resoar cantigas torpes e blasphemas!... E daqui mais a um seculo, quem respirará nesta morada? Ai! tempo... que tam rapido foges!... Oh! perpetua instabilidade das cousas!... E o que vos contempla ainda ousa lastimar-se, porque a fortuna deixou de sorrir-lhe, porque se vê sepultado em um carcere, porque o ameaça um patibulo!?... Ontem era eu ainda um dos mais felizes mortaes que havia no mundo!... Hoje... eil-as perdidas, todas as doçuras que faziam o encanto da minha existencia! Liberdade, convivencia com os amigos, esperança... ai! tudo se acabou para mim!... Não, não me fascinas, louca illusão! Bem sei que já daqui não torno a saír, senão para ser ferrolhado em mais horridos calabouços, ou para ser entregue a mãos de algoz... Embora!... que esse dia, que houver de seguir-se ao da minha morte, ha de ser tal, como se eu vivêra em um palacio, e como se dalli fôra levado com as honras de mais luzida pompa ao logar da minha sepultura.

E assim reflectindo na rapidez com que foge o tempo, minha alma se ia fortalecendo. Mas a lembrança de meu pai, de minha mãi, de meus dois irmãos, de minhas duas irmãas, e de outra familia que eu amava com tanto extremo como se fosse minha, veio então apoderar-se-me do espirito com tal força e predominio, que me embargou todas as reflexões filosoficas. E tanto me enterneci, que chorei como uma criança.

II.

Havia três mezes que eu estivera em Turim, onde tive a ventura de tornar a ver, depois de alguns annos de separação, os meus queridos pais, um de meus irmãos e minhas duas irmãs. Toda a nossa familia se amára sempre tanto! Nunca houve filho, que mais cumulado fosse dos beneficios de seu pai e de sua mãi. Oh!... e como ao tornar a ver estes velhos venerandos, não sentia commover-se-me o coração, achando-os desfigurados pela idade muito mais do que imaginára! Quam grato me não fôra então, o nunca mais separar-me delles, e o dedicar-me affanoso a lhes suavisar o pezo da velhice! Qual não foi o meu pezar, nesses poucos dias que me demorei em Turim, por ter de cumprir tantos deveres, que me consumiam o tempo todo, e que me não deixavam ter a consolação de estar sempre em casa, na companhia de meus queridos pais! A minha pobre mãi exclamava com amargurada tristeza: — Ah! não foi para nos ver que o nosso Silvio veio a Turim! Na manhãa em que voltei para Milão, a separação foi para mim das mais dolorosas. Meu pai entrou comigo na carruagem e acompanhou-me a distancia quasi de meia legoa; depois se partio só... Eu me voltava para o seguir com os olhos até o perder de vista, e não podia suster as lagrimas; olhava para um annel, prenda que minha mãi

me dera, e não me fartava de o beijar: nunca me despedi de meus pais que tam angustiado me sentisse. Sem dar credito a presentimentos, admirava-me de não poder superar tamanha dor, e aterrado disto, perguntava a mim mesmo:—donde é que me vem tam extraordinaria inquietação como a que sinto? Parecia-me estar a ler no meu futuro alguma grande catastrophe.

Agora na prisão, representavam-se-me de novo aquelle susto e aquellas angustias; volviam-me á lembrança todas as palavras que, três mezes antes, ouvíra da bocca de meus pais. Aquella queixa de minha mãi:—Ah! não foi para nos ver, que o nosso Silvio veio a Turim! era um golpe de pesada maça de chumbo, que me esmagava o coração. Eu me reprehendia a mim mesmo, por me não haver mostrado mil vezes mais carinhoso para com elles... Eu, que tanto amor lhes tenho... exprimir-lho com tanta sequidão!... Eu, que talvez mais não tornaria a vel-os... saciar-me tam pouco de reverme em suas feições tam queridas!... Ai! que tam avarento lhes fui em provas de minha affeição!... E a alma se me cortava com pensamentos taes.

Fechei a janella, passeei uma hora, cuidando de não lograr repouso em toda aquella noite. Atirei comigo ao leito, e a fadiga me adormeceo.

III.

O DESPERTAR do somno ao cabo da primeira noite de prisão, é cousa horrivel. — É possivel, dizia eu, attentando no logar em que me achava; pois é possivel que eu aqui esteja!... não será um sonho isto que vejo?... Não ha duvida... prenderam-me ontem; ontem é que me fizeram aquelle longo interrogatorio, que deve continuar amanhãa... e quem sabe até quando se prolongará?... Sim, foi ontem á noite antes de adormecer, que as lagrimas me correram em fio, ao lembrar-me de meus queridos pais...

O repouso, o perfeito silencio, e o curto somno que me havia restaurado as forças do espirito, pareciam centuplicar a vehemencia da minha dor. Naquella absoluta privação de distracções, a angustia da minha cara familia, e principalmente de meu pai e de minha mãi, logo que minha prisão lhes constasse, se me gravava na imaginação com incrivel força.

E eu dizia: — Neste instante, ou elles dormem ainda tranquillos, ou velam talvez pensando em mim com ternura, longe... e bem longe de suspeitarem o triste logar em que me vejo!... Oh!... felizes, se a Deus prouvesse arrebatal-os do mundo, antes que lhes lá chegue a insfausta nova do meu infortunio! Quem lhes dará força para supportarem golpe tamanho?

Uma voz cá de dentro parecia responder-me: — Aquelle a quem todos os affligidos invocam, amam e sentem dentro em si mesmos; Aquelle que á propria Mãi deo força para seguir seu Filho ao Golgotha, e para collocar-se perto de sua cruz! o Amigo dos desgraçados, o Amigo dos mortaes.

Foi este o primeiro momento em que a Religião triumphou milagrosamente do meu coração: ao amor filial devo este beneficio. Noutro tempo, com quanto eu não fosse inimigo da Religião, pouco ou nada me esmerava em a seguir. As objecções triviaes com que de ordinario costumam atacal-a, não me pareciam de vulto, e ainda assim, mil duvidas sophisticas affracavam a minha fé. Já de muito tempo, que estas duvidas não versavam sobre a existencia de Deus, e não deixava de reflectir, que existindo Deus, é necessaria consequencia de sua justiça haver outra vida para o homem que soffre em um mundo tam injusto: e daqui concluia eu, com quanta razão devemos procurar os bens dessa segunda vida: e daqui tornava a concluir, que era mister seguirmos um culto todo de amor de Deus e do proximo, e havermos um desejo constante de nos ennobrecermos por meio de generosos sacrificios. Havia já muito, que eu discorria por este modo, e accrescentava: — E que é pois o Christianismo senão este aturado desejo de ennobrecer a alma? Admirava-me como revelando-se tam pura, filosofica e inexpugnavel a essencia do Christianismo, viesse tempo em que a

orgulhosa filosofia ousasse dizer:—D'ora em diante cabe-me a mim fazer as suas vezes. E por que modo has de tu fazer as suas vezes?... Ensinando o vicio? De certo, não; pois, ensinando a virtude?... bem!... eis ahi em que consiste o amor de Deus e do proximo; é, nem mais nem menos, o que o Christianismo ensina.

Assim, vergonha é dizel-o, discorria eu desde muitos annos, abstendo-me sempre de deduzir consequencias: sê pois consequente!... sê christão!... nem mais te escandalisem abusos; nem mais subtilizes sobre qualquer ponto difficil da doutrina da Igreja, desde o instante em que lhe decifras o dogma principal e de todos o mais claro:—Ama a Deus e ao proximo.

Depois que me vi preso, resolvi em fim tirar aquella conclusão, e effectivamente a deduzi. Hesitei por algum tempo, cuidando, que se alguem viesse a me conhecer mais religioso do que era d'antes, se julgaria com direito de reputar-me hypocrita ou envilecido pela desgraça. Mas eu, conhecendo interiormente que não era um hypocrita, nem um homem envilecido, protestei de nunca mais me importarem quaesquer censuras não merecidas; e desde então deliberadamente me resolvi a ser christão.

IV.

Com o andar do tempo é que pude conseguir perseverança naquelle sancto proposito; mas puz-me a revolvel-o no pensamento, e quasi a abraçal-o dentro do coração, desde aquella primeira noite de captiveiro. Pela volta da manhãa achei-me mais desafogado das angustias que me opprimiam, e com o espirito mais tranquillo. Tornei a lembrar-me de meus pais e de outras pessoas, que tambem me eram queridas, e não desesperava da força de sua alma... que tanto me consolava a doce lembrança dos virtuosos sentimentos que outr'ora lhes conhecêra!

Que extraordinaria maravilha!... Por que ainda ha pouco tam grande perturbação me abalava, imaginando qual seria a delles; e agora tamanha confiança tinha na sua fortaleza de animo?... Seria um prodigio esta feliz mudança?... seria um effeito natural do maior vigor de minha crença em Deus?... E que importa tomar, ou não, em conta de prodigios os beneficios reaes e sublimes da Religião?...

Á meia noite, vindo visitar-me dois *segundos* (assim chamavam os carcereiros subalternos), deram comigo de pessima catadura. Ao amanhecer tornaram, e acharam-me tranquillo e animado de cordial desenfado.

—Com effeito! disse Tirola, o senhor, esta noite,

estava com um parecer de basilisco; agora já me não parece o mesmo; é signal de que não é (ha de me perdoar) um malfeitor; porque os malfeitores (eu já sou velho no officio, e a minha experiencia tem algum peso), os malfeitores estão sempre mais furiosos no segundo dia de prisão do que no primeiro. O senhor toma tabaco?

—Não uso, mas não desagradeço vossa offerta. Quanto á vossa observação, perdoai-me, mas não a julgo propria de homem avisado como me pareceis. Se agora de manhãa já me não achais exterior de basilisco, não poderá ser esta mudança uma prova de necedade, ou de facilidade em me illudir, antevendo como chegado o dia de meu livramento?

—Não o duvidára eu, se o senhor estivesse na cadêa por outros motivos; mas por estes negocios de Estado, e no dia de hoje... nada... isso tem mais que se lhe diga; e o senhor não é tam simples que assim o entenda. Ha de me perdoar: toma outra pitada?

—Venha ella. Mas como é que se póde ter cara tam alegre, como a que representais, vivendo sempre entre desgraçados?

—O senhor cuidará que é por não fazer caso dos malles alheios: o por que, eu mesmo o não sei, a fallar a verdade; mas o que lhe posso asseverar é, que bastantes vezes me faz mal o ver chorar; e então disfarço e me finjo alegre, para que os pobres presos tambem se ríam.

—Bom homem! veio-me agora um pensamento, que

ainda não tive; e é, que se póde ter o officio de carcereiro, e ser de bem bôa laia.

—O officio não faz nada ao caso!...

E perguntando-me o que eu appetecia para almoço, saío. Passados alguns minutos trouxe-me o café.

Puz-me a olhar para elle com um sorrir ardiloso, como se quizesse perguntar-lhe:—Levar-me-hias tu um escriptinho a outro infeliz como eu, ao meu amigo Piero * ? E elle me tornou com igual sorriso, como se quizesse responder-me:—Não senhor, e se vos dirigirdes a outro qualquer de meus companheiros, que se aprompte, ficai certo que vos trahirá.

Se eu e elle mutuamente nos entendiamos, não o affianço de certeza. É verdade porém, que por dez vezes estive quasi a pedir-lhe um pedaço de papel e um lapis, e que me não atrevi; pois certo não-sei-que em seus olhos parecia avisar-me, que me não fiasse em ninguem, e muito menos em outrem que não fosse elle.

V.

Se Tirola, á sua expressão de bondade, não reunisse olhar tam malicioso, se eu lhe devisára mais nobre physionomia, não teria, por certo, resistido á tentação de

* Piero Maroncelli.

fazer delle um mensageiro; e talvez um bilhete meu, chegando a tempo ao meu amigo, lhe desse força de reparar algum descuido; e isto salvaria talvez, não a elle, que o infeliz já estava assás denunciado, mas a mim e a muitos outros. Paciencia! assim tinha de acontecer.

Fui chamado para a continuação do meu interrogatorio, que durou todo aquelle dia e outros que se lhe seguiram, sem mais intervallo do que o das comidas.

Em quanto durou o processo, os dias para mim voaram rapidos; que tamanha energia de espirito me era mister para responder a perguntas interminaveis e tam diversas; para reflectir, recolhendo-me ás horas da comida e á noite, em tudo quanto me haviam perguntado; no que tinha respondido; e em tudo emfim sobre que, provavelmente, teria ainda de ser interrogado.

No fim da primeira semana passei por um grande desgosto: o meu pobre amigo Piero, desejoso tanto quanto eu o estava de ver estabelecida entre nós alguma correspondencia, enviou-me um escriptinho; para o que não se servio dos *segundos,* mas sim de um infeliz preso, que com estes vinha fazer algum serviço aos nossos quartos: era um homem de sessenta a setenta annos, condemnado a não sei quantos mezes de prisão.

Com um alfinete que trazia comigo piquei um dedo e escrevi com sangue algumas regras em resposta, que entreguei ao mensageiro. Teve este a máventura de ser

espreitado, apalpado e apanhado com o escripto em si, e chibatado, segundo julgo.

Senti horriveis gritos, que me pareceram ser do desgraçado, e depois não o tornei mais a ver.

Sendo de novo chamado a perguntas, estremeci ao ver que me appresentavam o tal bilhete, rabiscado com o meu sangue. Por fortuna minha não continha elle cousa alguma que podesse reputar-se de suspeita. Tudo se reduzia a um simples cumprimento. Perguntaram-me com que tinha tirado o sangue; tomaram-me o alfinete, e puzeram-se a rir por nos terem assim burlado. Ah!... mas eu não me ria!... A mim, não se me podia tirar de diante dos olhos o velho mensageiro! De bom grado comprára eu o seu perdão á custa de qualquer castigo que me infligissem. Pois quando me retiniram ambos os ouvidos com aquelles gritos, que suppuz serem do desgraçado?... então é que o coração me chorou de lastima!

Debalde procurei informar-me a seu respeito com o carcereiro e *segundos;* abanavam a cabeça, e diziam: —Pobre homem... coitado! custou-lhe bem caro o tal recado; já se não torna a encarregar de outro: agora está elle mais descançado. E não me davam mais explicação.

Alludiriam elles á estreita prisão em que talvez estaria o desditoso, ou fallariam assim, por que tivesse morrido na occasião das chibatadas, ou em consequencia das mesmas?

Um dia pareceo-me vel-o da parte de lá do portão com um feixe de lenha ás costas: e o coração me pulsou tam forte, como se eu tornasse a ver um irmão carinhoso.

VI.

Quando deixei de ser martyrisado com interrogatorios, e não tinha cousa alguma em que occupasse os meus tristes dias, então é que senti carregar sobre mim o enorme peso da solidão.

Permittio-se-me o ter uma Biblia e o Dante; o carcereiro offereceo-me a sua livraria, que consistia em alguns romances de Scuderi, de Piazzi, e em outros de menor valia; mas tamanha era a inquietação do meu espirito, que então fôra impossivel applicar-me a qualquer leitura. Entretinha-me em decorar todos os dias um canto do Dante; e todavia este exercicio era tam machinal, que menos se me occupava o pensamento com aquelles versos do que com as minhas desaventuras. O mesmo me acontecia ao ler outras obras, excepto ás vezes alguma passagem da Biblia. Este livro divino, que eu sempre muito prezára, ainda em tempos em que me tive por incredulo, era agora por mim estudado com mais respeito do que nunca; só muitas vezes succedia, que, bem apezar meu, o lia com animo distrahido, e então não o comprehendia; mas pouco a

pouco me tornei capaz de medital-o com mais força e de gostal-o cada vez mais.

E nem por isso esta leitura me deo a menor tendencia para a beatisse, isto é, para essa disposição mal entendida que nos torna pusillanimes e fanaticos; bem longe disso, me ensinava a amar a Deus e ao proximo, a prezar com mais affeição o dominio da justiça, a detestar a iniquidade, perdoando aos desvairados que se deixam levar desta cegueira. O Christianismo, em vez de destruir em mim algum bem que me proviesse da filosofia, ainda mais o arraigava, corroborando-o com razões mais vigorosas e sublimes.

Um dia, tendo lido que convem orar assiduamente, e que a verdadeira oração não consiste em resmonear palavras á maneira dos pagãos, senão em adorar a Deus com espirito e verdade, tanto em palavras como em acções, fazendo com que umas e outras sejam o complemento de sua sancta vontade, resolvi-me entrar sinceramente nesta incessante oração, protestando não dar entrada na minha alma a um só pensamento, que não fosse animado pelo desejo de resignar-me aos decretos do mesmo Deus.

O meu estilo de oração foi sempre laconico e singelo, mas não era por ter em pouco as longas orações, que mui beneficas as supponho eu, segundo a disposição dos espiritos, para fortificar a attenção que se presta a Deus; mas por quanto me conheço a mim mesmo, e sei que não sou capaz de recitar muitas sem

me deixar levar de distracções, descuidando-me da idêa do culto.

Esta minha attenção em ter-me aturadamente na presença de Deus, em vez de fatigar-me o espirito e encher-me de susto, era para mim de extremo aprazimento. O não deslembrar-me nunca, de que Deus está sempre cerca de nós, que está dentro de nós mesmos, ou antes, que nós estamos nelle, insensivelmente me ia fazendo perder o horror da solidão, e cá no meu interior perguntava a mim mesmo:—Não estou eu por ventura em tam boa companhia?... Este só pensamento era bastante para tranquillizar a minha alma; punha-me a cantar com ternura, e cheio de interior satisfacção.

Oh! sim... dizia eu, pois não podia vir uma febre que me cortasse os dias da vida, e me levasse á sepultura? E por certo que a minha morte havia de ser sentida no fundo d'alma, e pranteada por essas pessoas que amo; mas com o tempo haviam de ir ganhando força de se resignarem com minha perda. Pois então... porque, em vez de uma cova, pouco a pouco me ha de ir tragando uma enxovia, deverei acreditar que Deus os não alentará com a mesma força?

E o meu coração erguia por elles ao ceo as mais ardentes supplicas, supplicas, que as mais das vezes eram mixturadas com lagrimas; mas estas minhas lagrimas, tinham certa doçura. E eu tinha inteira fé em que Deus os protegeria, a elles e a mim. E não me enganei.

VII.

Muito mais suave é viver em liberdade do que ferrolhado em um carcere; quem o duvida? Bem!... pois até nas miserias de um carcere, quando se vive entregue ao pensamento, que Deus está presente; que as alegrias cá deste mundo vão de fugida; que o verdadeiro bem mora na consciencia, e não em deleitações terrenas, póde ainda lograr-se algum prazer na vida. Em menos de um mez já eu tinha deliberado tornar o meu destino, senão de todo, ao menos, um tanto ou quanto supportavel. E conheci que, não querendo commetter a acção indigna de comprar a impunidade á custa da ruina de outrem, ou me havia de caber por sorte um patibulo, ou um dilatado captiveiro. E forçoso era conformar-me. —Hei de respirar em quanto me deixarem um fôllego de vida, dizia eu comigo; e se me tolherem os ultimos alentos, farei como todos os moribundos, quando se lhes aproxima a hora do passamento: —morrerei.

E pondo todo o estudo em me não queixar de cousa alguma, procurava dar á minha alma todas as consolações possiveis. O que mais me recreava era a enumeração de cadaum dos bens que tinham aformosentado meus dias: um bom pai, uma bôa mãi, irmãos e irmãas excellentes, estes e aquell'outros amigos, bôa educação,

o amor das letras... A quem sobrou mais do que a mim feliz ventura? E ainda que agora esta ventura me seja amargurada pelo infortunio, por que o não hei de agradecer a Deus? E quasi sempre aquellas recordações me enterneciam, fazendo-me correr as lagrimas por um instante; mas logo outra vez me revestia de animo e de alegria.

Alcancei um amigo desde os primeiros dias da minha prisão: e não era o carcereiro, nem algum dos *segundos*, nem dos que instruíam o meu processo, mas era todavia uma creatura humana. Quem seria?... um menino surdo-mudo de cinco ou seis annos... O pai e a mãi, tinha-os a lei punido por ladrões. O infeliz orfãosinho era sustentado á custa do Estado com outras muitas crianças da mesma condição. Habitavam todos uma casa fronteira ao meu carcere, e a certas horas se lhes abria a porta para poderem saír a tomar ar no pateo.

O surdo e mudo chegava-se para debaixo da minha janella, e punha-se a fazer-me assenos com meiguice e ar de riso. Então eu atirava-lhe com um bom pedaço de pão; e elle, assim que o apanhava, dava um salto de contente, e corria a repartil-o com os companheiros; depois vinha comer o seu boccado para junto da minha janella, e com o sorrir de seus lindos olhos me exprimia o seu agradecimento.

As outras crianças me attentavam de longe, mas não se atreviam a chegar-se: o surdo-mudo tinha grande

sympathia por mim; e não era só por causa do interesse; pois algumas vezes, sem saber o que havia de fazer do pão que lhe eu atirava, dava-me a entender por signaes, que elle e seus companheiros tinham comido bastante, e nada mais podiam comer; e se via algum dos *segundos* encaminhar-se para o meu quarto, entregava-lhe o pão para que mo tornassem. E o pobrezinho, sem esperar então as minhas dadivas, continuava do mesmo modo a brincar por diante da minha janella com uma graça cheia de amabilidade, e como que regozijando-se do prazer que lhe eu demostrava em o ver. Uma vez, um dos *segundos* consentio-lhe o entrar na minha prisão. Apenas entrado, corrêo a abraçar-me pelas pernas, dando um grito de alegria: tomei-o nos meus braços, e é impossivel descrcver com que transporte me encheo de caricias. Que amor naquella querida alminha!... Quanto não desejaria fazel-o educar, e salval-o da abjecção em que se achava!

Nunca lhe soube o seu nome. Elle mesmo ignorava que o tivesse. Andava sempre alegre, e nunca o vi chorar, senão uma unica vez, em que o carcereiro lhe deo, não sei por que. Admiravel cousa! Viver em sitios taes parece ser o cumulo da desdita, e comtudo esta criança, de certo, era alli tam feliz como desta idade o podia ser o filho de um principe! Occorreo-me esta reflexão, e vim no conhecimento de que os logares não influem na boa ou má disposição do espirito. Basta tam sómente, regularmos a nossa imaginação para que nos

dêmos bem em qualquer parte. Um dia depressa se passa; e quando á noite nos deitâmos sem fome e sem dores agudas, que mais vai que o leito esteja entre quatro paredes a que chamamos—carcere—,ou entre outras a que damos o nome de—casa—, ou de—palacio—?

Optimo raciocinio! Mas por que maneira hemos de senhorear a nossa imaginação?... quiz experimentar se podia soffreal-a, e algumas vezes cheguei a persuadir-me que o conseguira admiravelmente; mas outras vezes, de ensoberbecida, não lhe podia ter mão, e ficava envergonhado da minha cobardia.

VIII.

Devo ter-me por feliz no meio da desventura, dizia eu comigo, por me terem dado uma prisão terrea sobre este pateo, onde, a quatro passos de distancia, vem este querido menino, cuja muda conversação me é tam agradavel. Oh! quanto não é maravilhosa a intelligencia humana! Quantas cousas não nos dizemos ambos com esta linguagem, só de gesto e de physionomia, mas que tanto abunda em expressão!... Com que enfeite e compostura não engraça os seus movimentos quando me vê sorrir, e os não corrige quando vê que me desagradam! Quanto se não persuade que mais o estimo,

se regala ou afaga algum dos seus companheiros! Talvez que no mundo ninguem o imagine... e comtudo, aqui desta mesma janella, estou, que posso servir de mestre a esta pobre criancinha! Á força de repetir este mutuo exercicio de signaes, hemos de ir aperfeiçoando a communicação das nossas idéas; e quanto mais elle for conhecendo, que lhe vou instruindo e illustrando a alma, mais affecto me ha de ir criando. Eu serei para com elle o genio da razão e da bondade; elle aprenderá a confiar-me as suas penas, os seus prazeres e os seus desejos; e eu prestar-lhe-hei consolações, inspirar-lhe-hei sentimentos nobres, e regularei todo o seu proceder... Quem sabe, se espaçando-se sempre de mez em mez a decisão de minha sorte, aqui me deixarão envelhecer? Quem sabe, se os meus olhos verão ir crescendo este menino, e se virá tempo em que o empreguem em algum serviço nesta triste morada? Que virá elle a ser com tanto espirito como já mostra? Ai! talvez nada mais do que um excellente *segundo,* ou qualquer outra cousa de igual condição! Oh! sim... e não será por ventura um acto louvavel, il-o habituando a sentimentos humanos e affectuosos?... ir-lhe arraigando n'alma o desejo de grangear a estima de si mesmo e a dos homens probos?

Estas reflexões, que eu fazia só comigo, nasciam-me do coração. Tive sempre natural inclinação para crianças, e a profissão de mestre parecia-me tam sublime, que eu mesmo a abracei por alguns annos, tendo por

discipulos Jacome e Julio P***, dous moços de grandes esperanças, que amei tanto como se fossem meus filhos, e estimarei sempre como taes. Deus bem sabe, quantas vezes na prisão me lembrava delles, e o quanto me affligia por lhes não ter podido ultimar a educação! Deus bem sabe o fervor das minhas supplicas, para que houvessem de deparar com um novo mestre, cujo amor por elles igualasse ao meu.

Ás vezes exclamava comigo mesmo:—Ai! que tristes e estranhos contrastes não offerece o mundo!... Em vez de Jacome e de Julio, crianças com quem a natureza se esmerou tanto, e para quem a fortuna foi tam prodiga, cabe-me agora um discipulo com o qual uma e outra foi tam escassa! um pobrezinho surdo e mudo, esfarrapado, filho de um ladrão... que, o mais que póde vir a alcançar, é um emprêgo de *segundo,* o que em expressão pouco menos polida, corresponde ao nome de —esbirro.—

Estas reflexões me faziam esmorecer e descoroçoar; mas ainda bem não presentiam os meus ouvidos qualquer grito dorido daquelle menino, já o sangue se me revolvia dentro em mim, como se eu fôra um pai que ouvisse um gemido de seu filho. Bastava-me vel-o ou sentil-o gritar, para logo se me desvanecer a mais leve idéa de baixeza de sua condição.—E que culpa tem o coitadinho de fallecer-lhe a voz e o ouvido, de andar coberto de andrajos, e de ser de raça de ladrões? Na idade da innocencia toda a alma humana é sempre res-

peitavel. Assim dizia eu comigo, e cada dia lhe ía criando mais viva affeição; figurava-se-me vel-o ir medrando em intelligencia; e tanto me crescia o desejo de illustrar-lhe a alma, e de lhe ir affeiçoando a vontade á virtude, que, de dia em dia, me fortificava nesta doce resolução; e discorrendo por todas as possibilidades, vinha-me ao pensamento, que talvez houvesse ainda de amanhecer dia em que chegasse a ver-me livre dos ferros, e então haveria modo de accommodar esta criança no collegio dos surdos-mudos, e assim lhe abrir caminho para melhor sorte que a de esbirro.

Em tanto que eu me occupava tam deliciosamente com a imagem lisongeira do seu fortunoso porvir, dous *segundos* vieram um dia surprehender-me.

—É preciso mudar de quarto, senhor.

—Que é o que me quereis dizer com isso?

—Que temos ordem de o passar para outra casa.

—Então porque?

—Passaro de maior vulto foi caçado; e como este quarto é o melhor.... o senhor bem me entende...

—Entendo, sim: aqui é a primeira pousada para os que chegam de novo.

Fui então conduzido ao lado opposto do pateo; mas... ai de mim! que o quarto que me deram não era terreo como o outro, onde tinha o prazer de entreter-me com o meu querido mudo! Ao atravessar o pateo vi aquelle menino assentado no chão com ar triste e espantado: o pobrezinho conheceo logo que me perdia, e no mesmo

instante se levantou e corrêo para mim: os *segundos* quizeram desvial-o, mas eu o tomei logo nos braços; nem tive asco de vel-o sujinho como estava; abracei-o com todo o carinho e ternura, separando-me delle, não sei se o diga... com os olhos arrazados de lagrimas.

IX.

Coitado de ti meu coração!... tu amas com tanta presteza e com tanto fogo! e a quantas separações não tens já sido condemnado! Ai! esta não foi por certo a menos dolorosa! e tanto mais eu a sentia quanto mais triste achava o meu novo aposento. Era um máo quarto, escuro, immundo, com uma janella sem vidros, apenas reparada com papel; as paredes sordidas, e manchadas de asquerosas pinturas de côr que me não atrevo a nomear: por entre estas viam-se entremeadas varias inscripções. Muitas declaravam tam somente o nome, sobrenome e patria de algum desgraçado e a data do dia funesto da sua prisão: outras accrescentavam imprecações contra os falsos amigos, contra si mesmos, contra alguma mulher, contra os juizes, &; outras revelavam em resumo a historia daquelles infelizes; outras continham sentenças moraes; e lá estavam escriptas estas palavras de Pascal:

«Aquelles que atacam a Religião conheçam ao menos

em que ella consiste antes de a combater. Se esta Religião se jactasse de nos mostrar clara e distinctamente um Deus, de o possuir patente e sem véo, e de manifestal-o á evidencia dos nossos sentidos, seria menos atrevido combate o dizer-se, que nada se encontra no mundo que o atteste com similhante evidencia; mas porém, se ella em contrario affirma, que os homens permanecem na escuridade e arredados de Deus; se este Deus se occulta ao seu conhecimento; se até o nome que se lhe dá nas Escripturas é o de *Deus absconditus,* que fructo esperam elles de colher, quando entregues ao descuido e desleixamento no estudo da verdade, clamam que a verdade se lhes não manifesta!»

E mais por baixo estavam escriptas estas palavras do mesmo auctor:

«Não se trata aqui do interesse mesquinho de quaesquer pessoas estranhas: trata-se de nós mesmos, do que somos e hemos de ser. A immortalidade da alma é cousa em que nos vai tal preço e nos toca tanto ao vivo, que fôra mister fallecer-nos de todo o sentimento para levarmos com indifferença o conhecel-a.»

Outra inscripção dizia:

«Abençoada seja esta minha prisão, pois só nella vim a conhecer a ingratidão dos homens, a minha miseria, e a bondade de Deus.»

Perto destas humildes palavras estavam virulentas e soberbas imprecações de um homem que se dizia atheo,

e se conspirava contra Deus: miseravel!... esquecia-se que lhe havia negado a existencia!

Depois de uma columna de similhantes blasphemias, seguia-se outra de injurias contra os *velhacos,* que assim denominava elle aos que o infortunio da prisão torna religiosos.

Mostrei estas abominações a um dos *segundos,* e perguntei-lhe, quem as tinha escripto.—Folgo bem de topar com esta inscripção, me disse elle; são tantas! nem me chega o tempo para as procurar.

E sem dizer mais nada, pegou de uma navalha, e entrou a raspar a parede para sumir-lhe o letreiro.

—Porque é isso? lhe perguntei eu.

—É por que o miseravel que a escreveo, e que foi condemnado á morte por homicidio premeditado, veio a arrepender-se, e pedio-me que, por caridade, lha apagasse.

—Deus lhe perdôe! exclamei eu. Que homicidio commetteo elle?

—Não podendo assassinar o seu inimigo, vingou-se matando-lhe um filho, criança a mais linda que cobria o sol.

Fiquei passado de horror... Pois a tanto póde chegar a ferocidade? E similhante monstro tinha a linguagem insultante de um homem superior a todas as fraquezas humanas! Assassinar um innocente!... uma criança!...

X.

E o coração se me opprimia de tristeza, vendo-me fechado naquelle novo carcere tam sombrio e asqueroso, sem ter ao menos a consolação de ver o meu querido mudo. Cheguei-me para a janella; e alli me deixei ficar por muitas horas. Aquella janella caía sobre uma galeria, para além da qual se avistava o fundo do pateo e a janella do meu primeiro quarto. Quem me succederia nelle? Divisei lá um homem a passear, e os passos que dava eram tam rapidos, que bem demostravam a inquietação da sua alma. Passados dois ou três dias, vi que lhe fôra consentido escrever, e em todo o dia não se tirava da banca.

Finalmente vendo-o saír do seu quarto, acompanhado do carcereiro para ir a perguntas, pude reconhecer quem era... era Melchior Gioja!

E mal o conheci, o coração se me apertou. Pois tambem tu, homem honrado!... tambem tu, neste logar! Foi mais feliz do que eu; passados alguns mezes de prisão saío solto.

A presença de um homem virtuoso enche-me de consolação, entranha-me alegria n'alma, e instiga-me a reflectir. Ah! o reflectir e amar é lucro sempre certo e avantajado! Eu dera minha propria vida só por salvar aquelle illustre preso; e comtudo consolava-me de o ver.

E depois de o estar a observar por muito tempo, e de estudar por seus movimentos, se o seu espirito estaria tranquillo ou inquieto, de lastimar a sua sorte e de fazer supplicas por elle, sentia em mim uma nova força, e mais affluencia de idéas, e mais interior contentamento. Quanto não val o ver uma creatura humana por quem temos apêgo! A sua presença é bastante para suavisar as penas da solidão. Quem primeiro me fez conhecer este beneficio foi uma criança muda e pobrezinha; e novamente pude conseguil-o, vendo ao longe um homem de grande merecimento.

Cuido que algum dos *segundos* lhe fez saber onde eu estava. Um dia de manhãa, abrindo a janella vi que me assenava com o lenço como para dizer-me adeus. Respondi-lhe com o mesmo signal. Oh! que prazer me trasbordou n'alma em aquelle instante! Parecia-me ter desapparecido a distancia entre nós ambos, parecia-me estar junto delle! O coração se me sobresaltou como o de um namorado quando torna a ver a sua amante querida. Sem nos entendermos um ao outro, faziamos signaes, como se nos entendessemos; ou para melhor dizer, nós realmente nos comprehendiamos, poisque estes ademães exprimiam todos os affectos de nossas almas, e o que uma dellas sentia não ignorava a outra.

Quanto de consolação nos não promettiam no futuro aquellas saudações de amigo! Mas o futuro chegou, e similhantes demonstrações não tornaram a repetir-se. Cada vez que eu via Gioja chegar-se á janella punha-

me a assenar-lhe com o lenço, mas debalde! Soube pelos *segundos* que lhe fôra prohibido corresponder aos meus signaes, ou solicital-os. Entretanto muitas vezes nos viamos um ao outro; e isto era bastante para dizermos muitas cousas.

XI.

Pela galeria que me ficava por debaixo da janella, ao mesmo livel da minha prisão, passavam e tornavam a passar desde manhãa até á noite presos que íam e voltavam de perguntas, acompanhados de um *segundo*. Pela maior parte eram pessoas de baixa relé; mas entre estes reparei em alguns que me pareciam de mais elevada condição. E ainda que, pela rapidez com que passavam, não era possivel affirmar-me bem nelles, é certo que todos me prendiam a attenção, e todos me interessavam mais ou menos. Nos primeiros dias este tam triste espectaculo era para mim um novo tormento; mas pouco a pouco me fui acostumando, até que já por fim não me intimidava tanto o horror da solidão.

Tambem por alli via passar muitas mulheres presas. Daquella galeria descia-se por debaixo de uma abobada para outro pateo, onde estavam os carceres das mulheres. Apenas uma fraca parede me separava da morada daquellas infelizes, que ora me aturdiam com suas can-

tigas, ora com seus ralhos e vozerias. Pela noite adiante, depois de tudo em socego, sentia-as conversar.

Não me fôra difficil travar conversação com ellas; mas abstive-me disso; e não sei por que. Seria timidez? orgulho? ou receio prudente de me affeiçoar a mulheres aviltadas? Talvez devessem cooperar todos estes motivos. A mulher quando é como deve ser, é para mim uma creatura tam sublime! O vêl-a, o ouvil-a, e o fallar-lhe, enriquece-me o espirito de nobres imagens. Mas a mulher envilecida e desprezivel, perturba-me, afflige-me, e quebra-me de todo o encanto do coração.

E comtudo (*comtudo* é palavra indispensavel para pintar o homem, creatura tam complicada), entre estas vozes feminís havia algumas que eram suaves; e, porque me hão de estranhar se o disser?... havia algumas, que tambem me eram queridas. Uma com especialidade, tinha mais enternecido accento do que as outras; ouvia-se menos vezes; e os pensamentos que exprimia não eram pensamentos vulgares. Cantava pouco; e quasi sempre eram estes dois versos melancolicos:

Chi rende alla meschina
La sua felicità?

Quem dar póde á desditosa
Sua perdida ventura?

Algumas vezes cantava a Ladainha; e as companheiras a acompanhavam em côro; mas eu tinha o dom de

differençar a voz de Magdalena d'entre as das outras, que de proposito pareciam desafiadas em ma quererem desviar dos ouvidos.

Sim... Magdalena, era o nome desta desgraçada, desta desditosa, que tanto se lastimava e condoía de suas companheiras quando com ella vinham desafogar suas magoas, sabendo inspirar-lhes confôrto com estas palavras:

—Animo! querida amiga... que Deus nunca desampara os infelizes.

E quem poderia estorvar-me, que ella se me pintasse no pensamento com attractivos de formosura, e mais infeliz do que criminosa, nascida para a virtude e capaz de procural-a de novo, se della se houvesse extraviado?

Quem se atrevêra a censurar-me, por me enternecer de a ouvir, por tanto me aprazer escutal-a, e por eu rogar por ella com particular fervor?

Respeitavel é por certo a innocencia; mas quanto o não é tambem o arrependimento? O melhor dos homens, o Homem-Deus, dedignava-se acaso de pôr seus olhos apiedados sobre os peccadores, de dar apreço á sua confusão, de os admittir ao numero das almas que mais honrava?... Pois então, porque havemos de desprezar tanto a mulher, que tem a máventura de caír na ignominia?

E discorrendo assim, cem vezes estive a ponto de levantar a voz, e de fazer a Magdalena uma declaração de amor fraternal. Uma vez, já me tinha escapado dos

labios a primeira syllaba do seu nome:—Magd!...—Estranha cousa!... Com menos força não pulsára coração de moço namorado na idade dos quinze annos, e eu tinha trinta e um, que já não é a idade das palpitações da adolescencia.

E não pude ir mais por diante. Tornei a principiar:—Magd!... Magd!... Foi inutil. Tive-me em conta de ridiculo, e exclamei enraivecido:—*Matto!* (louco) e não Magd!

XII.

Assim deo fim o meu romance com aquella pobre desgraçada. Confesso que lhe devo ao menos esses gratos sentimentos que logrei por algumas semanas. Se umas vezes estava opprimido de tristeza, a sua voz me reanimava; se outras vezes me indignava contra os homens, por que reflectia na sua ingratidão ou em seu abjecto proceder, e chegava a abominar o mundo inteiro, tal era a magía da voz de Magdalena, que de prompto me dispunha para a compaixão e benevolencia.

Oxalá, ó criminosa desconhecida, que tu não fosses condemnada a dura pena!... Qualquer que tenha sido a tua sentença, praza a Deus que ella te sirva de lição para te lavares da nodoa com que te manchaste, para vivêres e morreres bemquista do Senhor!... Permitta o ceo que tam lastimada sejas por todos os que te conhe-

cerem como o foste por mim que te não hei conhecido! Assim possas inspirar aos que te virem tanta paciencia e doçura, tanta soffreguidão pela virtude, e tanta confiança em Deus, como inspiraste áquelle que te amou sem nunca te ver!... Talvez que a phantasia se me illuda pintando-te com attractivos de belleza; mas tua alma... estou bem certo que era bôa. Rudes e grosseiros eram os termos com que se exprimiam tuas companheiras; mas a tua linguagem era a do pudor e a da decencia... Palavras blasphemas crestavam os labios daquellas desgraçadas; tu, com doces expressões de bemquerença, só louvavas e bemdizias a Deus... Se altercavam umas com outras, tu logo as apaziguavas em suas querellas... Ah! se tiveste a ventura de acertar com alguem que te soccorresse com nobreza de sentimentos; se tiveste a ventura de acertar com mão amiga, que te desviasse da estrada da deshonra, e te enxugasse as lagrimas; Deus permitta que todas as consolações chovam sobre esse tal, sobre seus filhos, e sobre os filhos de seus filhos!

Contigua á minha, estava uma prisão, habitada por muitos homens. Tambem os eu sentia fallar: um delles parecia prevalecer aos outros em auctoridade, não por que fosse talvez de mais elevada condição, mas sim se estremava por sua maior facundia e audacia, fazendo (como é costume dizer-se)—de doutor.—Disputava com os seus adversarios, e reduzia-os ao silencio, só pelo tom imperioso de sua voz e impetuosidade de suas palavras; dictava-lhes o que haviam de pensar e sen-

tir; e estes, depois de alguma resistencia, acabavam por lhe dar razão em tudo.

Desgraçados! Nem um só daquelles infelizes suavisava os dissabores da prisão, exprimindo algum terno sentimento, e pouco que fôsse de Religião e de amor! O chefe dos taes visinhos me saudou; e eu respondi ao seu cumprimento. Perguntou-me como eu passava *esta maldita vida.*—Tornei-lhe, que, por mais triste que fôsse a vida, nunca seria maldita para mim; e que em quanto não chegasse a morte, me convinha gozar a consolação de pensar e amar.

—Explique-se, Senhor, explique-se.

Expliquei-me; mas não fui percebido. E quando, depois de estudados rodeios, e precauções oratorias, me atrevi a indicar-lhe, como exemplo, a tam viva ternura, que me inspirava a voz de Magdalena, o chefe desatou ás gargalhadas.

—Que é lá isso? que é lá isso? gritaram todos os companheiros.

O miseravel fez chacota de minhas palavras, repetindo-lhas desfiguradas, o que deo occasião a retumbarem em côro novas e successivas risadas, de modo que fiz perfeitamente a figura de um tolo.

Acontece na cadêa, o que cá por fóra todos os dias se vê: que os que presumem de sabios, por que murmuram, e se queixam, e desacreditam o seculo e os homens, taxam de loucura a compaixão, o amor, e as consolações religiosas, que nos vem suggeridas por su-

blimes apparencias, que honram a humanidade e o seu Auctor.

XIII.

Deixei-os rir sem lhes tornar palavra. Por duas vezes tentaram dirigir-ma, mas eu sempre em silencio.

—É que já não está á janella:—talvez já se retirasse para dentro:—apósto que está a escutar os suspiros de Magdalena:—quem sabe se se escandalizaria com as nossas risadas?

—E assim se entretiveram a fallar por alguns instantes, até que o chefe mandou calar os que ainda cochichavam á minha custa.

—Calai-vos lá, patetas, que não sabeis o que dizeis. Este visinho não é tam asno como suppondes. Vejo que não sois capazes de reflectir em cousa alguma. Eu cá, rio-me; mas ao depois entro em mim, e ponho-me a reflectir. Todos os bandidos costumam como nós outros, fazer o seu papel de enraivados. Mas quero agora que me digais francamente:—que é o que vos indica uma alegria mais tranquilla, mais alguma caridade, e mais alguma confiança nos beneficios do ceo?

—Agora, que eu tambem entro mais em mim, respondeo um dentre elles, parece-me que isso é signal de não ser tam bandido como nós somos.

—Bravo!... gritou o chefe com voz de Stentor: —daqui por diante já dou mais pela tua cachimonia.

A dizer a verdade, o passar só por menos bandido do que elles, não era para lisonjear muito o meu amor proprio; mas apezar disso experimentei tal ou qual alegria, conhecendo que aquelles miseraveis se tornavam de melhor aviso sobre o quanto importa cultivar os sentimentos de benevolencia.

Eu então fiz ranger os caixilhos da janella, como se alli chegasse naquelle instante. O chefe chamou por mim; e eu lhe respondi, cuidando achal-o disposto a moralisar a meu modo; mas enganei-me, que os espiritos vulgares negam-se a raciocinios serios: se alguma nobre verdade lhes transluz como relampago atravez de sua intelligencia, applaudem-na por um instante; mas logo a desviam do pensamento, sem que resistam á tentação de querer ostentar esclarecido senso; pondo-a em duvida, e escarnecendo-a.

Perguntou-me depois, se eu estava preso por dividas?

—Não, lhe respondi.

—Accusado de fraude, talvez? Bem entendido... falsamente.

—Nada: por outra cousa.

—Cousas de amor?

—Não.

—Homicidio?...

—Tambem não.

—Por carbonario?

—Não ha duvida.

—E que quer dizer isso de carbonario?

—Conheço-os tam pouco, que não vol-o sei dizer.

Nisto fomos interrompidos por um *segundo,* que cheio de colera desafogou em um torrente de improperios contra meus visinhos; e depois, voltando-se para mim, com gravidade mais propria de mestre do que de esbirro, soltou estas palavras:—Forte vergonha! que o senhor assim leve a bem conversar com toda a casta de gente! O senhor não sabe que estes homens são ladrões?

Fiquei corrido, e depois ainda mais vexado fiquei por me ter envergonhado; pois tenho para mim, que o conversar com os infelizes, qualquer que seja sua condição, é mais prova de bondade do que delicto.

XIV.

No dia seguinte, de manhãa, cheguei-me á janella para ver Melchior Gioja; mas não tornei mais a conversar com os ladrões. Respondi aos seus cumprimentos, e dei por desculpa:—que me era prohibido o fallar-lhes.

Logo depois chegou o escrivão do meu interrogatorio, e dirigindo-se a mim com ar misterioso, annun-

ciou-me uma visita que me havia de dar contentamento; e assim que se persuadio haver-me assás prevenido, disse-me:—Em summa é vosso pai; tende a bondade de acompanhar-me.

Seguio, e descemos á casa das conferencias, batendo-me o coração de contentamento e ternura, e esforçando-me por mostrar semblante sereno, que tranquillisasse meu pobre pai.

Quando soube a principio da minha prisão, não lhe deu grande cuidado, suppondo que sería motivada por meras suspeitas de pouco vulto, e que eu não tardaria a saír da cadêa. Mas já desconfiado da demora, veio requerer minha soltura ao Governo austriaco. Deploraveis illusões do amor paterno! Custava-lhe acreditar que eu fôsse tam temerario, que me expuzesse ao rigor das leis; e a estudada alegria com que lhe fallei, ainda mais o persuadio do meu pouco receio de maiores desgraças.

Nem eu tenho palavras com que possa descrever o interior abalo que me causou esta breve conversação; e tanto mais custoso de supportar, quanto mais violentado me via, por ter de reprimir a menor apparencia de agitação.—Ainda mais difficil me foi não o dar a conhecer, quando foi mister separar-nos.

Tinha eu por certo, nas circumstancias em que então se achava a Italia, que a Austria daria exemplos de extraordinario rigor, e que ou uma sentença de morte, ou um longo cativeiro, me caberia por triste azar. Dis-

simular esta convicção a um pai!... enganal-o com demonstrações de fundadas esperanças em minha propria liberdade! não desfazer-me todo em lagrimas ao abraçal-o, ao fallar-lhe de minha mãi, de meus irmãos e de minhas irmãas, com quanto me viesse á lembrança o não tornar mais a vel-os sobre a terra!... ter de pedir-lhe, com voz desafogada e não cortada pela dor, que ainda tornasse a me ver, se podesse!... Ah! nunca, nunca meu coração passou por mais violentos tractos.

E o coitadinho se partio mui consolado por mim, e eu voltei para o meu carcere com o coração despedaçado. Apenas me vi sosinho, cuidava achar desabafo com o muito derramar de lagrimas; mas pobre de mim, que até este allivio me falhou! e rompi em soluços sem poder verter uma só. Ah! que é tormento dos mais crueis de soffrer, o não poder chorar, em tanto que se está cortido de violentas dores!... E este tormento... ai! que de vezes o não hei supportado!

Sobreveio-me uma febre ardente acompanhada de fortissimas dores de cabeça. Em todo aquelle dia não tomei nem uma colher de caldo. Ah! dizia eu, não ser isto uma enfermidade de morte, que me encurtasse os amargurados dias do meu martirio, despenando-me desta triste vida!

Desejo tam cobarde, como insensato! Deus não mo escutou; e agora lho agradeço, não só porque tendo-se passado dez annos de prisão, tornei a ver a minha querida familia, e posso chamar-me feliz, senão tam-

bem porque os trabalhos esforçam o valor ao homem, e tenho para mim, que elles me não foram inuteis.

XV.

Passados dous dias voltou meu pai; e eu reparado por um somno tranquillo, senti-me sem febre. Compuz minha presença, tomei um ar desafogado e alegre: ninguem se persuadiria que meu coração tivesse soffrido e continuasse ainda a soffrer tanto.

Confio, me disse meu pai, que daqui a poucos dias serás mandado para Turim. E até já te hemos preparado o quarto, e te esperâmos com grande impaciencia. Os deveres de meu emprego me obrigam a partir quanto antes. Filho! faze diligencia por saír breve... não te descuides, eu to peço... apressa-te a ir ter comnosco.

Cortava-se-me a alma com palavras tam maviosas, e tam cheias de bondade. O disfarce parecia-me um dever de piedade filial; mas, sem embargo disto, não me atrevia a dissimular sem um certo remorso. Não dera eu mais digna prova de animo esforçado, se dissera para meu pai: — É de crer que nos não tornemos a ver cá neste mundo: separemo-nos como homens, sem mais queixas nem gemidos; e ouça eu pronunciarem-se sobre mim as queridas palavras de benção de meu pai?

Esta linguagem d'alma mil vezes me fôra mais grata que o fingimento; mas, pondo-me attento a reparar para os olhos daquelle venerando velho, e para as suas feições, e para os seus cabellos encanecidos, parecia-me que o infeliz não tinha valor para ouvir taes cousas.

E dêmos que, por lhe não querer encobrir a verdade, eu via que o desditoso se deixava levar de desesperação, que, talvez de esmorecido, se me desfallecia de todo, e que talvez (ó idêa pavorosa!) cortado de angustias, vinha a ficar-me nos braços!

Por isso não me atrevi a fallar-lhe verdade, nem dei azo a que elle houvesse de entrevel-a; e a minha dissimulada tranquillidade o illudio completamente. Despedimo-nos sem lagrimas; mas logo que voltei para o carcere me tornei de novo ás mesmas magoas que d'antes, e mais crueis ainda; e por mais que eu invocasse o beneficio das lagrimas, foi em vão... nem uma sequer me assomou aos olhos!

Para me resignar a todo o horror de uma longa prisão, até para resignar-me a um patibulo, sobravam-me forças de animo; mas para resignar-me á dor sem termo, que meu pai, minha mãi, irmãos e irmãas, houvessem de sentir!... ah! que isto era um esforço onde todo meu animo não alcançava.

Prostrei-me então por terra com tal fervor, como tamanho ainda o não tivera, e proferi esta oração:

—Meu Deus! acceito tudo quanto vos prouver dardes-me por vossa mão; mas, Senhor, fortalecei com tal

vigor o coração daquelles que necessitam de mim, que a falta que lhes eu faço, a não sintam elles; e que, por tal motivo, não tenha sua vida de abreviar-se um dia só que seja!

Oh! portentoso beneficio da oração! Fiquei por muitas horas com a alma enlevada em Deus; e crescia a minha confiança pela medida que meditava sobre a misericordia divina e sobre a grandeza da alma humana, quando se desapega de seu proprio egoismo, e só cuida em não ter outra vontade, que não seja a da infinita Sabedoria.

Sim... nem isto fôra para maravilhar, se o homem cumprisse o seu dever! A razão, que é a voz de Deus, a razão nos está mostrando, que é mister sacrificarmos tudo á virtude. E como ha de ser perfeito o sacrificio que devemos fazer á virtude, se nos casos mais dolorosos, se nas tempestades e sobreventos da vida, nos puzermos em lucta contra a vontade daquelle, que é o principio de toda a virtude?

Quando se não póde evitar o patibulo ou qualquer outro martyrio, o não ter animo de o encarar, louvando a Deus ao mesmo tempo, é signal de miseravel aviltamento ou ignorancia. Então é força que nos resignemos, não só á nossa propria morte, senão tambem á afflicção por que tem de passar esses de quem somos queridos. Então, nada mais nos resta, do que pedir a Deus allivio e consolação para todos. Esta supplica é sempre ouvida.

XVI.

Assim passaram alguns dias, e eu continuava no mesmo estado; isto é, entregue a uma doce tristeza, cheia de paz e de religiosos pensamentos. Cheguei a considerar-me superior a todas as fraquezas, e inaccessivel a qualquer inquietação. Louca illusão!... que o homem, devendo aspirar á perfeita constancia, nunca chega a logral-a sobre a terra. Que é o que de novo veio perturbar-me? O dar com os olhos em um amigo desgraçado, no meu bom Piero, que em quanto eu estava á janella, passou na galeria a alguns passos distante de mim. Haviam-no arrancado do seu ninho para o conduzirem aos carceres dos criminosos.

E passaram com tal rapidez, elle e os que o acompanhavam, que apenas me deram tempo de reconhecel-o, e de reparar e corresponder-lhe ao signal de amizade com que me saudou.

Infeliz moço! ainda no viço da idade; com engenho, que tam brilhantes esperanças agourava; de caracter probo, meigo e extremoso; em proporções de illustrar seu nome; eil-o precipitado em uma prisão por motivos politicos, em tempo que não poderá evitar os golpes mais enfurecidos da lei!

E fiquei por elle tam demovido, com tal magoa de o não poder livrar, e de nem sequer poder confortal-o com minha presença e palavras, que não havia cousa

alguma que me désse allivio. E sabendo eu quanto elle era carinhoso para com sua mãi; e quanto prezava seus irmãos e irmãas, e cunhado, e sobrinhos ainda meninos; e quanto ancioso elle desejava cooperar para a fortuna dos seus; sabendo, emfim, com quanta bemquerença dignamente lhe correspondiam todos estes objectos de sua ternura, senti qual deveria de ser a afflicção destes atribulados em tamanha adversidade. Não ha termos que exprimam a sanha que então de mim se apoderou; e tanto esta ía por diante, que cheguei a recear de lhe não poder pôr cobro.

Mas este frenetico receio tambem era uma illusão. Ó corações afflictos, que vos credes victimas de uma dor invencivel, atroz e progressiva sempre, tende um nada mais de paciencia e desenganar-vos-heis!

Perfeito repouso ou extrema inquietação, não busqueis topal-a cá neste mundo, que nem esta, nem aquelle o encontrareis de dura. Hemos de ter sempre ante os olhos esta verdade, porque não succeda ensoberbecermo-nos nas horas de prosperidade, nem aviltarmo-nos nas de perturbação e infortunio.

Estancaram-se-me as forças depois de tam prolongado e frenetico transporte, e caí em apathia; mas como esta tambem não dura muito tempo, e eu receasse para o diante não ter recurso na alternativa entre esta e o excesso opposto, estremeci ao dar com os olhos na perspectiva de similhante futuro, e ainda por esta vez me soccorri fervoroso á oração.

Pedi a Deus que houvesse de assistir ao meu infeliz Piero como se fôsse a mim, e tambem á sua familia como se fôsse a minha. E só com o repetir destas supplicas é que pude alcançar verdadeira tranquillidade.

XVII.

Abonançada aquella embravecida tempestade de meu espirito, puz-me a reflectir nos impetos furiosos de que tinha deixado entranhar-me; e indignado de minha fraqueza, estudei o modo de a curar. Vim a o conseguir por este meio que vou dizer. O meu primeiro cuidado, todas as manhãas, logo que acabava de dirigir ao creador uma breve oração, era procurar fazer uma solicita resenha de todos os acontecimentos susceptiveis de abalar-me e commover-me o espirito: em cada um de per si fixava a minha fantasia; qualquer delles me servia de ensaio: desde a visita das creaturas mais da minha affeição até á do proprio algoz, eu as imaginava todas.

Este triste exercicio pareceo-me intoleravel por alguns dias; mas quiz perseverar nelle, e ao cabo já me não dava pena.

No primeiro dia do anno de 1821, o conde Luigi P*** obteve consentimento para visitar-me. A terna e estreita amisade que nos unia; o muito que precisava-

mos fallar; o obstaculo, que oppunha a esta effusão de nossas almas a presença de um official de justiça; o pouco tempo que se nos permittio estarmos juntos; os sinistros presentimentos que me atormentavam; a apparente paz de espirito, que elle e eu, com violencia inculcavamos; tudo isto, parecia dever sublevar-me no coração a mais impetuosa tormenta. Ao separar-me de tam querido amigo, não pude deixar de enternecer-me, mas ao menos fiquei tranquillo. Tam efficaz nos é o estarmos precavidos contra violentas agitações!

Todo o meu empenho por conseguir um socego constante, era menos com o fim de suavizar o meu infortunio, do que de me esquivar á inquietação, que tam despresivel cousa me parece, e tam indigna do homem. O espirito inquieto nem sabe, nem póde reflectir; de envolta com um turbilhão irresistivel de idéas exageradas, só póde discorrer com logica absurda, furibunda e perversa; e eil-o que resvala em um estado absolutamente anti-filosofico e anti-christão.

Se eu fôsse prégador, havia de pugnar com empenho pela necessidade de desterrar a inquietação; pois tenho para mim, que não póde haver estado mais alheio da virtude. Oh! e como era pacifico comsigo mesmo e para com os outros, aquelle, a quem todos á porfia devemos imitar! Escusado é procurar grandeza d'alma nem justiça, onde não houver idêas moderadas, onde o espirito, em vez de accommodar-se resignado aos trabalhos desta curta vida, se exaspere de enfadado.

A colera só tem algum prestimo, quando aconteça, o que é mui raro, que por sua intervenção se espere conseguir humilhar um perverso, e desvial-o da carreira da iniquidade.

Talvez que ainda haja impetos de natureza diversa, e menos reprovados do que esses que eu conheço; mas o que me havia levado de vencida, não era um transporte de furor, só procedido de afflicção: entrava nelle sempre espirito de rancorosa malquerença, e nimia propensão para a maledicencia, e um não poder resistir ao desejo de pintar a sociedade, e estes e aquell'outros individuos com as mais execraveis côres. Ai! que assim no mundo é pestifera uma tal molestia! Que o homem se tenha em melhor conta, por aborrecer os outros!... Como que todos os amigos se dissessem ao ouvido: — hemos de amar-nos tam sómente a nós outros; brademos por'hi, que tudo o mais é uma vil caterva; e assim haver-nos-hão por semideoses.

Oh! pasmosa cousa! como a vida, assim passada em transportes de colera, nos recreia tanto! Até vai nisto uma especie de heroismo! E se deixa de existir o objecto contra o qual ontem nos conspirámos, logo hoje buscâmos outro. De qual me queixarei eu hoje? quem ha de ser o objecto do meu odio? Será este o monstro?... Oh! que alegria!... eil-o cá está! a elle, amigos, dilaceremol-o!...

Assim vai o mundo... e sem o dilacerar, bem posso dizer, que vai mal.

XVIII.

Certo que em mim não era por malicia o lamentar-me do horror do quarto para onde me haviam transferido. Por fortuna vagou outro melhor, e quando menos o esperava, tiveram a bondade de mo ceder.

Talvez se cuide, que eu deveria receber grande satisfação ao annunciarem-me esta mudança. Pois nem tudo é como parece; que eu não podia, sem magoa, lembrar-me de Magdalena! Que puerilidade esta! Criarmos sempre affeição a qualquer cousa, e ás vezes por motivos de tam pouca monta! Saíndo daquelle triste aposento, voltei ainda os olhos com saudade para aquella parede, onde tantas vezes me havia encostado, em quanto, talvez a pouco mais de palmo de distancia, se encostava tambem do outro lado a infeliz criminosa. Ainda folgára de ouvir mais uma vez aquelles dois versos tam cheios de melancolia:

Chi rende alla meschina
La sua felicitá?

Quem dar póde á desditosa
Sua perdida ventura?

Frustado desejo! Eis uma separação de mais na minha vida tam trabalhada de angustias! Mas nem eu

torno a fallar mais nisto, para que de mim não zombem; se bem que fôra hypocrisia, o não confessar que por muitos dias andei triste.

De caminho disse adeus a dois pobres ladrões meus visinhos, que estavam á janella. O chefe não estava alli, mas advertido por seus companheiros, correo logo, para tambem se despedir de mim. Entrou depois a cantarolar:—*Chi rende alla meschina, &c.* Quereria acaso mofar de mim? Aposto que se eu fizesse esta pergunta a cincoenta pessoas, quarenta e nove me responderiam —sim. Pois apezar de tam avultada maioria, inclino-me a accreditar, que o pobre ladrão quiz lisonjear-me; e tanto disso me convenci, que, voltando-me de novo para elle, lhe dei mostras de agradecimento. O desgraçado estendendo os braços para fóra das grades, com o seu barrete na mão, ainda me assenava, quando eu já ía a descer a escada.

Chegando ao pateo, tive uma consolação que não esperava. O meu querido mudo estava debaixo do portico; conhecendo-me, assim que me vio, quiz logo correr ao meu encontro, mas a mulher do carcereiro, não sei porque, o agarrou pelo collarinho e o empurrou para casa. Fiquei com pena por lhe não poder dar um abraço. Tive de contentar-me com o delicioso abalo que me causou o ver os saltinhos de alegria daquella criança ao correr para mim! Que delicioso arrebatamento não vai em nossa alma, quando temos a certeza de sermos bemquistos!

Este dia foi para mim dia de grandes aventuras.

Adiante dois passos mais, achei-me junto á janella do meu antigo quarto, então occupado por Gioja:—Bons dias, Melchior! lhe disse eu, de passagem. De repente levantou a cabeça, e dando um salto para me ver, exclamou:—Bons dias, Silvio!

Nem um instante me deixaram demorar! Atravessei o portão, subi alguns degráos, e entrei em um quarto pouco espaçoso, mas asseiado que ficava por cima do de Gioja. Logo que me trouxeram cama, e os *segundos* me deixaram só, o meu primeiro cuidado foi o revistar as paredes. Varias lembranças e inscripções estavam por alli escriptas, umas com lapis, outras com carvão, outras abertas a canivete. Alli deparei com duas lindas estrophes francezas, cuja letra me pêza não ter decorado. Tinham a assignatura do Duque de Normandia. No comenos em que me puz a cantal-as, imitando o mais que pude o estillo da minha pobre Magdalena, uma voz mui perto de mim entrou a repetil-as n'outro tom.—Bravo! gritei eu, logo que senti parar aquella voz. Então o cantor me saudou com um cumprimento mui attencioso, perguntando-me se eu era francez.

—Não; sou italiano de nação, e chamo-me Silvio Pellico.

—O auctor da *Francesca de Rimini?*

—Esse mesmo.

E logo de novo me saudou mui polida e cortezmente, expressando-me a mágoa que sentia, porque me achasse em tam triste situação.

Perguntou-me de que parte da Italia era eu natural.

—Do Piemonte, lhe tornei; sou de Saluzzes.

E nisto, veio-me com outro cumprimento lisonjeiro, elogiando o caracter e genio dos piemontezes, fazendo especial menção dos homens celebres de Saluzzes, e particularmente de Bodoni.

Aquelles elogios laconicos eram delicados, e inculcavam pessoa de boa educação.

—Agora permitta-me, o senhor, saber com quem fallo.

—Com o auctor dessas estancias que ha pouco acabais de cantar.

—Pois as duas lindas estrophes escriptas na parede, são vossas?

—Sim, senhor.

—Então sois vós...

—O infeliz Duque de Normandia!...

XIX.

Naquelle comenos passou o carcereiro por debaixo de nossas janellas e fez-nos interromper a continuação do nosso dialogo.

Que historia é esta do—infeliz Duque de Normandia? perguntava eu a mim mesmo: não é este o titulo que se dava ao filho de Luiz XVI? Mas esta pobre criança,

não ha duvida alguma, que morreo... Ah! sim... o meu vizinho será um desses miseraveis, que especulam em fazel-o resuscitar. Muitos embaidores ha que teem pretendido passar por Luiz XVII, mas todos são logo havidos em conta de impostores, e então este, que maior confiança me ha de agora merecer?...

E por mais que desejasse conservar-me em estado de duvida, uma invencivel incredulidade prevalecia no meu espirito sem nunca cessar de senhoreal-o. Todavia resolvi não mortificar o infeliz, quaesquer que fôssem as patranhas que me contasse.

Poucos instantes depois tornou a cantar, e dahi a nada voltámos á nossa conversa.

Á pergunta que lhe fiz sobre sua pessoa, respondeu-me: — que era indubitavelmente Luiz XVII; e nisto entrou em vehementes declamações contra seu tio Luiz XVIII, usurpador dos seus direitos.

— E esses direitos, porque os não fizestes vós legitimar na época da restauração?

É porque então estava eu em Bolonha gravemente enfermo. E ainda bem me não achava restabelecido, logo voei a París, apresentei-me ás potencias alliadas; mas o que estava feito estava feito: meu tio, pertinaz em sua injustiça, não quiz reconhecer-me; minha irmãa se lhe unio para ainda mais me opprimir. Só o bom principe de Condé me recebeo com os braços abertos; mas infelizmente, de nada me valeo a sua amizade. Uma tarde fui accomettido nas ruas de París por si-

carios armados de punhaes, e a custo pude evadir-me de seus golpes. Depois de andar fugitivo algum tempo pela Normandia, tornei a Italia, e assentei minha residencia em Modena. Em quanto alli estive, escrevendo continuamente aos soberanos da Europa e particularmente ao imperador Alexandre, que me respondia com a maior attenção, nunca desesperei de obter final justiça; ou, ao menos, de alcançar que se me assignasse um apanagio decente, se a Politica exigisse o sacrificio dos meus direitos ao throno de França. Fui preso, conduzido aos confins do ducado de Modena, e entregue ao poder do Govêrno austriaco. Agora, ha já oito mezes, que aqui vivo sepultado; e sabe Deus quando sairei!

Não dei credito a similhante narração; é certo porém que elle alli estava sepultado; e tanto bastava para me inspirar viva compaixão.

Instei-o para que em resumo me contasse a sua vida. Referio-me então com miudeza todas as particularidades que eu já sabia relativas a Luiz XVII, quando o puzeram com o scelerado Simão o remendão, quando o induziram a testificar uma calumnia infame contra os costumes da infeliz rainha, sua mãi, &c. Contou-me, emfim, que estando no carcere d'alli o foram tirar em uma noite, e o salvaram, deixando em seu logar um moço estupido, por nome Mathurin. Estava na rua uma carroagem com quatro cavallos, um dos quaes era um artefacto de madeira no qual o esconderam. Que d'alli caminharam felizmente até ás margens do Rheno, e

passadas as fronteiras, o general que o havia salvado (não me occorre agora o nome que elle lhe deo), lhe servíra por algum tempo de mentor e de pai, e depois o enviára, ou o conduzíra para America; que nesta parte do mundo, o joven rei sem reino provára as vicissitudes da fortuna, passára fomes pelos sertões, militando depois e vivendo feliz na côrte do Brasil; mas que sendo calumniado, perseguido, e constrangido a fugir, regressára á Europa nos fins do imperio de Napoleão, fôra retido preso em Napoles por Joaquim Murat; e quando se vio livre e em circumstancias de reclamar o throno de França, fôra então, em Bolonha, accomettido daquella funesta enfermidade, durante a qual Luiz XVIII recebêra a corôa.

XX.

Contou-me toda esta historia com tam maravilhosa apparencia de verdade, que apezar de o não accreditar, não pude deixar de admiral-o. Todos os successos da revolução franceza lhe eram perfeitamente conhecidos; fallava com bastante eloquencia natural, e trazia sempre a proposito anecdotas mui curiosas. E posto que o seu estilo fosse um tanto ou quanto soldadesco, nem por isso carecia de certa elegancia, que só se adquire com o uso de companhia escolhida.

—Haveis de permittir-me que vos eu trate sem ceremonia, e dispensar-me de vos dar tratamento...

—Isso mesmo é o que eu desejo, respondeo elle. Ao menos tenho tirado por lucro da desgraça o não me importar com vaidades; e certifico-vos, que de menos preço é para mim o titulo de rei, do que a qualidade de homem.

A manhãa e a tarde a levámos em conversa aturada; e ainda que eu bem persuadido estivesse de que elle representava um papel de comedia, comtudo a sua alma parecia-me boa, cheia de candura e inclinada ao bem. Muitas vezes estive quasi a dizer-lhe:—Perdoai-me; folgaria de acreditar que fosseis Luiz XVII, mas de coração vos confesso, que por mais que queira, não posso persuadir-me disso: bem melhor fôra que vós, tambem com a mesma franqueza, renunciasseis a similhante ficção. E eu andava premeditando comigo mesmo um bom sermão, que houvesse de convencel-o sobre a vaidade da mentira e sobre o desprezo que nos ella deve inspirar, por mais innocente que seja reputada.

Mas de dia em dia o ía differindo, sempre á espera que a nossa intimidade progredisse, e nunca tive assás desembaraço para dar cumprimento ao meu designio.

Quando medito neste meu acanhamento, como que o relévo, attribuindo-o talvez... nem eu mesmo o sei, a um dever de humanidade, a um louvavel receio de affligir alguem. Mas estas desculpas nem por isso me

satisfazem; nem me atrevo a dissimular, que, por certo, muito maior contentamento sería o meu, se o tal discurso, que já de antemão lhe havia preparado, me não expirasse sempre nos labios. O fingir que se presta credito a imposturas é pusillanimidade; e parece-me que nunca mais terei de arrepender-me desta falta.

Sim! pusillanimidade! Certamente que por mais disfarce que haja em encobrir estudados preambulos, é sempre custoso dizer a alguem:—não vos acredito. Esse individuo não deixará de indignar-se; de sua bocca sairá talvez um torrente de injurias contra nós outros que ficaremos com mágoa de perder a sua amizade. Mas não importa, antes soffrer todas estas perdas do que passarmos pelo labéo de mentirosos. E talvez que o miseravel, que contra nós vomitou esses improperios, caindo mais em si, e vendo desmascarada a sua impostura admire para o diante a nossa sinceridade, e isto lhe sirva de incentivo a reflexões que o tragam a melhor via.

Os *segundos* inclinavam-se a accreditar que elle fôsse o verdadeiro Luiz XVII; e tendo visto já tam inconstantes alternativas de fortuna, não perdiam as esperanças de que o seu preso viesse com o andar do tempo a subir ao throno de França, e houvesse então de lembrar-se do zêlo e devoção com que o haviam servido. Este zêlo porém não ía a ponto de favorecer-lhe a fuga; mas sem chegar a tanto prestavam-lhe toda a consideração que elle desejava.

Esta contemplação facilitou-me os meios de conhecer a grande personagem. Era de estatura ordinaria, de quarenta a quarenta e cinco annos de idade, algum tanto nutrido, e de physionomia mui parecida com a familia dos Bourbons. É de presumir que esta similhança accidental com os Bourbons o induzíra a representar este triste papel.

XXI.

Tenho ainda de accusar-me de mais outro indigno respeito humano. O meu vizinho não era atheo; pelo contrario deixava trasluzir algumas vezes sentimentos religiosos, como quem sabia aprecial-os e lhes não é estranho; todavia não era facil desarraigar-lhe certas preoccupações indiscretas contra o Christianismo, que menos considerava em sua verdadeira essencia, do que em seus abusos. Por tal fórma o allucinára essa filosofia superficial, que em França precedeo e acompanhou a revolução, que chegou a convencer-se de que se podia adorar a Deus com mais pureza, do que segundo a Religião do Evangelho. Não tinha perfeito conhecimento de Condillac e de Tracy; e comtudo um e outro eram por elle venerados como profundos meditadores, persuadido de que o ultimo conseguíra resolver todas as possiveis questões metafysicas.

E eu, que tinha levado mais longe os meus estudos

filosoficos, que sentia o pouco vigor da doutrina experimental, que conhecia os grosseiros erros de critica, com que o seculo de Voltaire emprehendêra diffamar o Christianismo; eu, que tinha lido Guenée e outros escriptores distinctos, que haviam desmascarado esta critica de má fé; eu, que bem persuadido estava de que era impossivel, em rigor de logica, conciliar a existencia de Deus com a negativa do Evangelho; eu, que reputava como cegueira mui trivial entre os homens, seguirem o torrente de opiniões anti-christãas, e não saberem elevar-se á comprehensão do quanto o Christianismo, encarado sem prevenção, é simples e sublime; eu, finalmente, que tanto me avantajava delle, avilteime a ponto de o sacrificar ao respeito humano! Bem conhecia eu quam futeis eram as facecias do meu vizinho, mas sem embargo disto não deixavam de perturbar-me. Cheguei a hesitar e a dissimular a minha crença, e entrei a reflectir se seria ou não conveniente o contradizel-o:—é inutil, disse eu para mim, levei-me desta desculpa, e dei-me por justificado.

Cobardia! vergonhosa cobardia! Que importa a audacia e orgulho caprichoso de opiniões em voga, se de todo lhes fallece base em que se estribem! É certo que um zêlo intempestivo é indiscripção e póde, demais disso, exasperar o incredulo. Mas tambem é certo que uma confissão franca e modesta de qualquer verdade solida e importante, ainda quando se desconfie de que esta possa vir a ser desapprovada e escarnecida, é um

dever claro e explicito, e esta nobre confissão póde sempre effectuar-se com prudencia, sem que seja mister tomar inopportunamente o caracter de missionario.

Importantes verdades confesse-as o homem sempre em todo e qualquer tempo, embora não espere que sejam de prompto conhecidas, que pouco a pouco irão calando n'alma, até que um dia se descerrem os olhos da parcialidade, e triunfe a luz com todo seu fulgor.

XXII.

Andados eram já um mez e alguns dias que eu estava naquelle quarto, quando em uma noite, foi no dia 18 para 19 de fevereiro, sobresaltado pelo rumor de cadeados e chaves, acórdo de repente, e vejo entrar muitos homens, e um delles com uma lanterna: a primeira idêa que me acudio ao pensamento, foi que me vinham assassinar. Mas no comenos em que eu assustado olhava para aquellas figuras, chegou-se a mim o conde de Bolza, e pedio-me com ar agradavel, que houvesse de vestir-me para partir quanto antes.

Tomado de improviso com similhante intimação, tive a loucura de suppor que sería conduzido ás fronteiras do Piemonte. Como? pois será possivel que tamanha tempestade assim se haja dissipado? Tornarei ainda a gozar as delicias da liberdade?! Ainda estes meus olhos

tornarão a rever-se em meus queridos pais, em meus irmãos e irmãas?!

Estes gratos pensamentos me embebeceram a alma por breves instantes. Vesti-me a toda a pressa, e segui os que deviam acompanhar-me sem que todavia me fôsse possivel dizer um ultimo adeus ao meu vizinho. Pareceo-me ter-lhe ouvido a voz, e fiquei com pena de lhe não poder fallar.

—Para onde vamos nós? perguntei eu ao conde, ao subir para a carroagem com elle e com o official de *gendarmeria*.

—Não me é licito dizer-vol-o, em quanto não estivermos mais de milha distantes de Milão.

E quando reparei que a carroagem não tomava para a banda da porta Vercellina, todas minhas esperanças se desvaneceram!

Fiquei em silencio. Era uma lindissima noite de luar; alongavam-se-me os olhos por aquellas queridas ruas, por onde tantos annos passeára, nesses tempos tam felizes de minha vida! Aquellas igrejas, aquell'outros edificios, tudo me trazia á lembrança tantas e tam gratas recordações!

E o passeio aprazivel da porta Oriental! E os jardins publicos, por onde eu tantas vezes me espairecia com Foscoli, com Monti, com Luiz de Breme, com Pedro Borsieri, com Luiz P*** e seus filhos, e com tantos outros amigos, com quem me entretinha a conversar tam cheio de vida e de esperanças! Oh! quanto não

penetrei o fundo de minha alma!... quanto não conheci que tam caros me fostes e tam queridos me ereis ainda, só de pensar que vos vira por derradeira vez! só de pensar na rapidez com que vos hei perdido!... Ao passarmos aquella porta já eu não podia soster as lagrimas; carreguei então no chapeo para me encobrir os olhos, e deixal-as correr a seu salvo!

Ter-se-hia caminhado já distancia de mais de milha, quando voltando-me para o conde de Bolza lhe disse:

—Cuido que imos para Verona.

—Vamos para mais longe, respondeo elle; vamos para Veneza, onde deverei entregar-vos a uma commissão especial.

Caminhámos pela posta sem que nos detivessemos em parte alguma, até que no dia 20 de fevereiro chegámos a Veneza.

No setembro do anno antecedente, um mez antes da minha prisão, tinha eu estado naquella terra: com alegre e numerosa companhia de amigos, alli havia jantado na hospedaria de *la Luna*. Estranho contraste! O conde e o *gendarme* fizeram-me ir pousar á mesma hospedaria.

Um dos moços estremeceo apenas me vio; e apezar do disfarce com que o *gendarme* e os dois satellites dissimulavam ser meus criados, tirou logo que eu estava em poder da justiça. O certo é que me alegrei com este encontro, persuadido de que o moço falla-

ria sobre a minha chegada a mais do que a uma pessoa.

Jantámos, e d'alli fui conduzido ao palacio do Doge, onde se acham hoje os tribunaes. Passei por debaixo daquella saudosa arcada do palacio do procurador de S. Marcos *(Procuratie)*, em frente do café Florian, onde no outono antecedente tam divertidas noites passára, e não encontrei nem um só dos meus conhecidos.

Atravessámos a praça pequena *(piazzeta)*... aquella praça, onde um dia do mesmo passado setembro um mendigo me dissera estas singulares palavras:—Vejo que o senhor é estrangeiro, mas não alcanço o motivo por que o senhor e os demais estrangeiros, admiram tanto este logar; para mim o tenho eu como—logar de desdita; e só por necessidade é que por aqui passo.

—Aconteceo-vos aqui algum infortunio?

—Sim, senhor... horrivel infortunio, e não foi só a mim. Deus vos livre, senhor, Deus vos livre!

E tanto que isto me disse, deo-se pressa a retirar-se.

Agora, passando por alli fôra impossivel olvidar-me das taes palavras do mendigo. Naquella mesma praça é que no anno seguinte eu subi ao cadafalso, onde ouvi ler a sentença que me condemnava á morte, e a commutação desta pena em quinze annos de dura prisão *(carcere duro)*.

Se a mim me arrastára cego espirito de mysticismo, dera mais consideração ao mendigo e á intimativa com que tam energicamente me profetizou ser aquelle um

—logar de desdita. Mas nem eu pretendo fazer menção deste acontecimento, senão como de um estranho incidente.

Subimos ao palacio: o conde de Bolza fallou com os juizes; entregou-me ao carcereiro; e ao despedir-se de mim abraçou-me com ternura.

XXIII.

Acompanhei o carcereiro sem lhe dar uma só palavra. Depois de atravessarmos muitos corredores e salas, chegámos a uma escadinha que nos conduzio aos *Chumbos (Piombi),* famosas prisões de estado desde o tempo da Republica Veneziana.

Ahi o carcereiro tomou o registo do meu nome, e logo depois me fechou em um carcere que me estava destinado. É denominado *Chumbos* o andar de cima do antigo palacio do Doge, que todo é telhado com chumbo.

No meu novo aposento havia uma grande janella com uma enorme grade de ferro, que deitava para outro telhado tambem coberto com pastas de chumbo, pertencente á igreja de S. Marcos. Para alem da igreja se descobria ao longe uma extremidade da praça, e para qualquer lado que se olhasse, infinidade de zimborios e campanarios. O campanario gigantesco de S. Marcos

apenas distava de mim só o comprimento da igreja, de maneira que não me era difficil distinguir as vozes de quem quer que lá estivesse, com tanto que fallasse em tom de voz mais alto que o ordinario. Tambem via do lado esquerdo da igreja, parte do grande pateo do palacio, e uma das entradas. Nesta parte que eu avistava, havia um poço publico, onde de continuo affluía gente a buscar agua. Mas como a minha prisão ficava muito alta, em baixo os homens se me figuravam meninos, e só quando os sentia gritar é que me era possivel perceber o que diziam. O certo é que me vi alli mais solitario do que estivera nos carceres de Milão.

Nos primeiros dias os sustos que me inspiravam um processo crime, intentado por uma commissão especial, algum tanto me contristaram, e ainda mais me augmentava esta tristeza o penoso sentimento de me eu ver tam mais sozinho e esmorecido, por me achar mais longe da minha familia, de quem me faltavam noticias. Os novos semblantes que via não me eram antipaticos, mas reuniam a certo ar de seriedade o quer que seja de espanto e terror. Exaggerados boatos tinham-lhes afeiado as conspirações dos milanezes e do resto da Italia a favor da Independencia, e não duvidariam talvez de que eu fôsse um dos mais imperdoaveis instigadores deste delirio. A minha insignificante celebridade litteraria era sabida do carcereiro, de sua mulher, de sua filha, de seus dous filhos, e até dos dois *segundos:* quem sabe se um auctor de tragedias sería tido

por aquella pobre gente como uma especie de magico?

É certo porém, que não obstante serem desconfiados, e ávidos de colher de mim mais individuações sobre minha pessoa, comtudo eram serios e verdadeiramente attenciosos.

Passados os primeiros dias todos elles se foram familiarizando mais, e vim a conhecer que era boa gente. A mulher era a que melhor sabía sustentar o caracter de carcereiro; era magra e descarnada; figurava ter perto de quarenta annos; de poucas fallas; de modo secco e desabrido; e ninguem sería capaz de descobrir-lhe o menor indicio de um sentimento de benevolencia para quaesquer outros que não fôssem seus filhos.

E por costume era ella a que de manhãa e depois de jantar me trazia o café, assim como tambem agua e roupa lavada, &c. Vinha de ordinario acompanhada de sua filha, rapariga de quinze annos, que apezar de não ser formosa, attrahia com seu gesto compassivo e affabilidade de seu bom termo; trazia tambem os dous filhos, um de treze, outro de dez annos. Saíam todos com sua mãi; e sempre que esta se retirava, em fechando a porta, aquelles tres jovens e meigos semblantes se volviam para encarar-me docemente. O carcereiro, só vinha ter comigo, quando era mister conduzir-me á sala onde se reunia a commissão encarregada do meu interrogatorio. Os *segundos* appareciam pouco, porque tinham a seu cargo vigiar as prisões de policia

que eram no andar inferior, e quasi sempre estavam atulhadas de salteadores: um destes *segundos* era um velho de mais de setenta annos, mas ainda agil para aquella afanosa vida de andar sempre a correr, escada abaixo escada acima, ora em uma, ora em outra prisão. O outro era ainda moço, de vinte e quatro para vinte e cinco annos, mais desvelado em entreter conversas de seus amores do que cuidadoso no desempenho do serviço que lhe era commettido.

XXIV.

Ai! que de horrorosos sustos soffre o desditoso na occasião de seu processo quando o assalta de continuo triste presentimento de que vai a ser julgado criminoso de estado! Que terrivel receio de arriscar mais alguem! Que difficuldade em ter de contender contra tantas accusações, contra tantas suspeitas! Quanto não é para recear que tudo se vá complicando cada vez mais, e de modo ainda mais funesto, se o processo se não conclue de prompto, se se procede a novas prisões, se se descobrem novas imprudencias, que ainda quando praticadas por pessoas desconhecidas, assás é que involvam individuos do mesmo partido!

Mas protestando eu de me não metter em politica, forçoso é que me abstenha de referir quaesquer parti-

cularidades do meu processo. Direi sómente, que muitas vezes, depois de me haverem demorado longas horas no interrogatorio, voltava para o meu quarto tam exasperado e furioso, que por certo attentaria contra minha propria vida, se porventura me não refreára a voz da Religião e a lembrança de meus queridos pais.

Via-me desamparado daquella tal ou qual tranquillidade que me parecia já ter adquirido, quando preso em Milão. Dias se passaram, em que nem ao menos me restava esperança alguma de a recobrar, e foram dias de inferno. Cheguei a interromper o exercicio da oração, entrei em duvida sobre a existencia de Deus, maldisse os homens, execrei o universo; e todos os sofismas imaginaveis, que põem em incerteza a solidez da virtude me entravam de envolta no pensamento.

O homem infeliz, que se deixa levar da desesperação é terrivelmente astucioso em inventar calumnias, não só contra os seus similhantes, senão tambem contra o seu proprio Creador. A colera é mais immoral e mais facinorosa do que geralmente se cuida: e ainda que o espirito mais tomado de furor haja de ter por força seus intervallos de repouso; que não ha sanha que possa durar aturada desde manhãa até á noite e por semanas inteiras; comtudo estes intervallos hão-se de resentir quasi sempre da immoralidade que os precedêra; e então ainda que pareça serenar-se a alma e ter-se conseguido paz, é paz insidiosa e impia, é um sorrir feroz sem caridade, sem dignidade, é um desen-

freamento, uma avidez de desordem, de soltura e de escarneo.

Em similhante estado levava horas inteiras a cantar com certa alegria frenetica inteiramente esteril de bons sentimentos. Gracejava com todos os que me entravam no quarto, e esforçava-me por considerar todas as cousas com a sabedoria vulgar ou sabedoria dos cynicos.

Este infame tempo durou pouco: seis até sete dias.

A minha Biblia estava coberta de pó. Um dos filhos do carcereiro, com ar carinhoso, me disse:—Parece-me que o senhor já não anda tam triste desde que deixou de ler aquelle alfarrabio.

—Parece-te? lhe disse eu.

E pegando então da Biblia, puz-me com o lenço a sacudir-lhe o pó, e abrindo-a ao acaso, os meus olhos depararam com estas palavras:

—*Et ait ad discipulos suos: impossibile est ut non veniant scandala: væ autem illi per quem veniunt! Utilius est illi, si lapis molaris imponatur circa collum ejus et projiciatur in mare, quam ut scandaliset unum de pusillis istis.*—E disse (Jesu-Christo) a seus discipulos: é impossivel que deixe de haver escandalos: mas ai daquelle por quem elles vem! Seria melhor para elle que se lhe atasse ao pescoço uma pedra de moinho e fôsse precipitado no mar, do que ser elle a causa de se escandalizar um destes pequeninos. *(S. Luc. Cap. XVII).*

Fiquei corrido ao dar com estas palavras e envergo-

nhado de que aquelle menino, vendo a Biblia tam cheia de pó, reparasse que eu já a não lia, e entendesse que me tornára mais amavel com me haver tornado mais descuidado de Deus.

Oh!... magano! lhe disse eu em tom de reprehensão, mas ao mesmo tempo carinhoso, custando-me escandalizal-o: este livro não é um alfarrabio, e desde que ha dias deixei de o ler, conheço-me peior do que era dantes.

Se tua mãi consentir que venhas estar um instante comigo, prometto-te que me has de ver menos rabujento; pois se tu soubesses a desesperação que me persegue quando me vejo só... e quando me ouves cantar como um desatinado!...

XXV.

QUANDO saío aquelle menino enchi-me de interior alegria por ter levado a mão á Biblia, e por lhe ter confessado, que o descuido desta me havia tornado peior que dantes. E fiquei tam desaffogado, como se tivera dado uma satisfação a um amigo generoso injustamente offendido, e como se com elle me houvera reconciliado.

—Oh! meu Deus, exclamei eu, qual cegueira não tem sido a minha em vos ter abandonado! até que ponto de perdição não cheguei a perverter-me! e tive

a loucura de accreditar que o infame riso do cynismo conviesse a situação tam desesperada como a minha!...

Tal foi o abalo com que pronunciei estas palavras, que pondo a Biblia sobre uma cadeira, prostrei-me de joelhos para ler aquelle venerando livro; e eu, que tam difficilmente chóro, sem custo desatei em copioso pranto.

Ai! lagrimas eram estas mil vezes mais gratas que todas as alegrias sensuaes; eu conhecia que Deus tornára a entrar dentro de minha alma; amava-o, e sentia verdadeiro pezar de me ter envilecido até ao desvario de injurial-o; e protestei de nunca... nunca mais afastar-me delle.

Oh! quanto não se eleva e consola a alma do arrependido, que sincero volve de novo á Religião!

Li, e chorei mais de uma hora, e levantei-me cheio de confiança de que Deus estava comigo, e que todas minhas loucuras Deus mas havia perdoado. E então já todos os meus infortunios e tormentos de um processo, e verisimilhança de ter de ir acabar em um patibulo me não dava tanta pena. Folgava com o soffrimento, porque este me dava occasião de cumprir com algum dever, e porque soffrendo eu com animo resignado obedecia ao Senhor.

Tambem, graças ao ceo! já entendia a Biblia. Passára-se o tempo em que eu a julgava com a miseravel critica de Voltaire, e mofava de expressões, que só quando por verdadeira ignorancia ou por malicia se

lhes não penetra o sentido poderiam induzir escarneo ou vituperar-se como falsas. Mas abriram-se-me os olhos e vi claro, com quanta razão deve ella ser appreciada como verdadeiro codigo de sanctidade e de virtude; vi, que não só era indicio de apoucada filosofia, senão tambem de orgulho de quem despreza tudo o que não é ataviado de elegantes ornatos, o censural-a por algumas imperfeições de seu estilo; vi, finalmente, quam absurdo fòra imaginar, que tal collecção de livros religiosamente venerados tivesse principio não authentico, e quam incontestavel é a superioridade de tal Escriptura sobre o alcorão e theologia dos Indios.

Verdade é que muito se tem abusado daquelle sancto livro, que muitos quizeram encontrar nelle um codigo de injustiça, uma sancção de suas paixões sceleradas. Mas que importa! Lembremo-nos que não ha cousa, por boa que seja, de que se não possa abusar; e então, quando temos a certeza de que ella é optima, por que motivo hemos de conceitual-a por má?

Jesu-Christo o declarou: toda a lei, e o que disseram os Prophetas, e o que está escripto nessa collecção de Livros sagrados, resume-se em um só preceito: —amar a Deus e aos homens. E taes Escripturas deixarão porventura de conter verdades accommodadas a todos os seculos, e viva não soará sempre nellas a palavra do Espirito Sancto?

Reveladas que me foram taes reflexões, renovei o proposito de pôr em harmonia com a Religião todos

meus pensamentos sobre as cousas humanas, todas minhas opiniões sobre o progresso da civilisação, toda minha filantropia, todo meu amor da patria, e emfim, todos os affectos de minha alma.

Os poucos dias que passára no cynismo, já me haviam entornado n'alma veneno de sobejo. Senti-lhe os effeitos por largo tempo, e foi-me necessario esforço para os vencer. Todas as vezes que o homem, pouco que seja, se deixa levar da tentação de aviltar o entendimento, e se põe a enxergar as obras de Deus com a lente infernal do escarneo, interrompendo o benefico exercicio da oração, como que se lhe vai corroendo a razão e eil-o disposto a recaír facilmente. Por muitas semanas, e quasi todos os dias fui terrivelmente accommettido de varios pensamentos de incredulidade, mas pude empregar todas quantas forças me suggeria o ėspirito para acabar com elles e repellil-os.

XXVI.

Quando, acalmado aquelle interior conflicto, suppuz que perseveraria de novo no habito de glorificar a Deus, sacrificando-lhe todas minhas vontades, então é que logrei por algum tempo paz consoladora e deliciosissima. Os interrogatorios por que a commissão me fazia passar, e que se repetiam a miudo de dois em dois, ou de

tres em tres dias, com quanto me fôssem penosos, não me causavam longas inquietações. Em posição tam arriscada procurava cumprir com meus deveres de honra e de amizade, e depois dizia comigo:—o mais fica por conta de Deus.

Tornei a entregar-me com novo esmero ao exercicio de precaver diariamente qualquer perturbação de animo, qualquer infortunio eventual; e neste assiduo cuidar encontrava novas consolações.

Entretanto, mais erma se ía tornando a minha triste solidão. Os dois filhos do carcereiro, que a principio algumas vezes me faziam companhia, já me não procuravam, porque a maior parte do tempo, o passavam na escola, e pouca era a assistencia que faziam em casa. A mãi e a filha, que quando entrava com aquelles meninos se demorava tambem muitas vezes a conversar comigo, ultimamente só appareciam para trazer-me o café, e logo se retiravam. Pouco se me dava a mim da ausencia da mãi, que a sua alma era bem mesquinha em sentimentos de compaixão. Mas a filha, ainda que feia tinha no olhar e nas palavras tal requebro de suavidade, que para mim não era sem valía. Se quando esta menina me trazia o café me dizia:—é feito por mim, achava-o sempre excellente; mas se me dizia:—foi minha mãi quem o fez, parecia-me agua chilra.

Vendo eu tam raras vezes creaturas humanas, entretinha-me o estar a reparar em algumas formigas que andavam por sôbre a minha janella; e como eu lhes

désse bastante de comer, entraram logo a chamar um exercito de companheiras, de maneira que dentro em pouco fervia nella um enxame destes animaesinhos. Tambem me entreteve a attenção o tratar de uma formosa aranha cuja teia tapizava uma das paredes do meu carcere. Sustentava-a com moscas e mosquitos, e chegou a familiarizar-se e a affeiçoar-se-me por tal modo, que até vinha ter-me á mão e ao leito tomar-me dos dedos a preza que lhe guardava.

Prouvera a Deus, que fôssem só estes os insectos que buscassem ver-me! Mas ainda estavamos na primavera, e espantava na verdade, como já os mosquitos se multiplicavam tanto. O inverno tinha sido de extraordinaria brandura, e logo depois de alguns ventos em março seguiram-se os calores. O meu solitario aposento era exposto ao meio dia; telhado com laminas de chumbo, tinha apenas uma janella que olhava para a igreja de S. Marcos, cujo tecto tambem era de chumbo. O reflexo que d'alli vinha era tam abafadiço, que eu receei morrer suffocado. Parece incrivel como se abrazou o ar daquella minha triste prisão! Calor tam afflictivo nunca me passou pelo sentido que houvesse de supportal-o. A tam intoleravel supplicio accrescia o dos mosquitos em tamanha multidão, que, para qualquer lado que me voltasse, e por mais que os sacudisse, logo me via de novo perseguido; leito, mesa, cadeira, chão e fôrro da casa, tudo estava cheio, e o ar coalhado de nuvens delles, que a entrar e a saír pela janella, fa-

ziam zumbido infernal. As ferretoadas destes insectos são dolorosas; mas ainda mais insoffriveis se tornam para o corpo e para o espirito, quando atormentam de continuo desde o amanhecer até que anoitece, e desde que anoitece até ao amanhecer, e que é mister empregar aturada diligencia, por evital-as o mais que ser possa.

Depois que, ao passar por similhante flagello, lhe conheci a gravidade, e para o atalhar não pude conseguir que me mudassem de carcere, tive impetos de suicidar-me, e cuidei de enlouquecer. Mas graças a Deus! estes impetos eram de pouca dura, e a Religião accudia logo a refrear-mos. E aprendendo della que o homem deve soffrer, e soffrer com firmeza de animo, encontrava no soffrimento certa consolação, e experimentava interior alegria por me não deixar succumbir, saíndo triumphante de todas as provações.

E eu dizia comigo:—Que importa que esta amargurada vida se me vá finando tam transida de dores?... se moço, como ainda sou, houver de ser condemnado á morte, menos me hei de aterrar de affrontal-a; e sem estes anticipados tormentos talvez haja de morrer cobardemente! E de mais disso, que virtudes tenho eu, misero de mim!... que hajam de merecer boa recompensa? Onde? onde é que estão similhantes virtudes.

E entrando a examinar-me a mim mesmo com rigorosa imparcialidade, conheci que em todo o discurso dos annos de minha vida apenas poderia dar com al-

gumas acções que pudessem merecer conta, e o mais que me sobrava só eram paixões loucas, idolatria orgulhosa e falsa virtude.—Pois então, é bem feito! soffre homem indigno! Se os homens e os mosquitos procuram arrancar-te a vida, só levados de furor e sem direito algum, reconhece em uns e outros os instrumentos da justiça divina, soffre... e cala-te!

XXVII.

E AINDA ha de o homem carecer de esforço para se humilhar sinceramente, e para haver de convencer-se que é peccador? Quem poderá negar que geralmente se desperdiça a mocidade entregue a bagatellas; e em vez de pormos todas nossas forças em irmos diante, e nos estremarmos na carreira do bem, gastâmos mor parte da vida em nos aviltarmos, desenfreando o corpo em os appetites de nossas demazias? Conheço que na verdade ha excepções, confesso todavia que não abrangem minha ruim pessoa. E por que me hei de eu queixar, mesquinho de mim!... com tanta mingoa de merecimento? Ao ver-se uma candeia dar mais fumo do que luz, não é mister grande sinceridade para se dizer, que ella não arde como devêra.

E na verdade (não o digo por falsa modestia; nem tambem por escrupulosa hypocrisia), entrando em mim

mesmo a examinar-me com toda a tranquillidade de espirito que me cabia no possivel, eu me reputava merecedor dos castigos de Deus. Então uma voz interior me dizia:—Estes castigos merécel-os tu, senão por este, é por est'outro motivo... assim te elles approveitem de lição para te haveres de voltar para aquelle que é perfeito por essencia, e a quem por dever cumpre que imitemos, cada qual, conforme lhe caiba em suas limitadas forças.

Que razão tinha eu para me queixar?... eu que aliás devêra condemnar-me a mim mesmo por mil infidelidades para com Deus!? Com que razão me queixaria eu porque alguns homens me parecessem vis, outros iniquos; porque me fôssem roubadas as alegrias do mundo; porque tivesse de acabar em um carcere os meus tristes dias, ou porque houvesse de morrer morte violenta?

Procurei gravar no fundo do coração reflexões tam acertadas e tam profundamente sentidas; e conseguido isto, vi que era de força o ser consequente, e que o não podia ser senão louvando os rectos juizos de Deus, amando-os, e suffocando em mim qualquer vontade que lhe fôsse avessa.

Para mais me firmar em tal proposito, e para o ter sempre ante os olhos, cuidei d'alli em diante em fazer por escripto um rigoroso exame de todos os meus sentimentos. O peior era que a commissão, posto que me concedesse tinta e papel, só consentia que m'o dessem

por conta, não me permittindo inutilizar uma só folha, e exigindo saber expressamente o consumo de cada uma. Para supprir esta falta, recorri ao innocente artificio de polir com um pedaço de vidro a face superior de uma tosca mesa de que me servia, e sobre a qual me occupava em escrever todos os dias longas meditações ácerca dos deveres do homem em geral, e dos meus em particular.

Nem se tome por encarecimento o dizer eu, que as horas assim passadas me eram ás vezes apraziveis, apezar do muito que padecia com faltas de respiração e demasiada calma, e com as tam dolorosas picadas dos mosquitos. Para evital-as o mais que me fôsse possivel, foi preciso (sem fazer caso do calor por maior que fôsse) embrulhar-me bem, a cabeça e pernas, e escrever não só com luvas, mas com os pulsos enfaxados por fórma, que aquelles perseguidores insectos me não entrassem pelas mangas.

Aquellas minhas meditações tinham verdadeiramente um caracter biographico. Eu compunha a historia do bem e do mal, que desde minha infancia se produzira em mim, discutindo comigo mesmo, industriando-me em resolver todas as duvidas, coordenando do melhor modo que sabia todas as minhas idêas sobre qualquer assumpto.

Quando aquella superficie da mesa, a que era susceptivel de polir-se, já me não dava espaço para escrever mais, lia, e tornava a ler o que alli tinha escripto,

reflectia sobre o já meditado, e emfim, a meu mal grado, me resolvia a raspal-a outra vez com o vidro, em ordem a que de novo pudesse approveitar-me della para o mesmo fim. Continuava depois a escrever a minha historia, sempre interrompida e desnervada pela muita variedade de digressões, e de analyses, ora deste, ora dest'outro ponto de metafisica, de moral, de politica, de Religião; e quando já alli não cabia mais escripta, tornava a ler tudo uma e mais vezes, e depois tornava de novo a raspal-a.

E não querendo ter motivo que me estorvasse de dar-me a mim livre e fiel conta dos factos de que me lembrava, e das minhas opiniões; e prevendo a possibilidade de qualquer repentina visita inquisitorial, escrevia em cifra, isto é, com transposição de letras e com abbreviaturas, ao que já estava perfeitamente habituado. Não tive porém similhante visita, e ninguem por certo se lembraria, que eu, naquelles meus tristes e desaventurados dias tam distrahida vida levára. Mas ainda eu bem não presentia tocarem-me nos ferrolhos da porta o carcereiro ou qualquer outra pessoa, cobria immediatamente a mesa com uma toalha, e punha-lhe por cima o caderno *official*.

XXVIII.

Com este caderno particularmente dedicado a assumptos litterarios, repartia tambem algumas de minhas horas, e ás vezes lhe consagrava um dia todo e uma noite inteira. Por essa occasião compuz a *Esther d'Engaddi, a Iginia d'Asti* e os quatro cantos intitulados: *Tancreda, Eligi e Valafrido, Rosilde e Adello,* além de varios outros bosquejos de tragedias e de diversas producções, entre as quaes o de um poema sobre a *Liga Lombarda,* e outros sobre *Christovão Colombo.*

E porque nem sempre me era facil obter que de prompto me dessem outro caderno em branco, logo depois de escripto aquelle, escrevia o primeiro esboço das minhas composições sobre a superficie da mesa, ou em alguns pedaços de papel somenos, em que procurava me trouxessem embrulhados figos seccos e outras fructas. Algumas vezes pretextando falta de appetencia dava o meu jantar a um dos *segundos,* e assim procurava meio de captar-lhes benevolencia, para que houvessem de presentear-me com alguma folha de papel. Isto porém só acontecia quando não podia resolver-me a raspar a mesa já toda cheia de escripta. E cheguei a passar fomes, pois ainda que o carcereiro tivesse em deposito dinheiro meu, não me atrevia a pedir-lho, não só porque elle não suspeitasse que era para convidar

alguem, senão tambem porque o *segundo* não desconfiasse de que lhe eu faltava á verdade, quando lhe asseverava que não tinha vontade de comer. O meu sustento á noite era café muito forte, que eu pedia sempre que fôsse feito pela *siora Zanze*, (senhora Angela). Era esta a filha do carcereiro, que quando o podia preparar ás escondidas da mãi, fazia-o sempre muito carregado, de sorte que dando-me no estomago em jejum causava-me certa convulsão sem dor que toda a noite me tinha esperto.

Naquelle estado de doce embriaguez, sentia redobrarem-se-me as forças intellectuaes, poetizava, filosofava, e com maravilhoso contentamento me entregava ao exercicio da oração até ao amanhecer: então vencido de repentino desfallecimento atirava comigo ao leito; e ainda que os mosquitos acertassem a espicaçar-me e a sugar-me o sangue, eu dormia somno solto uma hora ou duas.

Aquellas noites, passadas em continua agitação, provocada por café mui forte tomado com o estomago em jejum, deslizavam-se-me em doce alacridade, e não me enfastiavam, antes as procurava a miudo, tendo que me eram de proveito. Tanto disto me cheguei a persuadir, que até algumas vezes, sem precizar que o *segundo* me trouxesse mais papel, nem sequer tocava no meu jantar só por que durante a noite contasse com o desejado effeito daquella magica bebida. Por feliz me dava eu quando conseguia este effeito; mas escusado era contar com elle quando o café não era feito pela compadecida

Zanze, que então nem o podia levar de insipido: um logro assim fazia-me exasperar interiormente. Eu então, em vez de me electrizar, caía em languidez, punha-me a bocejar, custava-me a supportar a fome e atirava comigo ao leito, sem me ser possivel pregar olho.

Depois desabafava minhas lastimas com Zanze; e esta, coitadinha! condoia-se de mim. Um dia em que me eu mostrei asperamente agastado, como se fôsse ella a culpada de meu enfadamento; a pobrezinha! entraram-lhe a correr as lagrimas, e rompeo nisto:—Que eu nunca, senhor, enganasse pessoa alguma, e que todos me alcunhem de embusteira!...

—Todos!... Ah! é signal de que não sou eu só o queixoso desta má lavagem.

—Eu não queria fallar disso, senhor. Ah! se o senhor soubesse!... Se lhe eu pudesse abrir todo este meu coração!...

—Mas não choreis assim... Pois que é o que tendes? Já vos peço perdão se vos offendi sem motivo; e tenho por certo que não é culpa vossa o vir-me o café assim tam máo.

—Ah! senhor, não é por isso que eu chóro.

O meu amor proprio não tinha de lisonjear-se muito com tal resposta, mas sem embargo disto sorri-me.

—Visto isso, então... vós não chorais pelos meus ralhos, é por outra cousa?

—Sim, senhor.

—Então quem é esse que vos chamou—embusteira?

—Foi... uma pessoa.

E nisto a côr lhe assomou ao rosto. Contou-me então com toda a ingenuidade, singeleza e confiança um idyllio tragicomico, que extremamente me commoveo.

XXIX.

Cousa nenhuma é estavel cá neste mundo! Zanze caío doente. Nos primeiros dias de sua enfermidade vinha ainda ver-me, e queixava-se de grandes dores de cabeça. Chorava sem me explicar o motivo de suas lagrimas; só balbuciava alguns queixumes contra o seu àmante:—É um malvado, dizia ella, mas Deus lhe perdoe!

E por mais que a instasse para que (segundo seu costume) désse livre desafôgo ao seu triste coração, foi inutil, que nunca vim a saber o que até tal ponto a magoava.

—Voltarei ámanhãa, me disse ella uma tarde. Mas no dia seguinte a mãi foi quem me trouxe o café, e d'ahi por diante trouxeram-mo os *segundos:* Zanze estava gravemente enferma.

Os *segundos* me contavam, no tocante ao amor daquella rapariga, cousas tam equivocas que me faziam arripiar os cabellos. Uma seducção!... Mas talvez fôssem calumnias que lhe levantassem... Confesso todavia

que lhe dei credito, e que senti grave commoção com tamanha desdita... Oxalá que similhantes dictos fôssem mentirosos! Muito por certo o desejaria eu.

Passado mais de um mez de doença, a pobre menina, levaram-na para o campo, e nunca mais a tornei a ver.

Nem eu tenho palavras com que possa encarecer o quanto me lastimei com tamanha perda. Oh! quanto mais horrorosa se me não tornou a solidão! Oh! e quanto cem vezes mais amargo do que sua ausencia me não era o triste pensamento de que tam boa creatura caíra na infelicidade! Tinha-me ella consolado tanto nas minhas miserias com sua terna e meiga compaixão!... e a minha compaixão tam esteril havia sido para com ella!... Resta-me a confiança de que ao menos havia de ficar certa do muito que eu a lastimava, de que eu me teria de bom grado exposto a penosos sacrificios, se me fôra dado levar-lhe confôrto a suas mágoas; emfim, de que nunca cessarei de abendiçoal-a e de nutrir cordiaes desejos por sua boa ventura.

No tempo de Zanze, as suas visitas, com quanto fôssem de curta duração, interrompendo agradavelmente a monotonia de minhas continuas meditações e de meus silenciosos estudos, entretecendo as suas idêas com as minhas, despertando-me suaves sympathias, como que deleitavam a minha adversidade, e me esforçavam a energia da existencia.

Mas pelo tempo adiante a prisão tornou-se para mim uma verdadeira tumba, e passava dias opprimido de

tristeza tam profunda, que até nem com o escrever achava confôrto e distracção. Mas esta minha tristeza era tranquilla em comparação dos impetos de colera que outr'ora experimentára. Sería isto por eu já estar mais affeito ao infortunio, mais filosofo, mais christão; ou antes, porque o calor suffocativo daquelle meu carcere, me havia reduzido a tamanha prostração, que até me tornava impassivel á força da minha dor? Ai! não!... a força de minha dor, lembro-me de a sentir dentro no amago d'alma, e com tanta mais vehemencia, talvez por eu desejar encobril-a, por não querer no exterior dar todo o desafôgo ao impeto de meus transportes.

E certamente, que esta tam aturada escola me ensinára a supportar novas afflicções, resignando-me á vontade de Deus. E tantas vezes repeti comigo:—que só é proprio do cobarde o lastimar-se—, que por fim já podia suffocar os meus lamentos prestes a se me soltarem dos labios, e me envergonhava de que tam perto se lhe avizinhassem.

O habito de dar á escripta os meus pensamentos, assás contribuíra para fortalecer-me o espirito, para me desenganar de vaidades, e emfim para reduzir a maior parte dos meus raciocinios a estas conclusões:—É certo que existe um Deus: ha de haver portanto uma infallivel justiça: tudo pois quanto acontece ha de ser ordenado para melhor fim: logo se o homem soffre cá sobre a terra é para seu bem.

Tambem de muito proveito me fôra o conhecimento

com Zanze. Entre outros beneficios devo-lhe a mansidão e brandura de genio que adquiri com a docilidade de seu trato. O seu louvor, que tam suave me era, revestia-me de animo para não desmentir por alguns mezes o dever que é commettido a todos os homens de se tornarem superiores á fortuna, e portanto mais soffredores; e aquelles mezes de perseverança me fizeram ceder á resignação.

Zanze só por duas vezes me vio colerico: uma foi por occasião do máo café; outra pelo motivo que vou dizer:

Todas as duas ou tres semanas o carcereiro me trazia uma carta da minha familia, carta que passava primeiro pelas mãos da commissão, e chegava ás minhas rigorosamente mutilada com riscos de tinta muito negra. E aconteceo um dia, que em logar de riscarem sómente algumas frases, tinham atravessado medonhos riscos por toda ella, sem deixarem mais do que estas palavras, que estavam no principio:—*meu muito querido Silvio,* e est'outras no fim:—*todos nós te abraçâmos de coração.*

Tam tomado de ira fiquei com isto, que na presença de Zanze rompi em gritos furiosos e em maldicções não sei contra quem. A pobre menina condoeo-se de mim, mas ao mesmo tempo me lançou em rosto a falta de coherencia com meus principios. E conhecendo eu que ella discorria com bastante razão não tornei a amaldiçoar ninguem.

XXX.

Um dia entrou no meu quarto um dos *segundos*, e com ar mysterioso me disse:

—Quando por aqui vinha a senhora Zanze... sim, senhor, como era ella a que lhe trazia o café... e depois se demorava muito tempo a conversar... eu receava que a ladina pouco a pouco lhe fôsse arrancando todos os seus segredos.

—Pois estais enganado, lhe tornei eu em tom colerico, que nem um só procurou descobrir-me; e se os eu tivera não seria tam simples que m'os deixasse extorquir. Continuai:

—Perdoe, senhor, eu não o supponho simples, mas eu cá, da senhora Zanze, não me fiava; e agora como o senhor não tem ninguem que lhe venha fazer companhia... espero... que...

—O que? Explicai-vos por uma vez.

—Mas primeiro ha de jurar de me não trahir.

—Oh! pois não? jurar que vos não hei de trahir? isso nada me custa: nunca trahi ninguem.

—Então o senhor diz de certo que jura?

—Sim, juro que vos não trahirei; mas sempre vos digo que sois desassisado, pois se eu fôsse capaz de vos trahir, sería tambem capaz de violar um juramento.

Tirando então da algibeira uma carta, entregou-ma

convulso, conjurando-me que a rasgasse logo que a lêsse.

—Esperai um instante, lhe disse eu abrindo a carta; apenas lida eu a rasgarei na vossa presença.

—Mas é preciso que o senhor responda; e eu não posso esperar. Faça-o cá á sua vontade; fiquemos porém nesta intelligencia: quando o senhor sentir que vem alguem; se fôr eu, ouvir-me-ha cantarolar sempre a aria: *Sognai mi gera un gato* (Sonhei que eu era um gato). Então não tenha o mais leve receio de ser sobresalteado, e póde deixar ficar no bolso seja que papel fôr. Mas se não ouvir esta cantilena é signal de que não sou eu, ou de que venho acompanhado; e em tal caso não se arrisque a ter algum papel escondido, porque póde ser uma busca; rasgue-o de prompto e com cautella, e lance-o pela janella fóra.

—Ficai socegado: vejo que sois previdente; pela minha parte sel-o-hei tambem.

—Entretanto ainda ha pouco fui tratado de indiscreto...

—Tendes razão de me reprehender, lhe tornei eu apertando-lhe a mão. Desculpai-me.

Assim que elle saío dei principio á leitura da carta:

«Eu sou... (aqui dizia o seu nome) um dos vossos admiradores: Sei de cór toda a vossa *Francesca de Rimini*. Prenderam-me por... (e aqui dizia o motivo da sua prisão, e o dia em que fôra preso); daria grande parte do meu sangue, só por conseguir a ventura de

estar comvosco, ou por ter ao menos um carcere contiguo ao vosso, afim de que ambos pudessemos conversar. Desde que soube por Tremerello (assim alcunharemos o nosso confidente) que estaveis preso, e o por que, tem-me abrazado o desejo de certificar-vos que ninguem vos lastima como eu, pois que ninguem vos estima tanto. E tereis vós tanta bondade que acceiteis a proposta que vos faço, e que tem por fim alliviarmos o peso da solidão, escrevendo-nos um ao outro? Podeis tomar-me minha palavra, que eu ficar-vos-hei sobre minha fé, que jámais fôllego vivo o venha à saber de mim; e confio que poderei esperar a mesma prudente discrição da vossa parte, se porventura acceitardes o que vos proponho. Entretanto para que de mim tenhais melhor noticia, contar-vos-hei a summa de minha vida.»

Seguia-se esta narrativa.

XXXI.

Deixo á consideração do leitor o imaginar a energia do effeito electrico, que a leitura de similhante carta devêra produzir em um triste preso como eu, de indole não selvatica e de coração affectuoso. Foi meu primeiro sentimento affeiçoar-me a este desconhecido, commover-me com suas desaventuras, e encher-me de gratidão pela benevolencia que me testimunhava.—Sim...

exclamei eu, acceito a tua proposta, homem generoso; assim as minhas cartas possam dar-te confôrto igual áquelle que espero receber das tuas, e ao que provei já com esta primeira que me escreveste!

Li e tornei a ler aquella carta com uma alegria de menino, e abençoei cem vezes a mão que a tinha escripto.

O sol estava prestes a se transpor; e esta era a hora da minha oração. Oh! como não conhecia eu que Deus estava dentro de minha alma! Quanto lhe não agradecia por me deparar sempre novos meios de arrancar-me a uma languidez mortal as faculdades do espirito e do coração! e quam viva se me não representava a lembrança de tam preciosos dons!

Estava eu assomado á minha janella, com os braços estendidos por entre os varões da grade, e com as mãos encruzadas; a igreja de S. Marcos me ficava sotoposta; multidão prodigiosa de pombas se amimavam, esvoaçavam, e construiam seus ninhos sobre o telhado de chumbo; patenteava-se-me aos olhos o mais brilhante horizonte; d'alli descortinava todo o lado de Veneza, que podia avistar-se do meu carcere; um distante rumor de vozes humanas me feria suavemente os ouvidos. Naquella estancia de desdita, mas ao mesmo tempo admiravel, eu conversava com aquelle, cujos olhos sós me viam; encommendava-lhe meu pai, minha mãi, e uma a uma, todas as pessoas que mais me eram prezadas; e figurava-se-me ouvir-lhe de sua bocca esta resposta:

—Confia na minha bondade. E eu exclamava:—Sim... em vossa bondade ponho toda minha confiança.

E acabava minha oração cheio de ternura e confôrto, e menos impaciente com as ferretoadas com que os mosquitos me haviam atormentado.

Naquella noite, ao tempo que a imaginação começava de tranquillizar-se-me da grande exaltação que soffrêra, quando os mosquitos tornando a ser-me insupportaveis me era mister cobrir o rosto e as mãos, um pensamento baixo e perfido me entrou de repente n'alma e me fez estremecer; e por mais traça que eu désse para o desviar d'alli, não me coube no possivel conseguil-o.

Tremerello me inspirára uma infame suspeita ácerca de Zanze, dizendo-me ser ella a espia de meus segredos... aquella alma tam candida?!... que nada sabia nem queria saber de politica?

Desconfiar de Zanze fôra-me impossivel: mas quanto a Tremerello, deveria eu tel-o em igual conceito?—Este velhaco será instrumento de infames maquinações?—Quem sabe se esta carta foi ou não premeditadamente escripta para me induzir a revelar importantes confidencias ao novo amigo?... Talvez que até nem exista esse pretendido preso que me escreve!... Ou talvez que exista sim, e entretanto seja um perfido, que busque arrancar-me segredos para comprar o seu livramento, revelando-os!... Ou, quem sabe? talvez que, pelo contrario, seja um homem de bem e honrado, e eu por tal

o tenho; e que então o traidor e desleal seja Tremerello, que a ambos nos quer perder para lucrar augmento em seu salario!

Ai! que feia cousa não é, mas tam natural ao infeliz que geme em ferros, o cuidar que tudo lhe vai de travez, que tudo lhe é traiçoeiro e descaridoso!

Estas suspeitas como que me envileciam e amesquinhavam a alma. Verdade é que quanto a Zanze nem por um só instante me occorriam; mas desde que Tremerello deixára caír aquella palavra a seu respeito, sentia-me vencido de uma incerteza, não a respeito della, mas sim dos que a deixavam frequentar o meu quarto: —se lhe teriam dado por proprio zelo ou por superior vontade, o encargo de me espreitar? Oh! se em algum delles houve similhante intenção... como não ficaram mal servidos!...

Mas, quanto á carta do desconhecido, que expediente deveria eu tomar? Conformar-me com os conselhos severos e pusillanimes deste medo que se intitula prudencia? Tornar a dar a carta a Tremerello, e dizer-lhe:—tomai que eu não estou para pôr em ventura o meu socego? E se elle for homem probo e incapaz de engano; se esse desconhecido for digno da minha estima, e merecedor de que eu arrisque alguma cousa para lhe suavizar as angustias da solidão? Miseravel cobarde!... talvez que nem sequer dois passos te tragam arredado do cadafalso; talvez que fatal sentença mais hoje mais amanhãa... bem prestes esteja a pronunciar-se

contra ti... e ainda recusas praticar um acto de benevolencia e humanidade!... Eu devo, sim, eu devo responder. Mas... se por desgraça se vier a descobrir esta correspondencia; e ninguem em consciencia deva criminar-nos de tal, escapará porventura o pobre Tremerello a um terrivel castigo?... E similhante consideração não tem bastante peso para me eu impor como um dever absoluto o não emprehender correspondencia clandestina?

XXXII.

Levei de sobresalto toda aquella tarde, e pelo andar da noite não pude pregar olho um instante só. No meio de tanta incerteza hesitava na resolução que havia de tomar.

Saltei da cama antes do romper do dia, fui direito á janella e puz-me em oração. Em circumstancias difficeis convem pormos toda a nossa confiança em Deus, implorarmos seu auxilio, escutarmos suas inspirações, e seguil-as. Assim o fiz; e depois de uma longa oração desci da janella, enxotei os mosquitos, enxuguei com as mãos as faces esmordaçadas de picadas, e o meu plano estava delineado: expor a Tremerello o receio de que esta correspondencia, além de arriscada, pudesse tornar-se em detrimento seu, renunciar a ella se o visse vacillar; ou consentir, se este susto o não intimidasse.

Puz-me a passear até que ouvi cantarolar: *Sognai, mi gera un gato, E ti mi carezzevi* (Sonhei que eu era um gato, Que por ti era afagado). Era Tremerello que me trazia o café.

Avisei-o do meu escrupulo, e não houve duvida, que lhe não puzesse só para lhe inspirar medo, mas achei-o sempre perseverante na boa vontade de servir, dizia elle, *dous senhores tam completos.* Não condizia isto muito com a sua cara de caçapo, (ou melhor talvez dissera, de fuinha) e com o nome de Tremerello com que nós o appellidavamos. Pois bem! tambem eu pela minha parte perseverei na minha resolução.

Dar-vos-hei o meu vinho, lhe disse eu, e vós dar-me-heis o papel preciso para esta correspondencia, e ficai certo, que logo que eu sinta o soído de chaves, sem que ao mesmo tempo ouça a vossa cantiga, darei cabo immediatamente de qualquer objecto que escondido tenha.

—Eis aqui tem já o senhor uma folha de papel; e dar-lhe-hei todas quantas queira, pois descanço perfeitamente na sua prudencia.

Tanta foi a pressa com que enguli o café, que até escaldei a bocca. Tremerello saío, e eu puz-me a escrever.

A resolução que tomei sería boa ou má? Seria uma verdadeira inspiração de Deus? ou antes um triumpho proprio de minha audacia natural, e tendencia que eu tinha em dar de mão a sacrificios penosos, preferindo tudo quanto me era de aprazimento? Entraria ahi mix-

tura de orgulhosa complacencia pela estima que me testimunhava o desconhecido? ou receio de ser tido em conta de pusillanime, se preferisse um silencio prudente a uma correspondencia, pouco que fôsse, arriscada?

E por que modo havia eu de resolver duvidas taes? Expondo-as com toda a candura ao meu companheiro nos ferros, dizia-lhe:—Que, a meu ver, quando boas razões nos forçam de proceder deste ou dest'outro modo, e sem manifesta repugnancia de consciencia, nunca devemos recear que nos censurem. Mas porém, que eu lhe pedia reflectisse igualmente com toda a circumspecção no risco em que nos íamos metter, e com franqueza me dissesse o estado de tranquillidade ou de inquietação em que persistia; e que, se por novas e mais sérias reflexões, julgasse a empresa mui temeraria, então: —«fizessemos o reciproco esfôrço de renunciar á consolação que nos promettia esta correspondencia, dando-nos por contentes e conhecidos, só por este trato e trôco de algumas palavras, cuja lembrança durasse indelevel, e que fôssem um pinhor de eterna e verdadeira amizade.»

Escrevi quatro longas paginas animadas da mais viva e da mais sincera affeição; contava-lhe em resumo os motivos da minha prisão, fallava-lhe com grande effusão de coração, não só da minha familia, mas dos meus mais particulares e queridos amigos, e procurava fazer-me conhecer até ao intrinseco da minha alma.

De tarde entreguei a minha carta. E como na noite

antecedente não me fôra possivel pegar no somno, estava tam fatigado, que me não custou nada a adormecer, e na manhãa seguinte acordei restaurado de forças, alegre e alvoraçado com o doce pensamento de ter, talvez d'ahi a instantes, a resposta do meu amigo.

XXXIII.

Tremerello chegou com o café; e trazendo-me ao mesmo tempo a resposta, subito corri a abraçal-o e lhe disse com ternura: — Deus vos recompense por tanta caridade! As minhas suspeitas ácerca delle e do incognito tinham-se dissipado, nem eu sei bem o porque; talvez por me serem odiosas; ou porque, tendo eu sempre a prudente cautella de não fallar inconsideradamente em politica, me parecessem inuteis; ou porque, com quanto eu seja grande admirador do genio de Tacito, confio todavia muito pouco na infallibilidade dos juizos a seu modo, porque vem sempre sombreados de negras côres.

Juliano (este foi o nome que tomou o desconhecido com quem me eu carteava) principiava a sua carta por um preambulo cheio de expressões polídas, certificando-me, que nenhum susto o inquietava pela nossa correspondencia: continuava depois, chasqueando-me moderadamente pela minha irresolução em lhe escrever; mais

para o diante este escarneo tomava caracter mordaz; e ao cabo, depois de um eloquente elogio ácerca da sinceridade, pedia-me perdão de não poder dissimular o desprazer que lhe causára o encontrar em mim, dizia elle: — «certa hesitação escrupulosa, certa subtileza christãa de consciencia, que não podia concertar-se com a verdadeira philosophia.»

«Estimar-vos-hei sempre, accrescentava elle, ainda quando não possais concordar comigo neste ponto; mas a sinceridade que professo me obriga a confessar-vos, que não tenho religião alguma, que as abomino todas; que tomo *por modestia* o nome de Juliano, porque este grande imperador era inimigo dos christãos; mas que, na realidade, ainda nisto o excedo muito avante, que o Juliano coroado acreditava em Deus, e tinha tambem suas *beatices;* eu não tenho nenhuma; não creio em Deus; a virtude para mim consiste em amar a verdade e aos que a buscam, e em aborrecer o que me desagrada.»

E proseguindo assim, não dava razão de cousa alguma; invectivava a torto e a direito o Christianismo; louvava com pomposa energia a excellencia da virtude irreligiosa; e com estilo, ora serio, ora faceto, elogiava o imperador Juliano por sua apostasía e pela *filantropica* tentativa de apagar de sobre a terra todos os vestigios do Evangelho.

E depois, como que arrependido de combater tam rudemente as minhas opiniões, tornava a pedir-me perdão, declamando contra a falta de sinceridade, vicio tam

commum entre os homens! Manifestava de novo o seu ardente desejo de entreter relações comigo, e fazia o seu cumprimento de despedida.

Um post-scriptum dizia assim:—«O unico escrupulo que me resta, é de não ser franco em demazia por isso não devo calar-vos cousa alguma. Não posso occultar-vos a persuasão em que estou, de que essa linguagem christãa, que comigo tendes, é um verdadeiro fingimento. Em tal caso tirai a mascara, que eu por mim já vos dei o exemplo.»

Faltam-me expressões com que possa pintar a estranha impressão que em mim produzio a leitura daquella carta. O coração me pulsava como a um namorado, ao ler-lhe as primeiras regras, mas d'ahi a um instante, mão de frio gelo parecia que m'o apertava até o esmagar. Offendiam-me aquelles sarcasmos em despeito da ingenuidade de minha consciencia. Tive pezar de abrir trato com similhante homem. Eu, que desprézo tanto o cynismo! eu, que o detesto como o mais grosseiro dos vicios, e tendencia mais antifilosofica! eu, que em nenhuma conta tenho a arrogancia!...

E lida a ultima palavra, puz a carta entre o dedo polegar e o index de uma das mãos e entre o polegar e o index da outra, e levantando a mão esquerda, puxei de repente com a outra para baixo, de modo que cada uma das mãos ficou com metade da carta.

XXXIV.

Olhei para aquelles dous pedaços, e entrei a meditar por um instante sobre a instabilidade das cousas humanas, e sobre a falsidade de suas apparencias.— Ainda ha pouco, tanta sofreguidão de possuir esta carta; e agora eu a dilacero com desprêzo! Ainda ha pouco, tam vivo presentimento de futura amizade com este companheiro de infortunio, tamanha confiança de mutuas consolações, tam ardente desejo de lhe dar mostras de achrysolado affecto, e agora já lhe chamo insolente!...

Tornei a pôr os dous pedaços um sobre outro, e tendo disposto como da primeira vez o polegar e o index de uma das mãos, e o index e o polegar da outra, tornei a levantar a esquerda e a abaixar de repente a direita.

E já ía para repetir outra vez o mesmo, quando um dos quatro pedaços me caío das mãos; abaixo-me para o apanhar, e neste comenos mudo de proposito; eis que me chega desejo de tornar a ler aquella orgulhosa carta.

Sento-me, acerto os quatro pedaços sobre a minha Biblia, e torno a lel-os. E deixando-os neste estado, levanto-me, passeio, torno outra vez a ler mais, e entro a reflectir comigo:—Se eu lhe não respondo, cuidará que estou envergonhado e cheio de confusão, e que não

ouso tornar a apparecer diante de tamanho Hercules. Respondamos-lhe; façamos-lhe ver, que nos não arreceamos de que haja de confrontar as nossas com as suas doutrinas; mostremos-lhe com bom modo que não ha ignominia alguma em reflectir maduramente, quando se trata de aconselhar, ou de tomar uma resolução, que não deixa de ser perigosa, e mais perigosa ainda para com os outros, do que para comnosco. Conheça elle, que a verdadeira coragem não consiste em fazer ludibrio da consciencia; que a verdadeira dignidade não se estriba no orgulho. Expliquemos-lhe a conformidade do Christianismo com a razão, e a consistencia quebradiça da incredulidade. E finalmente, se, sem embargo disto, Juliano insistir, manifestando ainda opiniões tam oppostas ás minhas; se não moderar para comigo a virulencia de seus sarcasmos; se puzer tam pouco estudo em captar minha benevolencia, não me dará, ao menos nisto, uma prova de que não é um espia?—E quem me diz, que este rude sacudir de açoute sobre o meu amor proprio não seja uma subtileza artificiosa? Mas não... longe de mim prestar credito a similhante suspeita. Eu sou um homem injusto e máo, por isso que, vendo-me offendido de seus vituperios atrevidos, quereria persuadir-me, que quem mos lança em rosto não póde ser senão o homem mais abjecto e ignobil. Sentimento desprezivel, que mil vezes hei vituperado n'outrem, somete!... não me persigas o coração!... Não, Juliano é o que é, e nada mais, é um insolente, e não um espia.

Mas... que digo eu? Tenho porventura o direito de dar o odioso nome de *insolencia* ao que elle chama *sinceridade?*—Eis ahi a tua humildade, hypocrita!... Basta que alguem, por erro ou desváiro de entendimento, sustente uma opinião falsa e mofe de tua fé, para logo te arrogares o direito de reputal-o desprezivel! Deus sabe se esta humildade furiosa e este zêlo malevolo, no peito de um christão como tu, não é peior ainda do que a audaz sinceridade daquelle incredulo!... Não fôras mais caridoso se houveras de supplicar a Deus por elle, do que inflammares-te de colera tendo-te em melhor conta? —Talvez lhe falte apenas um só raio de graça, para que aquelle energico amor da verdade se lhe troque em Religião mais solida do que a minha? Quem sabe se em quanto eu enraivecido lhe fazia pedaços a carta, lia elle a minha com a meiga benevolencia de um amigo, e tam confiado estaria na minha bondade, que não julgára offender-me com a franqueza de suas palavras!...—E qual será de nós ambos o mais injusto, aquelle que ama e diz—eu não sou christão, ou est'outro que diz—eu sou christão, e não ama? Difficultosa cousa é conhecer um homem com quem por largos annos se ha vivido em continuado trato, e eu apenas por uma carta já quero metter-me a julgal-o? E entre tantas cousas possiveis, não poderá acontecer, que este homem, calando comsigo mesmo a pouca tranquillidade em que vive no atheismo que alardeia, me provoque assim a combatel-o, só pela occulta esperança de convencer-se do seu erro?

Ah! se assim fôra, grande Deus, em cujas mãos os mais indignos instrumentos podem não só ser efficazes, mas até obrar maravilhas! escolhei-me para esta empreza! Inspirai-me Deus meu, e dictai-me razões tam sanctas e tam poderosas, que levem a convicção áquella infeliz alma, que a demovam a bemdizer-vos e a conhecer que longe de vós não se dá virtude que contradicção não seja!

XXXV.

E rasgando miudamente, mas sem me tomar de colera, os quatro pedaços da carta, chego-me para a janella, estendo a mão de fóra, e ponho-me a reparar na sorte daquelles bocadinhos de papel abandonados á mercê do vento. Alguns pousaram sobre o telhado de chumbo da igreja, outros giravam muito tempo pelo ar e caíam por terra. E vi que andavam tam dispersos, que nenhum perigo havia de que alguem os tornasse a unir e penetrasse o misterio.

Escrevi depois a Juliano, e empreguei todo o cuidado por que minha carta fôsse escripta com paz de espirito, e nem sequer trasluzisse nella o mais leve indicio de enfado.

Metti-o a bulha sobre o receio que elle tinha de que eu não levasse a minha subtileza de consciencia a um gráo incompativel com a filosofia, e pedi-lhe quizesse

ao menos nesta parte suspender o seu juizo. Louvei-lhe a sua profissão de sinceridade certificando-o de que a este respeito se me não avantajava, e accrescentando, que para disto lhe dar boa prova, me aprestava a lhe apresentar a defeza do Christianismo,—«certo de que, lhe dizia eu, como eu esteja sempre prompto a ouvir amigavelmente as vossas opiniões, tereis tambem da vossa parte a generosidade de attender ás minhas.»

Aquella apologia, propunha-me eu il-a fazendo pouco a pouco; entretanto principiava por uma análise fiel do Christianismo:—Culto de Deus despido de superstição.—Fraternidade para com todos os homens.—Tendencia constante para a virtude.—Humildade sem baixeza.—Dignidade sem orgulho, e por modêlo um homem-Deus!... Nada mais filosofico, nada mais sublime!

Intentava mostrar-lhe depois, como esta suprema Sabedoria mais ou menos efficazmente se revelára aos que com os lumes da razão andaram sempre em busca da verdade, mas nunca se havia propagado a todas as intelligencias; e como, chegado que foi á terra o divino Mestre, dera protentoso signal de sua vinda, e conseguíra, por meios humanamente os mais fracos, generalizar por todo o mundo aquella mesma Sabedoria. Que a destruição da idolatria, e a prégação universal da fraternidade humana, beneficios estes, que filosofos consumados não puderam obter, alguns apostolos rusticos e boçáes o souberam conseguir. Que então a emancipação dos escravos de dia em dia se fôra tornando

mais frequente, e por fim apparecêra uma civilisação sem escravos, estado este da sociedade, que os antigos filosofos tiveram sempre como impossivel.

Com um resumo da historia do mundo desde Jesu-Christo até nossos dias, propunha-me, em ultimo logar, demonstrar-lhe, como a Religião estabelecida pelo Redemptor fôra sempre accommodada a todos os possiveis gráos de civilisação; e que por isto deveremos convencer-nos de que, por maior que seja o progresso da civilisação, nunca virá um dia em que o Evangelho cesse de accordar-se com ella.

E apezar de escrever em letra muito miuda, por querer ser mais extenso, ainda escrevêra mais, se me não faltasse papel. Li e tornei a ler a minha introducção, que me pareceo bem feita: Juliano não toparia ao lel-a com uma palavra só de resentimento contra os seus sarcasmos; antes sim havia de encontrar muitas expressões de benevolencia, que o meu coração já de todo rèndido á tolerancia, m'as havia dictado.

Mandei aquella carta, e ancioso esperava pela resposta no seguinte dia de manhãa.

Tremerello entrou e disse-me:

—Aquelle senhor não pôde escrever, mas recommendou-me lhe dissesse, que póde continuar com a mesma zombaria.

—Zombaria! exclamei eu. Oh! não, elle não fallou em zombaria; isso é engano: talvez que o não percebesseis.

Tremerello encolheo os hombros:—Pois póde ser que eu percebesse mal.

—Mas estais vós bem certo de ouvir fallar em—zombaria?

—Tam certo, como de estar agora a ouvir soar as badaladas do sino de S. Marcos. (E com effeito aquelle sino estava a tocar). Bebi o café e calei-me.

—Mas dizei-me cá... Esse senhor já tinha lido a minha carta?

—Eu assento que sim; porque elle ria... como um perdido... depois amassou-a em bolla, entrou a atiral-a ao ar como que a jogar a pella, e quando o adverti que se não esquecesse de a rasgar, foi um instante em quanto a rasgou.

—Está bem...

Entreguei a chicara a Tremerello, dizendo-lhe, que bem se conhecia, que o café fôra feito pela senhora Bettina.

—Porque?... o senhor acha-o máo!

—Pessimo.

—Pois saiba que fui eu que o fiz, e affirmo-lhe que o fiz bem forte, e que a cafeteira não tinha nada de fundagens.

—Então será de mim... é que estarei com máo paladar.

XXXVI.

Encendido de colera, levei eu toda aquella manhãa a passeiar.—E que tal é a têmpera deste Juliano! Que encontra elle na minha carta, que possa tomar-se por —zombaria—? e que haja de lhe dar motivo para mófa e para jogar a pella? E nem sequer se digna de enviar-me uma regra em resposta? Eis ahi como são os incredulos! Conhecendo a fraqueza de suas opiniões, se alguem se propõe refutal-as, não só lhe não prestam ouvidos, mas ainda em cima o escarnecem e insultam, ostentando superioridade de espirito, que não carece de examinar cousa alguma! Miseraveis! E quando é que póde dar-se nunca filosofia sem exame e sem estudos serios? Se é verdade que Democrito ria de tudo constantemente, então Democrito não era filosofo, era um verdadeiro bobo. Mas a culpa é minha... porque havia de eu tomar tanto a peito similhante correspondencia? Que me eu illudisse um instante... ainda ainda... mas conhecendo já a sua insolencia, não fui bem tolo em lhe tornar a escrever?

E já estava resolvido a não tornar a escrever-lhe. Ao jantar Tremerello tomou o meu vinho e vasou-o em uma garrafa que metteu na algibeira:—Ia-me esquecendo, me disse elle, de lhe dar o papel que trago: eil-o aqui, senhor. Entregou-mo e saío.

E eu fitando os olhos naquelle papel em branco, não posso desviar de mim a tentação de escrever pela ultima vez a Juliano, para o despedir com uma lição mestra sobre a torpeza da insolencia.

Optima tentação! disse eu comigo, caíndo mais em mim, tornar-lhe desprêzo por desprêzo! fazer-lhe cevar mais a sanha contra o Christianismo, mostrando-lhe em um christão intolerancia e orgulho! Nada, isto de nada val: melhor é acabar por uma vez esta nossa correspondencia. Mas se eu parar com ella, não cuidará elle tambem, que me deixei vencer da intolerancia e do orgulho? Convem pois escrever-lhe ainda outra vez, e sem rancor. Mas se eu posso escrever-lhe sem rancor, não fôra melhor fazer-me desentendido de seus motejos, e dos appellidos com que elle mimoseou a minha carta? Não será melhor continuar á boamente com a minha apologia ao Christianismo?

Reflecti um instante e tomei este accôrdo.

De tarde enviei-lhe a minha carta, e na manhãa seguinte recebi algumas regras em agradecimento: o estilo era mui frio, e nas expressões, posto que nenhuma mordacidade houvesse, não me dava o menor indicio de approvação, nem sequer me dava uma só palavra que me convidasse a continuar.

Com quanto assás me desconsolasse similhante bilhete, resolvi todavia levar minha empreza ao cabo sem sossobrar.

A minha these não podia tratar-se em poucas linhas,

e por isso deo materia para cinco ou seis longas cartas, a cada uma das quaes Juliano me respondia com agradecimento laconico acompanhado de algumas declamações estranhas ao assumpto; ora imprecando contra os seus inimigos, ora censurando-se de taes imprecações, dizendo ser natural que os fortes opprimam os fracos; e que de nada se lamentava tanto, como de não ser forte, ora finalmente fazendo-me confidencia de seus amores, intimando-me o imperio que estes exerciam sobre a sua imaginação cruelmente atormentada.

Entretanto, em resposta á minha ultima carta sobre o Christianismo, dizia elle estar-me preparando uma longa replica. Esperei mais de uma semana, durante a qual me escrevia todos os dias sobre outras cousas que as mais das vezes eram obscenidades.

Pedi-lhe que se lembrasse da resposta que me promettêra, recommendando-lhe que houvesse de applicar o seu espirito ao exame serio de todas as razões que eu tinha avocado em apoio da minha these.

Respondeo-me algum tanto encolerisado, vangloriando-se com os titulos de filosofo, de homem firme, de homem que não carecia pezar as cousas para conhecer a differença entre os vagalumes e lanternas. Passava depois a fallar descommedidamente em aventuras escandalosas.

XXXVII.

Eu o soffria com paciencia, para que elle me não appellidasse beato e intolerante, e porque não desesperava, que depois de uma febre tal de eroticas chocarrices, viesse um intervallo de seriedade e reflexão. Entretanto manifestei-lhe a minha desapprovação por suas irreverencias a respeito de mulheres e pela maneira indecente com que tratava o amor; e lastimava aquellas infelizes que elle me dizia terem sido suas victimas.

Elle fingindo dar pouco credito ás minhas censuras dizia:—«Porque é que me accusaes vós de immoralidade; estou certo que vos entretenho com os meus contos. Todos os homens são como eu inclinados ao prazer, só lhes falta a franqueza de fallar sem dissimulação. Dir-vos-hei tantas cousas que vos deleitem, que eu vos fico, que por fim me haveis de applaudir.»

Mas de semana em semana se ía passando o tempo sem elle desistir de taes infamias; e eu esperando sempre a cada nova carta deparar com diverso assumpto, levado do attractivo da curiosidade as lia todas, e a minha alma ficava não de todo seduzida, mas perturbada, empobrecida e exhausta de pensamentos nobres e santos. O tratar com homens dissolutos fará caír na devassidão a qualquer que não possua virtude muito além da ordinaria, virtude muito superior á minha.

—Ora eis ahi tens, dizia eu, o castigo da tua presumpção! Ahi tens o lucro que se tira em querer ostentar de missionario, sem ter os dotes de sanctidade que exige tal ministerio.

Um dia decidi-me emfim a escrever-lhe estas palavras:

«Tenho-me esforçado atégora por vos chamar a outros pontos, e vós trataes sempre de objectos, que, a fallar-vos franco, me desagradam bastante. Se porventura vos prouver fallar de cousas mais dignas, continuaremos com a nossa correspondencia; aliás dêmos reciprocamente as mãos em signal de amizade, e cada qual de nós se metta comsigo.»

Tardou-me a resposta por espaço de dois dias; e a principio não deixei de estimar esta tardança. Oh! solidão abençoada! quanto és menos amarga do que uma conversação ignobil e sem harmonia! em vez de atormentar-me com a leitura de impudencias, em vez de fatigar-me de balde oppondo-lhe a expressão de sentimentos que honram a humanidade, tornarei a conversar com o meu Deus, e com a memoria sempre querida da minha familia e dos meus verdadeiros amigos; irei dedicar-me todo á meditação e leitura da Biblia; tornarei a escrever sobre a mesa os meus pensamentos, estudando a fundo o meu coração, procurando melhoral-o e gostando as doçuras de innocente melancolia mil vezes preferiveis ás imagens deleitosas e iniquas de uma alegria peccaminosa.

Sempre que Tremerello entrava no meu carcere me dizia:—ainda não trago resposta.—Bem está, lhe tornava eu.

Passados tres dias disse-me:—o senhor N... está adoentado.

—Que tem elle?

—Não m'o disse, senhor; mas vejo-o sempre deitado; não quer comer nem beber; e parece estar impertinente.

Fez-me commoção o saber que elle soffria, sem ter viva alma que o consolasse.

Escrever-lhe-hei duas regras, disse eu então: estas palavras me escaparam dos labios, ou antes, do coração.

—E eu que estou prompto para lhas ir levar hoje de tarde, disse Tremerello, e depois saío.

E sentando-me á minha banca fiquei de certo modo embaraçado e como que ainda irresoluto.

—E deverei eu porventura continuar com esta correspondencia? Não abençoava eu ainda ha um instante a solidão como um thesouro reconquistado? Que inconstancia é pois a minha! Mas este infeliz, que perdeo o comer e o beber... de certo está doente. E será este o momento proprio para eu o abandonar? O meu ultimo bilhete ía um tanto aspero; talvez contribuisse para mais o amargurar; talvez que não obstante a nossa diversidade de opiniões, nunca elle fosse o primeiro a cortar o nó de amizade que nos unia. O meu bilhete lhe terá parecido muito mais mordaz do que realmente

era; talvez o tomasse até por uma despedida de desprêzo.

XXXVIII.

Eis os termos em que lhe eu escrevi:

«Sei que passais incommodado, o que sobremodo me consterna; e quereria de todo o coração estar comvosco, só para vos prestar todos os desvelos de verdadeira amizade. Cuido que o máo estado da vossa saude terá sido o motivo unico do vosso silencio ha tres dias. Offender-vos-hieis acaso pelo meu bilhete dest'outro dia? Assevero-vos que não entrava nelle a menor intenção de affligir-vos, nem a minima idêa de malquerença; foi unicamente dictado pelo desejo de vos chamar a objectos de entretenimento mais serios. Se vos for custozo escrever-me, mandai-me somente novas exactas da vossa saude: escrever-vos-hei todos os dias, pouco que seja, só por vos distrahir; e porque hajais de ter-me em conta de vosso verdadeiro amigo.»

Nunca esperei que elle me respondesse por esta fórma: a carta começava assim:

«Renuncio desde já á tua amizade: se não sabes como te has-de haver com a minha, menos sei eu por que modo me haverei com a tua. Não sou homem que releve offensas; não sou homem que volte ao chamado de outrem uma vez que rejeitado seja. Agora, porque sa-

bes da minha doença, é que procuras seduzir-me com tua maliciosa hypocrisia, na idêa de que a enfermidade me terá enfraquecido o espirito, e me levará a escutar os teus sermões!» E continuando neste estilo, me vituperava com virulencia e reprehendia com sarcasmos; tornava em ludibrio as minhas expressões de Religião e de moral; e protestava de viver e morrer firme sempre nos mesmos principios, isto é, com o odio mais encarniçado e com o mais vivo desprêzo de toda a filosofia contraria á sua.

Eu fiquei... attonito e consternado.

—Ora eis ahi as excellentes conversões que eu faço! exclamei com dor e horrorisado. Deus me é testemunha da pureza de minhas intenções. Não, taes injurias, não as hei merecido... Ora pois! paciencia!... é um desengano de mais. Deixemos este insensato, comprazendo-se muito embora de imaginar offensas para se vangloriar de as não perdoar! Eu... não me resta escrupulo... que não sou obrigado a fazer mais do que o que tenho feito.

Todavia, passados alguns dias, a minha indignação se refreou mais, e subio-me ao pensamento, que aquella carta tam frenetica bem podia ter sido fructo de alucinação passageira.—Talvez a esta hora bem arrependido esteja elle de me escrever daquelle modo, e que por altivez de genio me não confesse que obrou mal! Pois então, porque não hei de praticar um acto generoso, escrevendo-lhe outra vez, agora que tem já decorrido

tempò bastante, e que o seu espirito ha de estar mais tranquillo?

Tamanho sacrificio devêra por extremo constranger o meu amor proprio, mas não hesitei fazel-o. Aquelle que se humilha sem baixas intenções, não se avilta, quaesquer que sejam os injustos desprêzos que lhe tornem.

Tive em resposta uma carta menos violenta, mas não menos insultante. O obstinado me dizia, que admirava a minha moderação evangelica.

«Agora pois, proseguia elle, voltemos á nossa correspondencia, mas fallemos claro: nós não nos amâmos; se um ao outro nos escrevemos é para nos distrahirmos cada qual a seu modo, entregando livremente ao papel, tudo o que nos vem á cabeça; vós, as vossas seraficas imaginações; e eu, as minhas blasfemias; vós, os vossos extasis sobre a dignidade do homem e da mulher; eu, a relação ingenua de minhas profanações, na esperança reciproca, vós, de me converterdes, eu, de vos converter. Respondei-me se este pacto vos convem.»

«Isso que me propondes não é um pacto, lhe respondi eu, é uma irrisão... Tenho tido para comvosco bemquerença de sobejo. A propria consciencia a nada mais me obriga do que a desejar-vos todas as felicidades e venturas nesta vida e na outra.»

Assim acabaram as minhas relações com este homem, quem sabe? talvez mais exasperado pela força da desgraça, e mais delirante por desespêro do que máo no fundo d'alma.

XXXIX.

Solidão querida!... ainda outra vez tornei a abençoar-te no fundo de minha alma!

Os meus dias correram de novo e por algum tempo sem aventuras: o estio acabou, e desde o meado de setembro por diante o calor principiou a abrandar; entrou o mez de outubro, e já eu me sentia mais satisfeito por ter um quarto, que de inverno havia de ser agasalhado. Baldada esperança foi esta! um dia de manhãa veio o carcereiro avisar-me, que tinha ordem de me mudar de carcere.

—E para onde vamos nós?

—Aqui para perto, para um quarto mais fresco.

—E porque se não lembraram de transferir-me para lá, quando eu morria de calor, quando o ar estava infestado de mosquitos, e o meu leito infecto de percevejos?

—Não veio ordem mais cedo.

—Paciencia! Vamos lá.

E com quanto aquelle carcere tivesse sido para mim verdadeira frágoa de tormentos, custava-me a deixal-o, não só porque havia de ser muito bom na estação fria senão por mil outras razões. Eu tinha alli por companheiras as minhas formigas, que estimava e sustentava com uma solicitude, que quasi dissera paternal, se a allusão não fôsse ridicula. Havia poucos dias que a mi-

nha querida aranha de que já fallei, tinha desertado não sei por que motivo; mas eu dizia:—Quem sabe se ella se lembrará de mim, e voltará? E agora que eu sáio daqui, talvez que ella torne de novo, e encontre a casa vazia, ou habitada por algum novo hospede que seja inimigo de aranhas, dê cabo desta bella teia, e esmague o pobre bichinho! E demais disso, a compaixão de Zanze, e as consolações que as suas visitas me inspiravam não foram de sobra para me fazerem perder a este triste carcere todo o horror que lhe eu tinha, e para m'o tornarem mais formoso e agradavel? Quantas vezes se não encostou ella a esta janella deixando generosamente caír para as minhas formigas migalhas do seu pão! Alli é que ella se costumava sentar; aqui me contou isto; acolá, est'outro; além, mais de uma vez reclinada sobre a mesa deixava correr suas lagrimas.

O meu novo carcere ficava tambem por debaixo dos *Chumbos,* mas era exposto ao norte e ao poente, com duas janellas, cada uma para um destes lados, habitação de perpetuos catarrhos e de frio horrivel nos mezes rigorosos.

A janella que olhava para o poente era muito grande; a do norte era pequena e alta, e ficava por cima do meu leito.

Assomei-me a esta e vi que caía sobre o palacio do patriarcha. Outros carceres ficavam proximos ao meu em um pequeno braço do edificio á direita e em uma sacada do edificio que me ficava defronte. Nesta sacada

ou prolongamento havia duas prisões uma sobre outra. A debaixo tinha uma janella desmarcada, atravez da qual eu via passar da parte de dentro um homem nobremente vestido. Era o senhor Caporali de Cesena; assim que me vio, assenou-me, e ambos nos cumprimentámos pelos nossos nomes.

Querendo depois examinar para que lado deitava a minha outra janella, puz a mesa sobre a cama e sobre a mesa uma cadeira: vi então que ella ficava rente com o telhado do palacio, para além do qual se avistava uma linda parte da cidade e da *Laguna*.

Alli me demorei a espraiar os olhos naquella vista que tanto me enleava os sentidos, e ouvindo abrir a porta não fiz caso para mudar de posição. Era o carcereiro, que vendo-me trepado em cima, sem advertir que eu não podia passar como um feiticeiro atravez das grades, julgando que eu tentava fugir, assustado e fóra de si naquelle primeiro momento, saltou de repente sobre a cama, apezar de uma dor sciatica que o atormentava, e agarrou-me pelas pernas, gritando como uma aguia.

—Mas não vedes vós, lhe disse eu, homem irreflectido, que por aqui é impossivel fugir? Como poderia eu atravessar por entre estes varões? Não discorreis, que só motivo de mera curiosidade é que me faria subir aqui?

—Bem vejo, senhor, bem vejo; mas desça, ora desça, eu lh'o peço, que isso são sempre tentações de fugir.

Convinha descer; e eu desci a rir-me.

XL.

Ás janellas dos carceres lateraes conheci mais seis presos por motivos politicos.

E sendo que eu me preparava para ir viver em uma solidão maior que no passado, sem o esperar me achei em uma especie de mundo pequeno. A principio causava-me enfado, ou fôsse porque o longo viver sozinho me houvesse tornado de caracter menos social, ou porque o exito desagradavel do meu conhecimento com Juliano me tivesse feito desconfiado.

Todavia esse pouco que nós fallavamos, quer por viva voz, quer por assenos, logo o vim a tomar por beneficio; e senão como estimulo de alegria, ao menos como distracção. A ninguem fallei nas minhas relações com Juliano. Ambos tinhamos empenhado nossa palavra de honra, que este segredo ficaria sepultado entre nós; e se eu aqui fallo a seu respeito, é porque, andem estas Memorias debaixo de que olhos andarem, será impossivel que o leitor adivinhe de entre tantos individuos detidos nas prisões qual delles tomava o nome de Juliano.

A estas novas relações com os meus companheiros de captiveiro accresciam outras, que mais que todas me eram apraziveis.

Da janella maior, para além do prolongamento dos

carceres que me ficava fronteiro, avistava uma vasta extensão de telhados, e por cima destes, como que postadas em atalaia, muitas chaminés, mirantes, campanarios e zimborios, que íam perder-se na perspectiva do mar e do ceo.

Na casa que me ficava mais visinha, que era uma parte da fachada do *Patriarchado,* habitava uma boa familia. Consolada seja ella! que tam credora se fez da minha gratidão, testimunhando-me com os seus cumprimentos a lastima que lhe eu inspirava! Oh! quanto um—Deus te salve—e uma palavra só de amor aos sem ventura tam grande caridade lhes é, e tam dentro do coração lhes sôa!

A primeira pessoa que alli vi foi um menino de nove para dez annos, que da sua janella erguia para mim as mãosinhas, e eu o senti gritar:

—Minha mãi! ó minha mãi! Olhe, puzeram um prêso lá em cima nos *Chumbos*...—Ó pobre prêso, quem és tu?...

—Eu sou Silvio Pellico.

Outro menino mais crescido correo tambem para a janella e perguntou-me em voz alta:—Tu és Silvio Pellico?

—Sou sim, meus queridos meninos; e vós quem sois?...

—Eu chamo-me Antonio S... e meu irmão é José.

Depois voltava para dentro, e eu o ouvia dizer:—E agora que mais lhe hei de eu perguntar?

Da parte de dentro da janella via eu uma senhora meio escondida, que cuido sería mãi daquelles meninos, e que de vez em quando dictava meigas palavras aos seus queridos filhinhos; elles m'as repetiam todas, e eu lhas agradecia com a mais viva ternura.

Aquellas conversas, apezar de curtas, era forçoso abbrevial-as sempre para não abusar, e para evitar os gritos do carcereiro; mas cada dia se repetiam com grande consolação minha, de manhãa, ao meio dia e á tarde. Ao accender das luzes, a tal senhora fechava a janella, e os meninos me diziam em voz alta: —Boa noite, Silvio! e ella então menos acanhada, e colhendo mais desembaraço com a escuridão da noite com voz condoída se retirava dizendo-me: —Boa noite, Silvio! Animo!...

Quando os meninos almoçavam ou merendavam diziam para mim: —Tomaramos nós dar-te do nosso café com leite! Se pudessemos, tambem te davamos biscoitos! No dia em que saíres livre não te esqueças de nos vir ver... não! Havemos te dar biscoitos bons... e quentes... e tantos beijos!...

XLI.

Caía no mez de outubro o mais cruel de meus anniversarios. No dia 13 fazia um anno em que eu fôra prêso. Este mez me trazia sempre á lembrança tristes recordações. Dous annos antes, em outubro, por um

accidente funesto se havia afogado no Ticino um homem de merecimento, que eu respeitava muito. Tres annos antes, tambem em outubro, um moço, que eu amava tanto como se fôsse meu filho, Eduard Briche se havia suicidado involuntariamente com um tiro de espingarda. Tambem me não podia esquecer um triste revez que me affligira nos primeiros annos da minha mocidade.

Ainda que eu não seja supersticioso, esta coincidencia de fatalidades no mesmo mez, e a lembrança de tantas desditas me inspirava profunda tristeza.

Em quanto conversava da minha janella com aquelles meninos ou com os meus companheiros de captiveiro, esforçava-me por demostrar um ar desassombrado; mas assim que voltava para o meu triste aposento, um enorme pêso de dor caía sobre minha alma e a opprimia.

Lançava mão da penna para compor alguns versos, ou para me entregar a qualquer outro trabalho literario; e uma força irresistivel parecia constranger-me a escrever differente cousa. E o que?... longas cartas que não podia remetter a seu destino... longas cartas á minha querida familia, nas quaes eu derramava todo o meu coração... Escrevia-as sobre a mesa e depois raspava-a. Eram fervorosas e ardentes expressões de ternura, memorias da felicidade que outr'ora disfructára junto de meus pais, irmãos e irmãas, tam carinhosos, indulgentes e amigos!... A viva saudade que me ator-

mentava, e a dor de que estava penetrado por sua ausencia me inspiravam uma infinidade de affectos. E depois de ter escripto horas e horas, sempre me restavam ainda mais sentimentos que expressar.

Novo modo era este de recorrer pela lembrança os varios successos de minha vida, nova fórma de recrear a memoria com os vestigios e illusões do passado, e fixal-a sobre esses tempos afortunados e já sumidos! Mas, ai! Deos meu!... quantas vezes depois de ter reproduzido ante meus olhos um quadro animado das mais vivas côres, um painel da mais deliciosa perspectiva; depois de ter embevecido a imaginação até me suppor na presença da pessoa a quem escrevia, sentia de improviso, com a lembrança da minha situação presente, a penna caír-me da mão, e a alma estremecer-se-me de horror!... Ai! que tam atribulados momentos não eram estes! Mais vezes se tinham por mim passado, mas nunca me assaltaram convulsões tamanhas como as que acabava de sentir.

Attribui estas convulsões e estas horriveis angústias á exaltação de meus sentimentos devida á fórma epistolar que adoptava naquelles escriptos, e á estima de tam queridas pessoas a quem os eu dirigia.

Fiz diligencia por me entreter n'outra cousa, mas não pude; quiz abandonar ao menos a fórma epistolar, e tambem não pude. Em pegando na penna e entrando a escrever, o resultado era sempre uma carta cheia de ternura e de dor.

Não tornarei a ser senhor de meu alvedrio! Este não poder acabar comigo, e não saber vencer-me, esta força que me constrange a fazer o que eu não quizera, será já um verdadeiro transtôrno do meu cerebro. Fôra isto facil de explicar nos primeiros tempos da minha prisão: mas agora... avesado como já estou á vida de encarcerado; agora... que a minha imaginação devêra estar tranquilla; agora... que tantas meditações filosoficas e religiosas teem alimentado a minha alma... donde vem tornar-me eu escravo de cegos desejos do coração, e como se fôra ainda menino, deixar-me levar de caprixos?... Voltemos a attenção para outro objecto.

Cuidei então em dedicar-me ao exercicio da oração, e em dar-me ao enfadonho trabalho de estudar a lingua allemãa. Esforços baldados!... D'ahi a nada, já eu estava a escrever outra carta.

XLII.

Um estado assim, era uma verdadeira enfermidade; nem eu sei se deva caracterizal-a por uma especie de somnambulismo. Era sem duvida o effeito de extrema fadiga produzida por aturadas vigilias e grande trabalho de espirito.

E o mais é que este estado foi progredindo tanto, que em breve se me seguio febre e insomnia, e levava

as noites em continuada agitação. Cuidei que tiraria algum fructo abstendo-me do café, mas a insomnia era a mesma.

Parecia-me encontrar em mim dous individuos, um que queria estar sempre a escrever cartas, e outro que queria occupar-se em differente cousa. Pois bem... dizia eu; transijâmos:—escreve cartas muito embora mas has de escrevel-as em allemão, que deste modo aprenderemos esta lingua.

Desde então principiei a escrever tudo em máo allemão; e ao menos consegui assim fazer alguns progressos no estudo desta lingua.

As aturadas vigilias da noite faziam com que ao amanhecer o meu cerebro, de enfraquecido, caísse em uma especie de torpor. Então nos meus sonhos, ou antes, nos meus delirios, figurava-se-me ver meu pai, minha mãi, ou outra qualquer pessoa por quem meu coração se interessava, desesperarem do meu destino; parecia-me estar ouvindo os seus dorídos e convulsivos soluços, que me retalhavam a alma; e eu com o coração como que gelado de susto e sobresaltado despertava logo tambem em soluços.

Algumas vezes, nestes breves sonhos, parecia-me estar vendo minha mãi a consolar os outros, entrar com elles no carcere e dirigir-me as mais sanctas palavras sobre os deveres da resignação; e quando eu então mais me animava por sua coragem e pela dos outros, ella prorompia em copioso pranto, e todos choravam. Ninguem

póde fazer idêa da dor que então ía na minha alma, e das crueis agonias e tractos que a dilaceravam.

Até por me ver livre de tam mofino estado, veio-me ao pensamento o não tornar-me a deitar. Conservava a luz acceza toda a noite e ficava encostado á banca a ler ou escrever. Mas que monta?... que se um momento eu disperto lia, ou não podia comprehender cousa alguma, ou a minha cabeça não tinha de todo força para coordenar suas idêas! Então lembrava-me copiar alguma cousa, mas copiava-a revolvendo no pensamento outras muito diversas, e meditando de continuo em minhas afflicções.

Se me mettia na cama, ainda peior me acontecia, porque todas as posições me eram insupportaveis; uma anxiedade convulsa me agitava, e logo era mister levantar-me; ou então, se succedia deixar-me tomar do somno, pouco que fôsse, sonhos angustiosos ainda me mortificavam mais do que o estado de vigilia.

As minhas supplicas eram aridas, e comtudo eu as repetia vezes a miudo, não com longas orações estiradas em palavras, mas invocando a Deus, a esse Deus que se identificou com o homem, e provou todas as dores humanas.

Naquellas horriveis noites ás vezes a imaginação se me exaltava por tal fórma, que ora mesmo acordado que estivesse, se me affigurava ouvir gemidos, ora sentir risadas suffocadas. Já desde a minha infancia que eu tinha perdido de todo as preoccupações desta idade

deixando de accreditar em feiticeiros e duendes, e agora estes gemidos e estas risadas me sobresaltavam sem saber explicar o como, e quasi me via forçado a duvidar se eu seria ou não o ludibrio de algum agente desconhecido e malfazejo.

Muitas vezes convulso pegava na luz, e procurava se alguem estaria de proposito escondido debaixo da cama, só para zombar de mim. Outras vezes lembrava-me que o motivo porque me haviam mudado para aquelle quarto, era porque nelle haveria algum alçapão, ou nas paredes alguma porta falsa, por onde os esbirros espreitassem tudo quanto eu fazia, e tomassem por cruel divertimento fazerem-me aterrar.

Sentado á mesa, ora se me figurava que alguem me puxava pelos vestidos, ora que tinham empurrado um livro que caía no chão, ora que alguma pessoa por detraz de mim soprava a luz para a apagar. Então sobresaltado levantava-me, entrava a olhar para todos os lados e a passear como desconfiado, e perguntava a mim mesmo, se estaria louco ou em meu juizo. Não sabia differençar das cousas que via e sentia, nem o que era realidade nem o que era illusão, e exclamava atormentado de angústias: «*Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*» Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes vós?

XLIII.

Uma vez, tendo-me deitado pouco antes do alvorecer da manhãa, parecia-me estar certo de haver mettido o lenço debaixo do travesseiro. Depois de um momento de somnolencia despertei segundo o costume e cuidei que me estrangulavam. Achei-me com o pescoço estreitamente apertado com aquelle lenço, e este, (parece incrivel!) com muitas voltas e nós. Juraria que não houvera dado taes nós, nem pegára em similhante lenço depois que o tinha mettido debaixo do travesseiro. Isto não podia deixar de ser quê o eu fizesse em sonhos ou em delirio; mas nem de tal me occorria a mais leve idêa, e parecia-me impossivel; o certo é que desde aquelle momento não se passou uma só noite em que deixasse de entrar comigo o receio de morrer estrangulado.

Bem conheço eu quanto similhantes delirios e disparatadas visões hão de inspirar o ridiculo, aos olhos de outrem; mas eu que as soffria, penava com ellas tanto... tanto... que ainda hoje me fazem estremecer.

Felizmente dissipavam-se todas as manhãas, e em quanto durava a luz do dia sentia o espirito fortificar-se-me por tal modo contra similhantes torvações, que tinha como impossivel que ellas tornassem a affligir-me. Mas ainda bem não anoitecia entrava logo comigo um

tremor involuntario, e em cada noite se me representavam de novo as extravagantes e loucas fantazias da precedente.

Quanto mais aterrado me via durante a noite, tanto mais me esforçava por colher animo durante o dia e mostrar-me alegre nas conversas que tinha com os meus companheiros, com os meninos do *Patriarchado* e com os carcereiros. Ninguem, por certo, vendo-me assim prazenteiro, accreditára nas miseraveis fraquezas de que eu era victima. Por meio destes esforços, esperava eu conseguir algum vigor, mas enganei-me, que todas minhas diligencias se frustraram!... Aquellas apparições nocturnas, que de dia tinha por ninharias, de noite se tornavam para mim assustadoras realidades.

Se eu fôra menos acanhado teria pedido á commissão que me mudasse de quarto, mas não pude decidir-me a isso, receoso de que se houvessem de rir de mim.

E vendo eu que tudo era baldado, minhas reflexões, minhas resoluções, meus estudos e minhas supplicas, não se me podia tirar do pensamento a horrorosa idêa de que Deus me havia de todo abandonado.

Todos aquelles ruins sofismas contra a Providencia, que algumas semanas antes com minha razão assente se me figuravam tam miseraveis vinham então de arremêço transtornar a minha pobre cabeça, a ponto de me parecerem dignos de attenção. Luctei por muitos dias contra esta tentação, e por fim deixei-me vencer della!

Cheguei a duvidar dos beneficios da Religião, e servindo-me das expressões dos mais enraivecidos atheos e das que ultimamente vira escriptas por Juliano, exclamei:—A Religião só serve para afracar o animo. Tive a insolencia de accreditar que afastando-me de Deus o meu espirito recobraria o antigo vigor! Confiança insensata!... Eu negava a Deus e não sabia negar os entes invisiveis e malfazejos que parecia cercarem-me por todos os lados e pascerem-se de minhas dores!

E com que nome havia de eu qualificar similhante martyrio? Será bastante o dizer que era uma molestia? ou sería ao mesmo tempo um castigo que me infligia a mão de Deus para abater o meu orgulho, e fazer-me conhecer que, sem o auxilio de sua graça, eu podia tornar-me tam incredulo como Juliano, e mais inconsiderado do que elle?

Fôsse o que fôsse, é certo que, quando eu menos o esperava, Deus me deffendeo de mal tamanho.

Um dia de manhãa, tendo tomado o meu café, achei-me accommettido de violentas colicas e vomitos. Suppuz-me envenenado. Fatigado com a violencia do vomitar, e todo a escorrer em suor, atirei comigo á cama. Pela volta do meio dia peguei no somno e dormi tranquillo até ao anoitecer.

Despertei maravilhado de tam aturado repouso, e sentindo-me recobrado e sem somno, ergui-me:—Quando me levantar, disse eu, achar-me-hei mais vigoroso para resistir aos terrores do costume.

Mas os terrores não voltaram, e tamanha foi a alegria que se me entranhou n'alma, que no excesso do meu reconhecimento, principiando de novo a conhecer que Deus estava no meu interior, prostrei-me por terra para o adorar e perdir-lhe pedão de o ter negado por tantos dias. Este torrente de minha alegria esgotou-me as forças; e no instante em que me puz em joelhos firmando-me a uma cadeira, tomou-me outra vez o somno e adormeci naquella posição.

D'ahi não sei se a uma se a mais horas acórdo meio dormente; apenas tenho tempo de atirar comigo sobre a cama vestido como estava, e torno logo a adormecer até á madrugada. Fiquei todo o dia carregado com somno: ainda me tornei a deitar no fim da tarde e dormi a noite inteira. Que extraordinaria crise era esta por que eu passava? Não o sei: o certo é que me achei curado.

XLIV.

JÁ me não sentia atormentado com as náuseas que de ha muito me agoniavam o estomago; chegaram a desvanecer-se-me as dores de cabeça, e veio-me um appetite extraordinario; digeria-se-me optimamente a comida, e sentia irem-se-me recobrando as forças. Admiravel Providencia! vós m'as havieis tirado para me verdes humildar, e agora m'as restituieis, pois era chegado o

tempo em que se ía dar minha sentença, e não querieis ver-me fraquear quando ella houvesse de ser-me intimada.

No dia 24 de novembro um de meus companheiros, o doutor Foresti, foi tirado das prisões dos *Chumbos* e transferido não sabiamos para onde. O carcereiro, sua mulher e os *segundos* estavam aterrados, nenhum delles queria aclarar-me similhante mysterio.

—E que empenho tem o senhor de o saber? dizia Tremerello; se houvesse alguma cousa boa para saber! Nem tanto lhe eu havia de ter dito... Sim... já lhe disse de mais.

—Vamos... mas a que fim é tal segredo? exclamei horrorisado: é melhor fallar francamente; suppondes que vos não entendi?... Foi condemnado á morte? não é assim?

—Quem?... elle?... o doutor Foresti?...
Tremerello hesitava; porém a tendencia que tinha para taramelear não era por certo a menor de suas virtudes.

—Com tanto que o senhor não me ha de chamar chocalheiro: eu não queria de proposito abrir bico sobre taes cousas; e lembre-se, que se o faço é porque a isso me obriga.

—Sim... sim... bem sei que a culpa é minha; mas vamos... dizei-me tudo. Que é o que succedeo ao pobre Foresti?...

—Ai! senhor, fizeram-lhe passar a *ponte dos suspi-*

*ros!...** Mudaram-no para a prisão dos sentenciados!... Foi-lhe lida a sentença de morte a elle e a mais dous.

—E dar-se-lhe-ha execução? Quando? Oh! desditosos!... E quem são os outros dous?

—Não sei mais nada, não sei. As sentenças ainda não foram publicadas. Diz-se em Veneza, que as mais dellas serão commutadas. Deus o permitta! Oxalá que sentença de morte não tenha de ser executada sobre nenhum de vós outros. Praza a Deus ao menos que o senhor escape a ella quando não seja possivel escaparem todos! Tenho-lhe tanto affecto... ha de perdoar a minha confiança, como se o senhor fôsse um irmão meu!

E elle se partio commovido. Imagine o leitor em que sobresalto ficaria eu todo aquelle dia e noite seguinte, e os mais dias que se passaram, sem que me fôsse possivel saber mais cousa alguma.

Esta incerteza durou um mez; até que emfim se publicaram as sentenças relativas ao primeiro processo. Muitas pessoas ficaram envolvidas, nove das quaes sendo condemnadas á morte houveram commutação desta pena em prisão dura (*carcere duro*) por vinte, outros por quinze annos (devendo soffrel-a tanto uns como outros

---

* A *Ponte dos suspiros,* que em uma grande altura cruza um dos canaes, é a via de communicação entre as Prisões de estado, e o Palacio ducal. Os infelizes que a passavam íam ordinariamente ouvir sentença de morte. Tal foi a origem de seu nome: «*Il ponte dei sospiri.*»

na fortaleza de Spielberg, junto á cidade de Brünn na Moravia); outros por dez annos, o menos (e a prisão destes sería a fortaleza de Laibach).

Esta commutação de pena concedida a todos os accusados do primeiro processo sería uma prova de que se poupariam á morte tambem os do segundo? Ou ter-se-hia sómente esta indulgencia para com os primeiros por haverem sido presos antes da publicação dos decretos contra as sociedades secretas, decretos cujo rigor gravaria sobre os do segundo?

—A solução de similhante dúvida não poderá tardar muito, dizia eu; bemdito seja o ceo que ainda me dá tempo de attentar por mim, de prevenir-me para a morte, e de me ir dispondo a recebel-a com resignação.

XLV.

Morrer christãamente e com animo affoito e resignado era meu unico pensamento. Tive intentos de subtrahir-me ao patibulo tomando a morte por minhas mãos, mas afastei de mim esta idêa:—Pois que mais honra vai a qualquer que, para escapar ás mãos do algoz, intenta fazer-se algoz de si?—Colhe-se porventura alguma gloria disto!—Não é verdadeira puerilidade accreditar que seja mais honroso frustrar a execução pelo verdugo do que morrer-lhe nas mãos quando é

força que nos resignemos com a morte? Quando eu mesmo christão não fôra, o suicidio premeditado, reflectindo eu nelle, parecia-me um prazer indiscreto e uma vaidade inutil.

—Se pouco dista já o termo de meus dias, dizia eu, porque me não hei de ter por mais feliz, se elle se espaçar de modo que me dê tempo de me recolher em mim e de purificar a minha consciencia por aquella pureza de desejos, por aquella verdadeira contricção que é digna do homem? A morte em um patibulo é, no sentir do vulgo, de todas a peior; mas no juizo do sabio é preferivel a outras muitas precedidas de enfermidade em que desfallecem tanto as faculdades do entendimento, que nem sequer a alma tem força para desarreigar de si pensamentos terrenos.

A exactidão deste raciocinio com tal força me calou no espirito, que o horror da morte e daquelle genero de morte inteiramente se me desvaneceo. Meditei muito sobre os sacramentos, que deviam prover-me de vigor para aquelle momento solemne, e pareceo-me estar já em estado de os receber, e com as disposições necessarias para sentir a sua poderosa efficacia. E aquella firmeza d'alma que eu presumia ter, aquella paz interior, aquella indulgente affeição para com os meus inimigos, e aquella alegria de poder sacrificar minha vida á vontade de Deus, tel-a-hia eu conservado até ao ultimo degráo do cadafalso? Ai! quanto o homem não é cheio de contradicções! E quando se tem por mais seguro e

destemido na estrada da virtude, eil-o que em um instante resvala e se precipita no despenhadeiro da covardia e do crime! Teria eu então morrido dignamente? Só Deus o sabe, que eu não me estimo assás para o affirmar.

Comtudo a verosimil proximidade de minha morte por tal fórma me prendia a imaginação a esta idêa, que não só me parecia possivel o ter de morrer, mas até me parecia que um infallivel presentimento m'o annunciava. Nem me penetrava ao coração um só raio de esperança de evitar este destino: a qualquer soído de chaves, ou rumor de passos, ou desferrolhar-se-me a porta, eu dizia comigo:—Animo! Talvez me venham buscar para ir ouvir minha sentença: ouçamol-a com afoiteza e dignidade, mas com animo tranquillo, e bemdigamos o Senhor.

Reflecti no que por derradeira vez deveria escrever á minha familia, e em particular a meu pai, a minha mãi, a cada um dos meus irmãos e a cada uma de minhas irmãas; e entrando a revolver no pensamento aquellas expressões de sentimentos tam profundos e tam sagrados, enternecia-me com deliciosissimo affecto, e entravam-me a correr as lagrimas; e este pranto não me afrouxava a vontade, que assás resignada a tinha eu já ao que pudesse acontecer-me.

Neste estado como não me haviam de assaltar de novo as antigas vigilias? Mas quanto se não differençavam das primeiras! Já no meu carcere não sentia

aquelles gemidos, nem aquellas risadas que tanto me haviam mortificado, nem fantasiava compondo em meus delirios espiritos e homens occultos. A noite me era mais deleitosa do que o dia, porque então mais recolhido me afervorava na oração. Perto das quatro horas costumava deitar-me e dormia socegadamente quasi duas horas; depois de acordado deixava-me ficar na cama até mais tarde para mais completo repouso. Levantava-me pela volta das onze.

Uma noite, tinha-me eu deitado antes da hora costumada, e teria dormido um quarto de hora se tanto, quando despertando de repente vi um immenso clarão na parede que me ficava fronteira. Suppuz-me novamente recaído em meus antigos delirios; mas o que eu via não era uma illusão. Este clarão entrava-me pela janella do norte por debaixo da qual eu dormia.

Saltei logo ao chão, peguei na mesa, e pul-a sobre a cama, e a cadeira por cima, e subi: vi então o mais brilhante e mais terrivel espectaculo que o fogo podia apresentar á minha imaginação.

Era um grande incendio a um tiro de espingarda dos nossos carceres. O fogo tinha-se ateado na casa onde estavam os fornos publicos até que a devorou.

A noite era tenebrosa, e por isso tanto melhor se viam despegar vastos globos de lavareda e de fumo levados por um vento furioso. De toda a parte voavam faiscas que parecia choverem do ceo. A *Laguna* vizinha reflectia as chammas do incendio; multidão de

gondolas cruzavam alli em differentes direcções. Representava-se-me o susto e o perigo dos que habitavam a casa incendiada, e por extremo lastimava a sorte daquelles infelizes. Ouvia ao longe vozes de homens e de mulheres, que bradavam:—Tognina! Momolo! Beppo! Zanze! Ainda este ultimo nome veio retinir-me aos ouvidos! Ha milhares em Veneza, e comtudo não se me podia tirar da idêa aquella cuja meiga lembrança me ficára tam impressa n'alma! Se estaria alli aquella desgraçada, que eu tanto estremecia! E talvez cercada de chammas! Oh! que não possa eu arrojar-me em seu soccorro!

Cheio de susto e em continua inquietação, fiquei á janella até ao amanhecer; retirei-me depois opprimido de mortal tristeza, imaginando muito maior estrago do que na realidade houvera. Tremerello me contou que só tinham ardido os armazens contiguos com grande quantidade de saccos de farinha.

XLVI.

Ainda na imaginação se me pintava ao vivo o terrivel espectaculo daquelle incendio, quando poucas noites depois (ainda eu me não tinha deitado e estava sentado á banca onde estudava todo transido de frio), senti vozes pouco distantes: eram as do carcereiro, de sua mulher

e filhos, e dos *segundos* que gritavam em alto som:
—*Acudam ao fogo! Acudam ao fogo! Jesus, Maria, que ha de ser de nós! estamos perdidos!*

Aqueci no mesmo instante. Saltei logo em pé, e fiquei todo em suores; olhei por todos os lados para ver se distinguiria chammas; não as vi.

O incendio portanto era no interior do palacio em algumas repartições vizinhas da prisão.

Um dos *segundos* gritava:—Mas, senhor *patrão,* que hemos nós de fazer destes senhores *engaiolados,* se o fogo continuar a atear-se?

O carcereiro respondia:—Eu cá não tenho coração de os deixar morrer assados. Mas não lhes posso abrir a porta sem ordem da Commissão. Animo!... Vamos... corre depressa buscar esta ordem.

—Parto já de caminho, senhor, mas receio que a resposta não chegue a tempo.

E onde estava aquella heroica resignação, que eu tanta certeza tinha de possuir ao pensar na morte? Porque sentia eu febre com a idêa de ser queimado vivo?... Como que se maior prazer houvera em acabar com o baraço atado na garganta, do que em morrer devorado por chammas! E ao reflectir nisto fiquei corrido da minha timidez. Estava a ponto de chamar pelo carcereiro e pedir-lhe que pelo amor de Deus me abrisse a porta, mas contive-me; e todavia eu tinha medo.

—Ora eis ahi, disse eu, qual será a minha coragem, se escapado ao fogo houverem de levar-me a padecer!

Terei de me refrear e de encobrir aos outros minha fraqueza; mas hei de tremer... Embora! que tambem é coragem dissimular o susto e fazer por encarar a morte a pé quêdo e desafrontado quando o corpo treme a vacilla... e nem por isso é menos generoso o que trabalha por dar de vontade aquillo que não póde dar senão com violencia; nem é somenos obediente o que se apromptа à obedecer ainda quando isto lhe dê pena.

Conheci que o perigo crescia cada vez mais pelo alvoroto e vozearia que ía em casa do carcereiro. O *segundo* que tinha ido buscar licença de nos tirar d'alli tardava com a resposta! Finalmente pareceo-me ouvir-lhe a voz. Puz o ouvido á escuta, mas não pude ouvir-lhe cousa alguma. Aguardo, espero de balde: nem viva alma!..—É crivel que se não consinta o sermos transferidos para outro logar a salvo das chammas? E se não houver já meio de escapar-lhes? E se o carcereiro e sua familia cuidassem só de salvar-se a si, e a ninguem mais importassem os pobres presos que aqui estamos *engaiolados?*

Mas, tornava eu, isto não é ter filosofia... não é ter Religião... Não fòra melhor preparar-me para ver as chammas penetrarem pelo meu carcere e devorarem-me?

Entretanto o bulicio se ía apaziguando, e d'ahi a pouco tudo estava em silencio. Sería isto prova de que o fogo já estivesse apagado, ou fugiriam todos os que pudessem e não ficariam alli senão victimas abandonadas a tam cruel destino?

A continuação do silencio me tranquillisou: conheci então que o fogo estava apagado.

Fui para a cama e exprobrei em mim como fraqueza as angustias que tinha soffrido; e quando já por fim nenhum susto me intimidava de morrer queimado é que entrou comigo o pezar de não ser antes devorado pelas chammas, do que ter dentro de poucos dias de ir morrer ás mãos dos homens.

Na manhãa seguinte soube de Tremerello como fôra aquelle incendio, e puz-me a rir do medo que elle me disse tivera, como se o meu não fôra igual ou muito maior que o delle.

XLVII.

Contava-se o undecimo dia do mez de janeiro do anno de 1822, quando pelas nove horas da manhãa Tremerello procurou occasião de vir ter comigo e com ar inquieto me disse:

—O senhor sabe que na ilha de S. Miguel de Murano, aqui junto de Veneza, ha uma prisão em que estão talvez mais de cem carbonarios?

—Não é a primeira vez que m'o dizeis: vamos... que é o que succedeo mais? fallai... ha lá muitos senteceados? não é assim?

—Muitos, senhor.

—E quem são elles?

—Não sei.

—Estará tambem no rol o meu pobre Maroncelli? Ah! senhor, não sei mais nada. E partio enfiado, encarando-me com ar de compaixão.

Pouco depois chegou o carcereiro acompanhado dos *segundos,* e de um homem de mim desconhecido: o carcereiro pareceo confuso. O estranho dirigindo-se a mim intimou-me a seguinte ordem:

—Senhor, a Commissão ordena que me acompanheis.

—Estou prompto... vamos, lhe tornei eu: e quem sois vós?

—Sou o carcereiro das prisões de S. Miguel para onde o senhor vai ser mudado.

O carcereiro dos *Chumbos* lhe entregou o meu dinheiro que tinha em seu poder: pedi e obtive consentimento para brindar os *segundos:* emmalei o meu fato: metti a Biblia debaixo do braço e parti. Ao descer aquella immensa escadaria Tremerello me apertou furtivamente a mão, como se quizera dizer-me:—Desgraçado, estás perdido.

Saímos por uma porta que entestava com a *Laguna,* onde nos esperava uma gondola com dous *segundos* do novo carcereiro.

Ao entrar na gondola senti que o coração se me abalava por encontrados sentimentos: por uma parte dava-me pena abandonar a morada dos *Chumbos* aonde apezar de ter soffrido tanto, me havia comtudo affeiçoado a alguem, ou alguem se havia affeiçoado a mim: por outra, sentia prazer com o ver-me a respirar um

ar desafogado depois de tam longa reclusão; de ver o ceo, e a cidade, e as aguas sem que me servisse de estorvo aquella triste reixa de varões de ferro: lembrava-me com saudade daquella deleitosa barca, que em tempos mais felizes me levava por sobre aquellas mesmas aguas, e que me recordava tambem as gondolas do lago de Côme, as gondolas do lago Maior, as barquinhas do Pó, as do Rodano e do Saônna!

Oh!... risonhos e aprazíveis annos de minha vida fenecidos para sempre!... E quem ha ahi que gozasse felicidade igual á minha?

Nascido de pais tam amoraveis, que não havia quem os igualasse em carinho para com os proprios filhos; em condição de medianía, que affastando-me tanto do pobre como do rico me collocava na melhor posição para poder estremar ambos estes estados, condição a meu ver a mais avantajada para o desenvolvimento de affectos virtuosos; depois de uma infancia amimada por doces caricias domesticas, parti para Lião, onde vivi na companhia de um primo por parte de minha mãi já avançado em annos e merecedor da fortuna que possuia. Alli tudo quanto no mundo póde haver de attractivo para um coração meigo e delicado havia alimentado com delicias os primeiros fervores de minha juventude: tornando depois á Italia voltei a viver com meus pais em Milão, onde continuei a estudar, e a amar a sociedade e os livros, tendo a ventura de deparar amigos excellentes e de obter applausos lisonjeiros.

Monti e Foscolo, posto que inimigos um do outro tinham para comigo igual amizade. Affeiçoei-me particularmente ao segundo; e este homem irascivel, que por seus impetos fogosos não careava amigos era para comigo o mais terno e cordial, e eu tinha para com elle a maior estima e veneração. Tambem outros distinctos litteratos me estimavam como eu a elles. Nunca me acertaram os tiros da inveja; ou, pelo menos, se foram despedidos, vinham de gente tam desaccreditada e ignobil, que não podiam offender-me. Na queda do reino da Italia, meu pai com o resto da familia, passára a sua residencia para Turim; e eu, espaçando sempre de dia em dia o proposito de juntar-me a pessoas que me eram tam prezadas, fui-me deixando ficar em Milão sem me atrever a largar tamanha felicidade como a que alli gozava.

Entre os meus melhores amigos de Milão havia tres que mais particularmente ganharam a minha estima; D. Pedro Borsieri, Monsenhor Luiz de Breme, e o conde Luiz P*** Lambertenghi. Pelo tempo adiante accresceo o conde Frederico Confalonieri. Encarregado da educação dos dous filhos de P***, eu era para com elles um segundo pai, e para com o pai como um irmão. A casa deste meu amigo era frequentada não só por todas as pessoas mais polidas da cidade, mas tambem por muitos viajantes distinctos. Alli conheci Madame de Staël, Schlegel, Dawis, Byron, Hobbhouse, Brougham, e outras muitas pessoas illustradas de varias partes da Eu-

ropa. Oh! quanta energia nos não infunde n'alma, e quanto a não estimula a ennobrecer-se a convivencia com homens de merito!... Sim... eu era feliz!... nem trocára minha sorte pela de um principe!... E do gôzo de tamanha dita, cair de improviso em mãos de esbirros... passar de prisão em prisão... ter de ir padecer em um cadafalso... ou acabar a vida entre ferros!...

XLVIII.

Entregue a taes reflexões cheguei a S. Miguel, e fecharam-me em um quarto que tinha vista para a *Laguna* e para a formosa ilheta de Murano. Procurei por Maroncelli ao carcereiro, a sua mulher e a quatro *segundos,* mas todos me faziam visitas breves e cheias de desconfiança, e nenhum delles me queria dizer cousa alguma.

Todavia, difficil é entre cinco ou seis pessoas não se deparar com uma que mais humana e condoída nos não deseje fallar. Acertei com effeito com uma destas, de quem soube o que se segue:

Que a Maroncelli depois de haver estado sózinho por muito tempo se lhe dera por companheiro o conde Camillo Laderchi; mas que passados poucos dias, ficára outra vez só, por isso que, tendo sido este julgado innocente obtivera a liberdade. Que dos nossos compa-

nheiros haviam tambem saído como innocentes o professor João Domingos Romagnosi e o conde João Arrivabene. Que o capitão Rezia e o senhor Canova estavam juntos. Que o professor Ressi jazia moribundo em um carcere proximo ao destes.

—E já chegariam as sentenças aos outros que aqui estão presos?—Porque se espera para que lhes sejam intimadas?—Talvez pela morte de Ressi, ou porque este se ponha em estado de poder ouvil-a: não é assim?

—Supponho que sim.

Todos os dias me informava do estado do infeliz.

—Já perdeo a falla;—tornou a recobral-a, mas está a variar, e não toma conta pelo que se lhe diz;—dá apenas leves signaes de vida;—lança muitos escarros de sangue e ainda não está com o juizo assente;—está peior;—está melhor;—está agonizante.

Taes foram as respostas que me deram por muitas semanas. Finalmente um dia de manhãa ouví dizer: —morreo.

Rebentou-me dos olhos uma lagrima por aquelle infeliz, mas consolou-me a lembrança de que o misero passára deste mundo, ignorando qual fôra sua sentença.

No dia seguinte, 21 de fevereiro de 1822, veio buscar-me o carcereiro: eram dez horas da manhãa. Conduzio-me á sala da commissão e retirou-se. Alli estavam sentados o presidente, o inquiridor *(inquisitore)* e os dous juizes adjuntos, que todos se levantaram.

O presidente, com tom de voz que exprimia nobre

commiseração, me disse:—que havia chegado a minha sentença;—que o juizo fôra terrivel, mas que Sua Magestade houvera por bem moderar-lhe o rigor.

O inquiridor foi o que me leo a sentença:—Condemnado á morte. Leo depois o rescripto imperial:—A pena é commutada em quinze annos de prisão dura na fortaleza de Spielberg.

Eu respondi:—Seja feita a vontade do Altissimo! E sinceramente era minha verdadeira intenção o receber christãamente aquelle horroroso golpe, e não mostrar nem alimentar resentimento contra pessoa alguma.

O presidente louvou minha resignação e aconselhou-me que perseverasse nella, dizendo-me que esta conformidade poderia talvez, passados dous ou tres annos, tornar-me digno de maior contemplação. (Passaram-se os dous e os tres, e após estes bastantes volveram ainda!)

Os outros juizes me dirigiram igualmente palavras de consolação e de esperança. Mas um delles, que no decurso do meu processo se mostrára com animo mais hostil, dirigio-me certa expressão, que, com ser tam polida me pareceo picante, pois a cri desmentida por seus gestos, que juraria terem visos de alegria e de insulto.

Agora não jurarei que assim fôsse: poderia ser engano meu, mas então todo o meu sangue se alvoroçou, e não sem grande custo tive de comprimir a minha raiva. Dissimulei; e em quanto ainda me elogiavam

pela minha paciencia christãa, já eu interiormente a havia perdido.

—Ámanhãa, disse o inquiridor, bem me custa ter de annunciar em publico a vossa sentença; mas é uma formalidade indispensavel.

—Assim seja: respondi eu.

—Desde este instante ser-vos-ha permittida a companhia do vosso amigo.

E chamando pelo carcereiro, fui de novo entregue em seu poder; e ordenaram-lhe que me puzesse com Maroncelli.

XLIX.

Que agradavel momento não foi para mim e para o meu amigo esse em que nos tornámos a ver, depois de um anno e tres mezes de separação!... depois de só coarem por nós tamanhas dores e trabalhos tantos!... Os gozos de amizade, quasi nos fizeram esquecer por alguns instantes que estavamos sentenceados.

Comtudo arranquei-me de seus braços para lançar mão á penna e escrever a meu pai. Desejava eu com todas as véras de minha alma que a nova de minha triste sorte, fôsse eu primeiro do que qualquer outrem quem a communicasse á minha familia, para que a dor daquelles corações tam queridos houvesse de moderar-se por minha linguagem de paz e de Religião: os jui-

zes me prometteram de expedir immediatamente esta carta.

Depois disto Maroncelli me fallou do seu processo, e eu lhe fallei do meu, e confiámos reciprocamente diversas aventuras da nossa prisão: puzemo-nos á janella; saudámos outros tres amigos, que tambem estavam ás suas janellas: dous eram Canova e Rezia, que estavam juntos; o primeiro senteneeado a seis annos de prisão dura, o segundo a tres; o terceiro era o doutor Cezar Armari, que alguns mezes antes fôra meu visinho nos *Chumbos*. Este não chegou a ser condemnado; passado pouco tempo saío julgado innocente.

O fallar com uns e outros foi para nós todo aquelle dia e noite agradavel distracção. Deitei-me, e não me foi possivel passar pelo somno apezar de ter apagado a luz e de tudo estar em silencio. A minha cabeça... toda era pura labareda... o coração parecia escoar-se-me de sangue ao pensar em minha familia.—E hão de os meus velhos pais supportar desgraça tanta! Para haver de os consolar bastar-lhes-hão seus outros filhos? Todos na verdade lhes eram tam bemquistos como eu e me excediam em merecimento e boas qualidades; mas qual é o pai e a mãi que encontram jámais nos filhos que lhes restam compensação dos que perderam?

Prouvéra a Deus que de meu pensamento não se afastára nunca a saudosa lembrança de meus pais e dos meus mais caros amigos! embora recordação tal me affligisse e me enternecesse! Mas desvairado sempre,

não podia acabar comigo por deslembrar-me, ora daquelle riso insultoso de alegria de um de meus juizes, ora de meu processo, quer dos motivos de minha sentença, quer da parcialidade politica, quer emfim da sorte de tantos amigos meus!... Então não me era possivel julgar com indulgencia qualquer de meus adversarios. Deus me sujeitava a uma terrivel prova! Fôra meu dever sustental-a á força de virtude. Fraquearam-me força e vontade; e appeteci com mais deleite o cevar-me em odio e gostar o seu amargoso travo, do que saborear as doçuras do perdão. Passei uma noite de inferno.

Na manhãa do dia seguinte não fiz oração: o universo me parecia feitura de um poder inimigo do bem. Já em outras occasiões levára minha atrevida insolencia a ponto de calumniar a Deus; mas nunca me passou pela lembrança que houvesse de renegal-o, e de renegal-o em tam poucas horas!... Por certo que Juliano no auge de seus furores não podia ser mais impio do que eu.

O homem que revolve em seu espirito pensamentos de odio, sobre tudo quanto mais trabalhado se vê de desaventurados successos e de más andanças, que o deveram tornar mais religioso do que era dantes, vem a se fazer iniquo por mais justo que tenha sido; sim, por mais justo que tenha sido; que o odio nunca se dá só e separado do orgulho. E quem és tu, ó mortal cheio de miserias?... quem és tu, que assim te ousas

dar por offendido com o severo juizo de teus similhantes?... que assim taxas de injustiça e de má fé qualquer procedimento contra ti?... que assim te queixas tanto, porque Deus permitte que soffras antes deste que de outro modo!!...

E eu me sentia ainda mais desgraçado por não poder entregar-me ao exercicio da oração; mas o orgulhoso não se deixa governar senão por seu orgulho, nem reconhece outra lei nem outro Deus.

Com todo o empenho desejava encommendar os meus amargurados pais á protecção de um consolador supremo, e todavia lhe denegava crença!...

L.

Ás nove horas da manhãa fizeram-nos entrar em uma gondola a mim e a Maroncelli, e fomos conduzidos á cidade. Abordámos o palacio do doge; subimos para os carceres. Introduziram-nos em um quarto onde poucos dias antes estivera o senhor Caporali. Ignoro para onde este fôsse transferido. Nove ou dez esbirros alli estavam sentados a servir-nos de sentinellas; e nós a passear, aguardavamos o instante em que tinhamos de ser conduzidos á praça publica. A demora foi longa: só pelo meio dia é que chegou o inquiridor, e deo ordem para que saíssemos. Appareceo o medico e instou com-

nosco para que bebessemos um calix de agua espirituosa de ortelãa pimenta; acceitámos, e lhe ficámos pinhorados, não tanto por similhante attenção, como pelo excessivo pezar e lastimoso sentimento que o bom velho nos testimunhou. Era o doutor Dosmo. Depois disto aproximou-se a nós o cabo dos esbirros e lançou-nos algemas. Seguimol-o escoltados com os demais esbirros.

Descemos a magnifica escada dos *Gigantes*, onde nos recordámos do doge Marino Faliero alli mesmo decapitado; passámos o sumptuoso portico, que do pateo do palacio conduz sobre a praça pequena (*piazzetta*), e chegados aqui voltámos á esquerda para a banda da *Laguna*. No meio daquella praça estava o cadafalso ao qual tinhamos de subir. Desde a escada dos *Gigantes* até ao cadafalso estavam em fórma duas filas de soldados austriacos por entre as quaes atravessámos.

Subidos acima olhámos em roda, e observámos um terror geral pintado em toda aquella multidão de povo. Mais distantes e em diversos pontos estavam outros soldados formados em pelotões. E ouvimos, que tambem estavam assestadas peças com os morrões accesos.

Naquella mesma praça, em setembro de 1820, um mez antes da minha prisão, é que um mendigo me tinha dito:—aqui é um logar de desdita.

Lembrei-me delle, e entrei a reflectir:

—Quem sabe se entre tantos milhares de espectadores, aqui estará tambem aquelle mendigo, que agora fitando os olhos em mim me reconheça ainda!...

O capitão austriaco gritou, que nos voltassemos para o palacio e olhassemos para cima. Obedecemos e vimos sobre o terrado um official de justiça com um papel na mão: era a sentença. Leo-a em voz alta.

Reinou profundo silencio até ás palavras:—*Condemnados á morte.* Então rebentou um murmurio geral de compaixão... Succedeo novo silencio para ouvir o resto da leitura, e novo sussurro se levantou a estas palavras: —*Senlenceadas a prisão dura Maroncelli por vinte annos, e Pellico por quinze.*

O capitão nos deo signal para descermos. Lançámos ainda os olhos em redor; depois descemos; entrámos no pateo; tornámos a subir a escada; voltámos ao quarto donde nos haviam tirado; desalgemaram-nos, e fomos novamente conduzidos para S. Miguel.

LI.

A ESTE tempo os que haviam sido sentenceados antes de nós já tinham partido para Laybach e para Spielberg acompanhados de um commissario de policia. Como este commissario era tambem encarregado de conduzir-nos ao nosso destino, á espera delle tivemos de nos demorar alli ainda um mez.

A minha vida era então fallar muito e ouvir fallar os outros para me distrahir. Alem disto Maroncelli me

lia as suas composições litterarias, e eu lhe lia as minhas. Lembra-me que uma tarde entretive os meus amigos Canova, Rezia, e Armari lendo-lhes da minha janella a *Esther d'Engaddi;* na tarde seguinte os entretive com a leitura da *Iginia d'Asti.*

Mas as noites, levava-as todas ora a chorar, ora em transportes de desespêro, e dormia pouco ou nada.

Desejava com impaciencia e ao mesmo tempo receava saber como a nova da minha desventura fôra recebida por meus pais.

Senão quando emfim chega-me uma carta do meu querido velho. Qual não foi minha afflicção vendo que a ultima que lhe escrevêra não tinha sido logo enviada, como eu tam encarecidamente supplicára ao inquiridor! O meu infeliz pai, que nunca chegára a perder a esperança lisonjeira de ver-me absolvido, um dia ao ler a gazeta de Milão ahi deo com a fatal noticia da minha sentença! Elle mesmo me contava este tam triste acontecimento, commettendo á minha reflexão o imaginar por quantos tormentos se lhe havia dilacerado a alma.

Ai!... E como ao repassar-se-me o coração de immensa lastima por elle, por minha mãi, e por toda a minha familia, me não enchi de indignação por ver que a minha carta não fôra promptamente expedida! Talvez que não houvesse malicia nesta demora, mas eu suppunha havel-a, e infernal; e que entrava nisto requintada barbaridade, e um desejo feroz de que o golpe que acertára em ferir-me fôsse tambem descarregado

com toda a violencia sobre meus innocentes pais. E tanto me persuadi disto, que folgára de rever-me em um mar de sangue esparzido, só para me vingar de tamanha deshumanidade como a que imaginava.

Agora que discorro desagastadamente, tenho que assim não fôsse, e que tal demora sem duvida só fôra motivada por negligencia.

Furioso como eu estava, não pude conter a indignação quando soube que os meus companheiros se propunham antes da partida cumprir com o preceito da communhão paschal; melhor fôra não imital-os, que a minha vontade não era perdoar. Antes eu tivera dado similhante escandalo!

LII.

Finalmente voltou da Austria o commissario, e por elle fomos avisados, que partiriamos d'ahi a dous dias.

—Mal sabeis senhor o quanto me regozijo, accrescentou elle, com vos poder dar uma noticia de consolação. Na minha volta de Spielberg tive occasião de ver e fallar com Sua Magestade o imperador; e segundo elle me disse, os vossos dias de captiveiro serão de doze, e não de vinte e quatro horas. Este modo de fallar dá a entender, que o tempo de vossa prisão ficará reduzido a metade.

Nunca nos foi officialmente confirmada similhante

reducção, mas não é de suppor que o commissario mentisse, alem de que aquella nova não nol-a deo elle em segredo, mas sim com consentimento da commissão.

Todavia levei com indifferença esta noticia. No meu pensar tam longos e horriveis me eram sete annos e meio passados em ferros, como se fôssem quinze. Parecia-me impossivel viver tanto.

Achava-me com a saude outra vez deteriorada, com tosse, e com tam violenta dor no peito, que me persuadi soffrer lesão no bofe. Sentia-me com fastio, e esse pouco que comia não m'o digeria o estomago.

Verificou-se emfim a nossa partida na noite do dia 25 para 26 de março. Permittiram-nos dar um abraço de despedida ao doutor Cezar Armari. Um esbirro nos lançou os ferros: era uma corrente que nos prendia transversalmente a mão direita ao pé esquerdo, por modo que nos não fôsse possivel fugir. Mettemo-nos em uma gondola, e os guardas remaram até Fusina.

Ao chegarmos alli duas carroagens nos esperavam. Rezia e Canova subiram para uma, Maroncelli e eu entrámos em outra. Em uma dellas ía o commissario com dous dos presos, na outra o sub-commissario com os outros dous. Completavam a escolta seis, ou sete guardas de policia armados com espingardas e espadas, alguns dos quaes íam dentro das carroagens, outros nos assentos dos cocheiros.

Se o ser constrangido pela desdita a abandonar a patria é mal tam custoso de soffrer, quanto mais o não

será para quem se vê forçado a abandonal-a, carregado com o pêso de grilhões, levado a climas longes e horriveis, cabendo-lhe por azar funesto o ir-se definhar inteiros annos entre esbirros! Ah! que isto é revez tam penetrante que não ha termos que alcancem expressal-o.

Antes de transmontar os Alpes, de hora em hora a minha nação cada vez mais querida se me tornava, ao ver as demonstrações de piedade e de compaixão que nos testimunhavam aquellas pessoas com quem nos topavamos. Como a noticia de nossas sentenças havia já semanas que se tinha divulgado em cada cidade, em cada villa, em qualquer dispersa aldeia, nós eramos esperados. E havia povoações onde os commissarios e guardas muito lhes custava a romper pela multidão que se apinhava. Era cousa admiravel ver os sentimentos de benevolencia e commiseração com que nos acolhiam por toda a parte.

Em Udina aconteceo-nos uma pathetica aventura. Chegados á estalagem, o commissario mandou fechar a porta do pateo e arredar o povo. Tendo-nos designado o quarto onde deviamos ficar, deo ordem aos creados para que nos trouxessem de comer e tratassem de fazer-nos as camas. Um instante depois entraram tres homens com colxões aos hombros.

Qual não foi o nosso espanto ao percebermos que só um destes é que estava ao serviço da estalagem, e que os outros dous eram nossos conhecidos? E nós, dissimulando ajudal-os a pousar os colxões, furtivamente

lhes apertámos as mãos. Não nos foi possivel represar as lagrimas, que sôltas nos rebentaram do coração. Oh! quanto nos não foi penoso o não poder deixal-as correr a salvo apertados nos braços uns dos outros!...

Os commissarios não repararam nesta scena de ternura; só um dos guardas me pareceo decifrar aquelle mysterio no momento em que o bom Dario me apertava a mão. Este guarda era veneziano. Encarou para nós ambos, para Dario e para mim, enfiou, e pareceo hesitar se deveria ou não levantar a voz; mas nada disse, desviou os olhos para outro lado e disfarçou. É certo que se elle não entrevio que aquelles individuos eram nossos amigos, suppoz ao menos que seriam creados nossos conhecidos.

LIII.

Partimos de Udina na seguinte madrugada apenas ía a esclarecer o dia: o affectuoso Dario já estava na estrada muito embrulhado no seu capote; saudou-nos ainda, e seguio-nos por muito tempo. Vimos tambem uma carroagem que nos seguio por duas ou tres milhas. Que pessoa iria dentro della que tanto nos assenava com o lenço? Não soubemos; só pudemos fazer conjecturas. Finalmente aquella carroagem retrocedeo.

Oh! praza a Deus abençoar todas essas almas generosas que se não vexam de amar os infelizes! Ah! e eu

sei dar-lhes ainda mais preço e estremal-as mais, desde que nos amargurados annos de minha desventura conheci fracos que me renegaram, e que talvez cuidassem avantajar-se despregando improperios contra mim. Mas estes foram poucos, e o numero dos primeiros não foi escasso!

Cuidava eu que aquella compaixão que encontravamos na Italia havia de esmorecer logo que pisassemos terra alheia... Enganei-me!... que a desgraça vive em todas as terras e em todas as linguas falla; e por toda a parte os homens bons são sempre compatriotas dos infelizes. Quando chegámos á Austria, aó passarmos a Illyria acontecia o mesmo que entre os nossos patricios. Soava um gemido universal:—*Arme herren!* (Pobres senhores!)

Algumas vezes, ao entrarmos em uma povoação, nossas carroagens paravam antes que se decidisse aonde haviamos de ir pousar. Então o povo se apinhava em roda de nós, e ouviamos expressões tam compassivas, que de certo prorompiam do coração. A bondade daquella gente estranha me pinhorava mais, e me causava mais interior commoção do que a dos meus compatriotas. Oh! quanto uns e outros não eram credores do meu reconhecimento! E quam grata nos não é sempre a compaixão dos nossos similhantes! E que interior prazer nos não vai n'alma com o affecto que lhes tributâmos!

Tal era a consolação que disto me provinha que até

cheguei a perder a indignação contra os que tinha por meus inimigos.

—Quem sabe, discorria eu comigo, se encarando de perto as suas feições, e reparando elles tambem nas minhas, se podendo ler em sua alma e elles na minha, talvez me eu vira obrigado a confessar que não descobria nelles maldade nenhuma, e elles em convir que tambem a não descobriam em mim?

—Quantas vezes os homens uns aos outros se detestam só porque reciprocamente se não conhecem! E se porventura se vissem ou se fallassem uns com outros, deram-se logo as mãos confiadamente.

Descançámos um dia inteiro em Laybach, onde Canova e Rezia foram separados de nós e conduzidos ao castello: facil será imaginar quanto esta separação foi dolorosa para nós todos quatro.

Na tarde em que chegámos a Laybach e no dia seguinte, um senhor que se bem me lembro nos disse ser secretario municipal, veio muito cortezmente visitar-me. Era homem cheio de humanidade, e fallava de Religião com uncção e dignidade. Suppuz que elle fôsse padre: na Austria os ecclesiasticos trajam do mesmo modo que os seculares. A sua physionomia era daquellas sinceras, que sempre careiam estima; fiquei com pena de não poder travar com elle mais vivas relações de amizade, e ainda hoje lastimo a minha inconsideração, em ter esquecido o seu nome.

Quam grato me não fôra tambem agora saber o teu

nome ó sensivel donzella, que em uma aldeia da Styria nos seguiste no meio da multidão!... e quando a nossa carroagem teve de parar alguns minutos nos saudaste com as mãos ambas; depois te retiraste com teu lenço sobre os olhos, encostáda ao braço de um mancebo triste como tu, que por seu louro cabello parecia ser allemão, mas que talvez em outro tempo tivesse estado na Italia e se lembrasse com enternecida saudade da nossa infeliz nação!...

Quam grato ainda tambem agora me não fôra saber o nome de cada um de vós outros, ó venerandos pais e mãis de familia, que em diversos logares nos acercaveis para nos perguntardes se ainda haviamos pais, e ouvindo que sim, exclamaveis enfiados:—Oh! praza a Deus restituir-vos logo a esses pobres velhos!...

LIV.

No dia 10 de abril chegámos ao logar do nosso destino.

A cidade de Brünn é a capital da Moravia onde reside o governador de ambas as provincias da Moravia e Silésia. Com seu assento em um risonho valle, offerece aos olhos certa apparencia de riqueza. Prosperava então alli o fabríco de muitas manufacturas de pannos, que hoje se acham em decadencia; a sua população era quasi de trinta mil almas.

Perto dos seus muros, para a parte do poente, se eleva um outeiro, e sobre este a infausta e lúgubre fortaleza de Spielberg, em outro tempo palacio dos senhores da Moravia, e agora a mais rigorosa prisão dos dominios austriacos. Era uma cidadella muito forte, mas os francezes a bombardearam e a tomaram por occasião da famosa batalha de Austerlitz (a aldeia de Austerlitz fica pouco distante). Não foi reconstruida por fórma, que pudesse servir de fortaleza, mas simplesmente reedificada no reparo e cortinas que tinham sido desmanteladas. Perto de trezentos salteadores e assassinos, condemnados a *carcere duro*, outros a *carcere durissimo* alli vivem encerrados.

Soffrer *carcere duro*, é ser obrigado a trabalhar, a trazer braga aos pés, a dormir sobre tarimba, e a comer do mais grosseiro alimento que imaginar-se possa. Soffrer *carcere durissimo* é ser agrilhoado de modo ainda mais horrivel com uma cinta de ferro em roda dos rins, e presa a esta uma corrente que tem a outra extremidade soldada na parede, de sorte que apenas se podem dar alguns passos em roda da tarimba: o alimento é o mesmo, posto que a lei diga:—*Pão e agua.*

Nós outros presos de estado estavamos condemnados a *carcere duro*.

Ao treparmos aquella triste collina, volvemos os olhos atraz como para nos despedirmos do mundo que viamos cerrar-se ante nós ainda em risonho quartel da vida, incertos se o pego que nos ía engulir vivos jámais se

nos tornaria a abrir. O meu exterior estava tranquillo, mas o interior... tinha-o cheio de torvação. Em vão procurei dar frescor ao espirito abrazado soccorrendo-me á filosofia; a filosofia não bastava para apagar a chamma, que tanto me lavrava dentro d'alma.

Os incommodos e fadigas da viagem me haviam consideravelmente deteriorado o máo estado de saude em que partíra de Veneza. Doía-me a cabeça e corpo todo, e sentia-me arder em febre. A enfermidade do corpo exasperava a minha colera, e esta provavelmente engravecia aquelle padecimento.

Fomos entregues ao superintendente da fortaleza, e os nossos nomes foram registrados e confundidos com os dos malfeitores. Quando se despedio de nós o commissario imperial deo-nos um abraço enternecido: — Recommendo-vos, senhores, mui particularmente, nos disse elle, que tenhais docilidade; pois que a menor infracção á disciplina póde ser punida pelo superintendente com os mais severos castigos.

Feita a entrega e o assento, Maroncelli e eu fomos conduzidos a um corredor subterraneo, onde se nos abriram dous carceres tenebrosos distantes um do outro, e cada um de nós ficou ferrolhado em sua masmorra.

LV.

O TRAGO mais amargoso para quem se vê só no mundo forçado por destino avesso a dizer adeus a tantos objectos queridos... sem ter para seu confôrto mais que um amigo só acossado da mesma má ventura... oh! sim, o trago de mais amarga peçonha é ter ainda de apartar-se do unico amigo que lhe resta, e ver-se esmorecido e sózinho! Maroncelli via-me doente, e nesta triste despedida já antecipadamente lamentava a perda de um amigo, que talvez mais não tornasse a ver: eu chorava por elle como por uma flor brilhante de saude, talvez roubada para sempre á luz vivificante do sol. E esta flor... com effeito... oh! quanto ella não estranhou e emmurcheceo!... Tornou um dia a ver a luz... mas em que estado a tornou a ver!...

Quando me deixaram só por só naquella horrorosa enxovia, e que ouvi aldrabarem-se os ferrolhos; quando eu mal enxerguei ao frouxo clarão que descia de cima por uma estreita fresta a desnudada tarimba que me era dada por leito, e uma enorme corrente chumbada á parede, sento-me sobre aquella tarimba, e repassado de raiva pego na corrente e messo-lhe o comprimento, persuadido que ella me estava destinada.

Meia hora depois sinto rumor de chaves e vejo abrir-

se-me a porta; entra o carcereiro em chefe trazendo-me uma cântara de agua.

—Aqui vem agua para matar a sede, me disse em tom severo; o pão ámanhãa lh'o trarei.

—Obrigado, homem bom.

—Eu não sou bom, me tornou elle.

—Tanto peior para vós, lhe disse eu indignado.—E esta corrente, lhe tornei a perguntar, é talvez para mim?

—Sim, senhor, se houver de tomar-se de furor, ou se romper em insolencias, ou emfim, se não estiver acommodado. Mas presuposto que se não haja de desmandar, lançar-lhe-hemos tam sómente ferropeias aos pés. O serralheiro já as está apromptando.

Nisto entrou a passear lentamente para uma parte e para outra, e cada passo que dava era acompanhado do tinído de longa enfiada de chaves; e eu com os olhos irados admirava sua figura tam magra, descarnada, velha e gigante; e apezar de descobrir-lhe no rosto visos não vulgares, tudo nelle me representava a expressão mais odiosa de rigor brutal.

Oh! quanto não são injustos os homens, quando julgam levados só de apparencias e segundo suas soberbas prevenções! Esse que eu suppunha regosijar-se com o soído das chaves só por me querer ostentar o seu triste poder, esse que eu tinha como impudente por endurecido em longo trato de crueldade, entranhava no coração sentimentos maviosos; e se assim fallava com

accento fero, era de certo para me encobrir a compaixão que lhe calava n'alma; e talvez que elle m'a desejasse encobrir por se não dar por fraco, ou por se recear de que eu lh'a não merecesse; ou tambem póde ser, que ao mesmo tempo tendo-me por mais infeliz do que culpado se lhe não désse de revelar-m'a.

Anojado com sua presença, e ainda mais com a altivez de seus modos julguei a proposito humilhal-o, dizendo-lhe imperiosamente como a um criado:—Daime cá essa agua.

Lânçou-me então uns olhos, como se quizera dizer-me:—orgulhoso, aqui é forçoso perder esse habito arrogante de mandar.

Mas sem pronunciar uma só palavra debruçou seu longo espinhaço, levantou do chão a cântara e entregou-m'a. Ao tomar-lh'a da mão pareceo-me vel-o convulso; e attribuindo eu aquelle tremor á pesada carga de seus annos, um sentimento de piedade e ao mesmo tempo de respeito moderou o meu orgulho.

—Que idade tendes? lhe perguntei eu em tom amigo.

—Setenta e quatro annos, senhor; desta idade que sou, assás me teem calejado infortunios meus e alheios.

Este dito tocante a seus e alheios infortunios foi acompanhado de um novo tremor no instante em que tornou a pegar na cântara; e eu desconfiei que aquella tremura não fôsse por effeito só de seus longos annos mas proviesse tambem de alguma interior e apiedada commoção. Esta suspeita apagou na minha alma o odio

que me havia inspirado o primeiro aspecto daquelle homem.

—Que nome tendes? lhe perguntei eu.

—A fortuna, senhor, zombou de mim dando-me o nome de um grande homem. Chamo-me Schiller.

E contou-me depois em poucas palavras, qual era a sua patria, sua familia, as campanhas em que entrára e as feridas que recebêra.

Era suisso, de familia de lavradores; tinha militado contra os turcos sob o commando do general Laudon no tempo de Maria Thereza e de Joseph II, e depois disso em todas as guerras de Austria contra a França até á queda de Napoleão.

LVI.

QUANDO passâmos a conceituar melhor qualquer que á primeira vista reputámos máo, então é que prestando mais attenção ás suas feições, voz e termo de proceder, julgâmos logo achar-lhe signaes infalliveis da probidade. Este achado será acaso uma realidade? Tenho para mim que ainda é uma illusão, pois que aquellas mesmas feições, e a mesma voz, e o mesmo termo de proceder ha pouco nos indicavam signaes evidentes de perversidade. Logo que se muda o nosso juizo sobre as qualidades moraes as conclusões sobre a nossa sciencia physionomica mudam após elle. Quantos semblantes se

nos não figuram respeitaveis só porque sabemos pertencerem a homens de grande tomo, e que se pertencessem a outros individuos de menos merecimento nem sequer nos inspirariam a menor veneração? e *vice versa*. Lembro-me de uma senhora cujo transporte me provocou o riso: vio ella um retrato de Catilina, e confundindo este nome com o de Collatino, creo logo divisar-lhe pintada nas feições a excessiva dor pela morte de Lucrecia: similhantes illusões são mui triviaes.

Não porque deixe de haver physionomias interessantes, em que um caracter de bondade lhes resalta logo no rosto com realce bem saído; nem tambem porque as não haja de scelerados, em que se lhes distingue a perversidade bem gravada; mas a meu entender ha muitas cuja expressão é duvidosa.

Em summa, Schiller inspirou-me affeição, e isto bastou para eu o attentar mais reflectidamente que dantes, e para que o bom velho deixasse de me desagradar. Na verdade ao travez de sua linguagem rude trasluziam-lhe visos de alma nobre.

—Cabo veterano como sou, me disse elle, coube-me em pensão de meus serviços este triste emprego de carcereiro: Deus sabe se me fôra menos amargoso o ter ainda de arriscar a vida e vertel-a sobre um campo de batalha.

Fiquei com remorso da altivez que lhe mostrei ao pedir-lhe a bilha de agua.—Meu querido Schiller, lhe disse eu apertando-lhe a mão, embora m'o negueis; é

escusado esse disfarce, que eu bem cônheço que sois bom; e pois que eu tive a má ventura de caír em tanta mofina, bemdito seja o céo que me deparou a consolação de ter-vos por meu guarda.

O velho escutou minhas palavras, sacudio a cabeça; depois esfregando a mão pela testa, como se neste comenos o torvára um pensamento penoso, respondeo-me:

—Eu, senhor... sou máo; fizeram-me prestar um juramento que protesto de nunca trahir: tenho obrigação de tratar todos os meus presos com a mesma severidade, sem respeito por sua condição, sem tolerancia do menor abuso, e ainda mais rigorosamente os que são presos de estado. O imperador sabe o que faz, e eu devo obedecer-lhe.

—Sois homem de honra, lhe disse eu; saberei respeitar sempre isso que tendes como um dever de consciencia. O que obra com sinceridade de consciencia póde errar, mas é puro diante de Deus.

—Pobre senhor! tenha paciencia, e condôa-se de mim. Eu serei de ferro no cumprimento de meus deveres, mas o coração... o coração dóe-me, e chora-me cá por dentro com a mágoa de não poder consolar os infelizes: eis ahi o que lhe eu queria dizer.

Ambos ficámos commovidos. Pedio-me que houvesse de tranquilizar-me; que me não tomasse de furor, como bastantes vezes acontece aos sentenceados; e em fim que o não violentasse a tratar-me com dureza.

Tomou depois um accento rude, como para me es-

conder o excesso de compaixão de que estava possuido:
—Agora cumpre retirar-me.

E logo voltando-se para mim porque me sentíra tossir, perguntou-me desde quando trazia eu aquella impertinente tosse, que tanto me havia de desconjunctar; e nisto rogou uma terrivel praga contra o medico por não ter vindo visitar-me naquella mesma tarde.

—O senhor, accrescentou elle, está com uma febre de cavallo;—eu assim o entendo, e pelo menos precisa de um enxergão, mas sem ordem do medico não lh'o podêmos dar.

Saío, ferrolhou a porta, e eu atirei comigo sobre aquellas duras taboas; e com quanto eu estivesse abalado de febre e com fortes dores no peito, sentia-me menos enraivecido, menos inimigo dos homens, e menos afastado de Deus.

LVIII.

No fim da tarde vieram em revista o superintendente acompanhado de Schiller, de outro cabo e de dois soldados.

O regulamento prescrevia tres visitas por dia, uma de manhãa, outra no fim da tarde, e a ultima á meia noite. Davam busca a todos os cantos da prisão e examinavam escrupulosamente as mais pequenas cousas. Depois saíam os subalternos, e o superintendente, que

nunca faltava ás duas primeiras, ficava um instante a conversar comigo.

Da primeira vez que vi esta pequena escolta apoderou-se de mim um estranho pensamento. Alheio ainda a estes usos importunos, e allucinado com o delirio da febre cuidei que me vinham assassinar. Agarrei da longa corrente de ferro que tinha ao pé de mim para esmagar a cabeça ao primeiro que se aproximasse.

—Que é o que fazeis? disse o superintendente. Não cuideis que nos tragam aqui malevolas intenções; isto não é mais que uma busca de mera formalidade, que temos obrigação de fazer em todas as prisões para colhermos certeza de que se cumpre á risca com a observancia e regularidade prescripta.

Ainda hesitei por um pouco, mas assim que vi Schiller chegar-se a mim e estender-me a mão com ar de affabilidade, o seu aspecto paternal me inspirou confiança; larguei a corrente e tomei-lhe a mão entre as minhas.

—Jesus! como ellas não escaldam! disse elle para o superintendente. Se fosse possivel ao menos dar-se um enxergão a este senhor!

Foram estas palavras pronunciadas com tam mavioso accento de dor, e com expressão tam sincera e affectuosa, que me deixaram enternecido.

O superintendente tambem me tomou o pulso, e não pôde encobrir a compaixão que o commovêra: era homem de boa e agradavel maneira, mas indeciso e receioso de tomar por si qualquer arbitrio.

—Aqui tudo é rigor, até para mim, disse elle. Logo que eu deixe de executar á risca o que me é prescripto, exponho-me a ser expulso do meu emprego.

Schiller alongava os beiços, e eu apostára que elle reflectia comsigo, como se dissera:—Se eu fôsse superintendente, por certo não levaria tam longe os meus receios; tomar um arbitrio tam justificado pela necessidade como indifferente á conservação da monarchia, não poderá nunca reputar-se como grande infracção.

Quando me vi só, tanto se me enterneceo o coração cerrado desde ha muito a profundos sentimentos religiosos, que por fim desafogou em orar. Era uma oração em que eu intercedia por Schiller, e pedia a Deus se dignasse abençoal-o; e continuando assim a minha fervorosa supplica, accrescentava:—Permitti, Senhor, que eu descubra tambem nos outros alguma qualidade com que possam carear minha affeição; que por mais crueis que me sejam as torturas da prisão, eu as supportarei conforme; mas por vosso amor vos peço que me inspireis sómente sentimentos de benevolencia, e que me livreis do tormento de odiar os meus similhantes!

Á meia noite senti passos no corredor; d'ahi a nada ouço tinir de chaves; e ao abrir-se-me a porta vejo entrar o cabo com dous guardas para fazerem a sua visita.

—Onde está o meu velho? perguntei eu com saudade. Tinha ficado no corredor.

—Estou aqui, estou aqui, respondeo elle.

Entrou, e aproximando-se-me á tarimba tornou a tomar-me o pulso, inclinando-se para mim com ar inquieto para me ver, como se fôsse um pai sobre o leito de seu filho doente.

—E agora me lembro eu... ámanhãa é quinta feira, dizia elle por entre dentes, ainda ámanhãa é quinta feira!...

—E que quereis dizér com isso?

—Que o medico não costuma vir senão ás segundas, quartas e sextas de manhãa, e que ámanhãa desgraçadamente ainda não virá.

—Não vos afflijais por isso.

—Que me não afflija!... que me não afflija!... essa é boa!... Em toda a cidade não se falla de outra cousa senão da chegada destes senhores; o medico por certo que o não ignora. Pois se o não ignora, porque diabo não terá vindo mais uma vez ao menos? Tam grande sacrificio sería esse?

—Quem sabe? lhe disse eu, talvez por ahi venha ámanhãa não obstante ser quinta feira.

O velho não me tornou nem mais uma palavra, só me apertou a mão com tal força, que quasi me aleijou, mas com quanto elle me magoasse, não deixei de sentir interior prazer: o prazer que sentiria o namorado quando a sua querida andando com elle a dançar lhe calcasse o pé; quasi que a dor o deveria fazer gritar; mas em vez de gritar sorri-se para ella, e dá-se por feliz.

LVIII.

Na quinta feira de manhãa, depois de uma noite tam desassocegada, desfalecido e com os ossos moidos por aquellas tam duras taboas que me tinham servido de cama, veio-me um copioso suor. Chegou a ronda dos carceres; o superintendente, como esta hora lhe era menos commoda só vinha algum tanto mais tarde.

Chamei por Schiller, e disse-lhe:—Ora quereis ver em que estado eu estou?... apalpai... todo a escorrer em suor; e já se me esfriou no corpo; bem precizo me era mudar já de camiza.

É impossivel, gritou elle com voz brutal.

Mas dizendo isto assenou-me ás escondidas com os olhos e com a mão. E logo que saíram o cabo e guardas, tornou de novo a dar-me signal ao passo que fechava a porta. Pouco tempo depois voltou trazendo-me uma das suas camizas, que tinha dobrado comprimento das minhas.

—Para o senhor, disse elle, é comprida de mais, mas por agora não tenho cá outra.

Fico-vos obrigado, amigo; mas como eu trouxe para Spielberg a minha malla cheia de roupa, espero que me não recusarão o uso de minhas camizas; tende a bondade de ir pedir uma dellas ao superintendente.

—Saiba o senhor que lhe não é permittido usar de

roupa sua: todos os sabbados se lhe dará uma camiza da casa, como é costume para com os demais condemnados.

—Honrado velho, lhe disse eu, pelo triste estado em que me vedes bem devereis conhecer que daqui não tornarei mais a saír vivo; e... nunca poderei recompensar vossos serviços.

—Que me diz o senhor!... exclamou elle: ah! por quem é não me vexe!... fallar de recompensa a quem lhe não póde prestar serviços!... a quem só ás escondidas é permittido emprestar a um enfermo o com que enxugue seu corpo alagado em suor!

E de repente atirando-me aos hombros a sua longa camiza se partio a resmungar, fechando a porta com ruido de enraivado.

Passadas duas horas trouxe-me um pedaço de pão ralo.

—Eis ahi, disse elle, a ração para dous dias.

E dizendo isto, pôz-se a passeiar com ar encolerisado.

—Que é o que tendes, lhe perguntei eu? estais enraivado comigo? Eu acceitei a camiza que tivestes a bondade de offerecer-me.

—Estou desesperado, mas é contra o medico. Bem sei que hoje é quinta feira, mas pouco lhe custava o vir.

—Paciencia! lhe respondi eu.

Paciencia dizia eu, mas tinha o corpo tam moído, e os ossos tam doridos... que não podia achar jazida so-

bre aquella dura tarimba, e não tinha nem sequer um travesseiro a que me encostasse!...

Ás onze horas entrou no meu carcere um forçado acompanhado de Schiller, trazendo-me duas panellinhas de ferro:—Eis aqui o seu jantar, me disse elle. Consistia em um pessimo caldo, e um tal guisado de legumes, que só o cheiro fazia tedio.

Fiz diligencia por engolir algumas colheres de caldo, mas não me foi possivel.

Schiller me repetia muitas vezes:—Tenha animo, senhor; faça por se acostumar a este alimento, aliás acontecer-lhe-ha como a muitos, que não comem mais que o mofino pedaço de pão.

Finalmente na sexta feira de manhãa appareceo o doutor Bayer.

Assim que me tomou o pulso e que me achou febre mandou que me dessem um enxergão, e insistio que me tirassem d'alli e que me mudassem para o andar de cima; mas infelizmente não havia logar devoluto. Entretanto, consultado o conde Mitrowski, governador das duas provincias da Moravia e Silesia, residente em Brünn, respondeo, que em attenção á gravidade da minha molestia devia cumprir-se a ordem do medico.

O quarto que se me deo tinha uma fresta guarnecida de varões de ferro por entre os quaes penetrava apenas fraca reste de luz: agarrei-me áquelles varões, e d'alli descobri o valle para onde aguardava a fortaleza, uma parte da cidade de Brünn, um logarejo com

seus jardimzinhos, um cemiterio, o lago da Cartuxa *(della Certosa)* e collinas cobertas de arvoredo, que nos separavam dos formosos campos de Austerlitz.

Aquella vista era encantadora. Oh! que alegria não fôra a minha se a pudesse desfructar com o meu querido Maroncelli!

LIX.

Entretanto apromptavam-nos os vestidos de encarcerados. Passados cinco dias trouxeram-me o meu.

Consistia em um par de calças de panno grosseiro feitas de duas côres, cinzenta a que vestia a perna direita, côr de fogo a da esquerda; em uma sobreveste comprida ou casacão tambem de duas côres igualmente distribuidas; em uma vestia das mesmas côres, mas collocadas em sentido inverso, isto é, a cinzenta á esquerda, e a côr de fogo á direita; as meias eram da mais grosseira lãa; a camiza de estopa, cheia de pungentes arestas que a tornavam um verdadeiro cilicio; para o pescoço uma gravata tambem de estopa irmãa da camiza; os botins de coiro branco e com atacadores; o chapeo igualmente branco.

Para mais completo apparato de similhante libré, lançaram-nos ferropeias, isto é, uma braga com a sua corrente que prendia uma perna a outra, e cujos elos foram cravejados á bigorna. O serralheiro incumbido

deste trabalho disse para um guarda, suppondo que eu não entenderia allemão.—No estado em que elle está melhor fôra talvez poupal-o a similhante joguete. Não se passarão dous mezes que o anjo da morte o não venha soltar.

—*Môchte es seyn!* (Assim o queira Deus!) lhe disse eu, batendo-lhe com a mão no hombro. O pobre homem estremeceo e ficou confuso; depois disse-me:

—Não me tenho em conta de profeta, e folgarei mais que, o senhor, seja libertado por outro qualquer anjo...

—Antes do que viver assim, lhe tornei eu, não vos parece, que ainda sendo o da morte o dera por bemvindo?

Com um asseno de cabeça me affirmou que sim, e saío condoído da minha sorte.

Na verdade a existencia era para mim de bem oppressivo peso, que de bom grado folgára de alliviar; mas o suicidio não era a morte que me seduzia. Confiava que a fraqueza do meu bofe em breve se engraveceria por maneira que me despenasse de tam triste viver: mas approuve a Deus outra cousa. A fadiga da jornada tinha peiorado o meu estado de saude, mas o repouso me suggerio algum allivio.

Pouco tempo depois da saída do serralheiro, ouvi no subterraneo resoar o martello sobre a bigorna; Schiller ainda estava no meu carcere.

—Sentís aquellas martelladas?... lhe perguntei eu; estão a pôr os ferros ao pobre Maroncelli.

E ao dizer isto o coração se me apertou com tal

LX.

Esperavamos nós, e de feito assim aconteceo, que fallando mais passo nos poderiamos entender, e que acertariamos alguma vez com guardas mais compassivos, que simulassem não ouvir nossas praticas. Á força de tentativas deparámos um modo de fallar tam de manso, que chegando aos nossos ouvidos escapava aos dos outros, e se prestava a ser dissimulado. Acontecia comtudo de tempos a tempos o termos sentinellas com o ouvido mais fino, ou que inadvertidamente nos esqueciamos do tom do costume; então começavam de novo os gritos e arremeções ás portas, e o que era peior ainda, a colera do pobre Schiller e do superintendente.

Pouco a pouco nos iamos amestrando mais em todas as cautellas, conhecendo por este modo que era melhor escolher certas horas com preferencia a outras, aguardar que estivessem de sentinella antes certos individuos do que outros, e fazer por commedir sempre o metal de voz. E ou fôsse em nós progresso de arte, ou nos outros habito de condescendencia que insensivelmente iam contrahindo, é certo que por fim conseguimos o poder conversar muito tempo sem darmos occasião a reprehensões dos superiores.

E cada vez se foi tornando mais estreita a nossa

reciproca amizade. Contou-me elle a sua vida; conteilhe eu tambem a minha; as mágoas e consolações de um, tornaram-se mágoas e consolações de outro. Oh! quanto allivio mutuamente nos não prestavamos! Quantas vezes depois de uma noite de aturado desvelar, cadaum de nós indo de manhãa á janella, saudando o seu amigo, e escutando-lhe suas queridas palavras não sentia dentro no coração suavizar-se-lhe a tristeza e redobrar-se-lhe a coragem! Cadaum de nós tinha a certeza de ser util ao outro, e esta persuasão despertava uma doce porfia de amabilidade em nossos pensamentos, e àquella satisfação que até nos andrajos da miseria o homem sente, quando póde prestar allivio ao seu similhante.

Qualquer pratica que tivessemos carecia sempre de novos esclarecimentos; era um testimunho sempre activo, que desafiava a energia da intelligencia, da imaginação, da memoria e do coração.

A principio recordando-me de Juliano, quasi que cheguei a desconfiar da constancia deste novo amigo. —Nós, é verdade que até'gora ainda nos não achámos discordes, mas quem sabe, dizia eu, se elle mais dia menos dia se não virá a aborrecer de mim e me não dirá:—Vai-te na má hora?

Mas esta suspeita bem prestes se dissipou. As nossas opiniões concordavam sobre todos os pontos essenciaes, só com a differença, que elle, além de possuir uma alma nobre e esclarecida em que resplendeciam os sentimentos

mais generosos, uma alma provada na adversidade, dedicava a mais candida e verdadeira fé ao Christianismo, em quanto que eu reconhecia que esta fé vacillava em mim desde muitos tempos, e ás vezes me parecia extincta de todo.

As minhas duvidas eram por elle combatidas com as reflexões mais acertadas e com a mais sincera amizade; e eu dava-lhe razão, que bem conhecia o peso dos seus argumentos; mas as duvidas tornavam. É o que acontece a todos os que não tem o Evangelho gravado no coração, e áquelles que odeiam os outros e se ensoberbecem de si! O espirito entrevê por um instante a verdade, e como esta lhe não quadre, eis quebrado o encanto que o enleára... eil-o que logo deixa de accredital-a, procurando distrahir-se para outra parte.

Oroboni tinha o dom particular de fixar minha attenção sobre os motivos que devem dispor o homem para ser indulgente com os seus inimigos. Se eu lhe fallava de qualquer pessoa com displicencia ou aborrecimento, logo elle tomava dextramente a sua defeza não só com razões, senão com o exemplo. Muitos o haviam opprimido, e elle lamentava-se sim, mas perdoava a todos, e se sabia de alguma boa qualidade destes ou de alguma acção meritoria por elles praticada, que pudesse fazer o seu elogio logo m'a referia de bom grado.

A inquietação que me dominava, e que desde minha sentença me fazia a cada instante resvalar e caír da fé aturou ainda por algumas semanas; depois cessou in-

teiramente. A virtude de Oroboni havia excitado na minha alma uma nobre emulação; e lidando por seguil-o e por alcançal-o, consegui ao menos ir após suas pégadas. Logo que cheguei a adquirir força bastante para orar sinceramente por todos os homens, e para não tornar a aborrecer nem sequer um só de meus similhantes, as minhas duvidas sobre a fé se desvaneceram: *Ubi charitas et amor, Deus ibi est.* Onde mora a caridade e o amor, lá tem Deus sempre a sua pousada.

LXI.

Para dizer a verdade, com quanto a sentença da condemnação fôsse por extremo rigorosa, e só por si capaz de exasperar, nós tinhamos ao mesmo tempo a rara e insolita fortuna de não termos trato senão com homens bons, a quem não cabia alliviar a nossa triste sorte senão por mostras de bemquerença e respeito; mas felizmente deparámos esta ventura: se havia tal ou qual rudeza no bom velho nosso carcereiro, quam sobejamente não era compensada pela nobreza de seu coração! Não havia uma só pessoa que se não condoesse da nossa triste sorte; até o infeliz Kunda (esse forçado que nos trazia a comida e agua tres vezes ao dia) desejava certificar-nos o muito que se apiedava de nos ver em tanta estreiteza. Este condemnado que tinha a seu cargo varrer

os carceres duas vezes na semana, um dia de manhãa, estando a varrer o meu, aproveitou a occasião em que Schiller se tinha arredado dous passos da porta e offereceo-me um pedaço de pão alvo. Não o acceitei, mas apertei-lhe cordialmente a mão. Este apêrto de mão o enterneceo. Elle me disse em máo allemão (era polaco): —Dão-lhe agora, senhor, tam pouco de comer, que por certo terá de padecer fomes!

Certifiquei-lhe que não, mas certifiquei-lhe o que não era crivel.

O nosso medico, vendo que não era possivel affazermo-nos em os primeiros dias ao pessimo alimento que nos davam, resolveo mudar-nos a todos para *quarto de ração,* que vinha a ser uma verdadeira dieta de hospital, consistindo em tres caldos muito fracos por dia, em um pedacinho de carneiro assado, ou para melhor dizer, em um boccado, pois se podia engulir de uma vez, e, quando muito, em tres onças de pão. Ao passo que a saude se me ía restabelecendo, ía-se-me tambem recobrando o appetite; neste estado confesso que cheguei a sentir grande falta, e tentei voltar ao uso do alimento dos sãos; mas com isto não lucrava nada; tamanho era o tedio que lhe tinha, qne o não podia engulir. Foi mister portanto que eu me ativesse tam somente áquella modica ração. Por mais de um anno conheci até onde póde chegar o tormento da fome. E este tormento ainda se tornou mais incomportavel para alguns de meus tristes companheiros, que excedendo-me

em robustez tambem careciam de mais sustento. De muitos sei eu, que acceitaram o pão a Schiller, e a outros dous guardas a nosso serviço, e até áquelle pobre compadecido Kunda.

—Corre pela cidade, que se dá pouco de comer a estes senhores, me disse um dia o barbeiro, que era mancebo ainda novo e aprendiz do nosso cirurgião.

—E é verdade, respondi eu mui naturalmente.

No sabbado seguinte (costumava vir todos os sabbados) quiz dar-me ás escondidas um pão alvo. Schiller fingio não reparar na offerta. Se eu houvera escutado o meu estomago tel-a-hia acceitado, mas insisti em recusal-a, só por não acontecer que aquelle pobre moço houvesse de repetir-me similhante presente, que sem duvida se lhe havia de tornar gravoso sendo continuado por mais vezes.

Pelo mesmo motivo recusei as offertas de Schiller. Muitas vezes me trazia um pedaço de carne cozida, instando-me por que a comesse, e protestando-me que a não tinha comprado, que lhe sobejára do jantar, e que até não sabia o que lhe havia de fazer, pois para a não esperdiçar iria dal-a a outrem. Ter-me-hia lançado com soffreguidão a devoral-a; mas se a eu comesse não teria elle todos os dias o desejo de dar-me alguma cousa?

Duas vezes sómente, um dia em que me trouxe um prato de cerejas, e outro, algumas peras, a vista destas fructas me fascinou irresistivelmente: arrependi-me

de lh'as acceitar, e o motivo foi porque d'ahi em diante não deixava de offerecer-m'as.

LXII.

Determinou-se, nos primeiros dias, que cadaum de nós teria duas vezes por semana uma hora de passeio. Para o diante foi-nos concedido este desafogo um dia sim outro não, e ultimamente todos os dias, á excepção dos domingos e dias sanctos. Cadaum de nós era conduzido ao passeio separadamente, entre dous guardas de espingarda ao hombro. Eu que me achava encarcerado em uma das extremidades do corredor tinha de passar por diante das prisões de todos os condemnados politicos da Italia, excepto por defronte da de Maroncelli, que unico de todos elles jazia esmorecido e sepultado em triste enxovia.

—Feliz passeio! diziam elles em voz baixa aos postigos dos seus carceres; mas não me era permittido o demorar-me para saudar fôsse quem fôsse.

Descia-se uma escada, e atravessava-se um grande pateo; e por este pateo passava-se para um terrado exposto ao meio dia, donde se avistava a cidade de Brünn e grande extensão de seus arredores.

Naquelle pateo por onde passavamos encontravam-se sempre muitos sentenceados ordinarios que íam ou

voltavam de seus trabalhos, ou passeavam a conversar uns com outros. Havia entre elles bastantes salteadores italianos, que me saudavam com muito respeito, ficando a dizer uns para os outros:—Ahi vai um que não é um perverso como nós, mas o seu captiveiro ainda é mais aspero do que o nosso.

E na verdade elles tinham muita mais liberdade do que eu.

Estas e outras expressões me chegavam aos ouvidos, e eu mui cordialmente lhes dava o *Deus te salve.*

Um delles me disse um dia:—Mal sabe o senhor o allivio que eu sinto com o *Deus te salve* que me dá! Parece-me que não ha de descobrir no meu semblante visos de malvado. Uma paixão desgraçada me provocou a commetter um delicto... mas não, senhor... eu não sou um scelerado.

E chorou a bom chorar. Estendi-lhe a mão em signal de amizade, mas elle não m'a pôde apertar. Os guardas o fizeram arredar não por maldade, mas por não transgredirem as suas instrucções. Não lhes era permittido o consentir que me aproximasse fôsse de quem fôsse. As palavras que estes condemnados me dirigiam, fingiam as mais das vezes dizel-as entre si; e se os meus dous soldados advertiam que ellas me eram endereçadas, logo os faziam calar.

Atravessavam tambem por aquelle pateo varias pessoas de diversas condições estranhas ao castello, que ou vinham visitar o superintendente, ou o capellão, ou o

sargento, ou algum dos cabos:—Alli está um dos italianos!... alli está um dos italianos!... diziam elles em voz baixa, e paravam para me verem; e muitas vezes os ouvi dizer em allemão, julgando elles que os não perceberia:—Este pobre senhor não chega de certo a envelhecer; coitadinho! a morte se lhe vê já pintada no rosto.

Na verdade, ainda que a principio obtive algumas melhoras, a escacez do alimento e os crescimentos que repetidas vezes me accommettiam íam-me definhando pouco a pouco. Mas apezar disso fazia todo o possivel por arrastar meus pesados grilhões até ao logar do passeio; e ahi me deitava sobre a relva, e ficava até se passar a hora do costume.

Os guardas ou ficavam de pé, ou tambem alli se sentavam a conversar comigo. Um delles chamado Kral era bohemio; se bem que nascido de familia rustica e pobre, a sua educação era superior ao seu nascimento, e elle proprio a cultivava quanto podia, discorrendo com assás discernimento sobre as cousas do mundo e lendo todos os livros que lhe vinham ter ás mãos, tendo conhecimento de Kloppstok, Wieland, Goethe, Schiller e de varios outros bons escriptores allemães, sabendo emfim uma infinidade de passagens de cór que repetia com intelligencia e sentimento. O outro guarda era polaco chamado Kubitzky, pouco intelligente, mas homem attencioso e de bom coração. A sua companhia me era summamente agradavel.

LXIII.

Em uma extremidade daquelle terrado estava a habitação do superintendente: na extremidade opposta morava um dos cabos com sua mulher e seu filhinho. Quando eu via saír alguem de uma ou outra destas habitações, logo me levantava e procurava aproximar-me da pessoa ou pessoas que saíam, e tinha a satisfacção de receber as mais vivas e attenciosas demonstrações de interesse e compaixão.

Havia muito tempo que a mulher do superintendente soffria molestia que pouco a pouco a ía definhando; e porque parecia achar allivio com o ar mais desafogado traziam-na para alli algumas vezes sobre um canapé. Não é possivel dizer-se com quanta consternação esta senhora me exprimia a viva lastima que tinha por nós todos. O seu modo de olhar era meigo e timido, mas apezar de timido, seus olhos se pregavam de quando em quando com certa confiança cheia de viveza e curiosidade nos da pessoa com quem fallava.

Um dia disse eu para ella com certo ar de riso: —Sabeis vós, senhora, que vos pareceis alguma cousa com uma pessoa de mim muito estimada?

Subio-lhe a côr ao rosto, e com tam séria como amavel singeleza me respondeo:—Pois então não vos haveis de esquecer de mim quando eu morrer; pedi por

minha pobre alma e por meus tenros filhos que me cá ficam neste mundo.

Desde aquelle dia nunca mais tornou a saír do leito; nem mais a tornei a ver! pouco a pouco se lhe foram consumindo as forças até que se finou!

Além de tres filhos lindos como os amores tinha outro que ainda mamava. A coitadinha ás vezes não se fartava de os beijar na minha presença, e dizia:—Ai de vós! meus tristes filhos! Quem sabe a quem havereis por mãi depois de eu morta! Oh! quem quer que ella seja praza a Deus dar-lhe entranhas de mãi tambem para os filhos de ventre alheio! E nisto arrazavam-se-lhe os olhos de agua.

Mil vezes me tem vindo ao pensamento aquella maviosa supplica e aquellas lagrimas.

Depois da sua morte, quando eu encontrava aquelles orfãosinhos, não podia deixar de os beijar e de repetir enternecido a supplica de tam carinhosa mãi. Depois tambem entrava a pensar na minha, e nas fervorosas orações que o seu tam meigo e enternecido coração sem duvida havia de elevar ao ceo por meu respeito; e eu exclamava em soluços:—Oh! quanto mais ditosa não é aquella mãi, que acabando os dias desta amargurada vida deixa no mundo os filhinhos ainda innocentes, do que aquella que depois de os haver criado com desvelos e cuidados sem conto os vê arrebatados de si!?...

Duas senhoras idosas costumavam cuidar daquelles meninos, uma era a mãi do superintendente, e outra

era sua tia. Quizeram saber toda a minha historia, e eu lh'a contei em resumo.

Quam desgraçadas não somos, diziam ellas com a expressão da mais sincera dor, por vos não podermos servir de confôrto em cousa alguma! Mas tende a certeza de que rogaremos a Deus por vós; e que se um dia chegar vosso perdão, esse dia será de festa para toda a nossa familia.

A primeira dellas, que era a que eu via mais repetidas vezes, possuia doce e maravilhosa eloquencia para ministrar consolações. Eu a escutava com filial reconhecimento, e suas palavras se me gravavam no coração.

O que ella me dizia não eram cousas que eu ignorasse, mas com tal arte as concertava que me pareciam sempre novas:—Que o infortunio não avilta o homem, antes mais o sublima e ennobrece, salvo se elle é já de si abjecto;—que se nos fôra dado penetrar os juizos de Deus, achariamos muitas vezes, que são mais para lastimar os vencedores que os vencidos, mais os felizes que os attribulados, mais os ricos do que os pobres desamparados de tudo;—que a predilecção testimunhada pelo Homem-Deus a favor dos desgraçados é uma sublime lição;—e que emfim nos devemos gloriar com a cruz, pois que os hombros divinos a supportaram.

Mas ai de mim! que todas as consolações me eram cortadas! Quiz minha pouca ventura que aquellas duas boas e respeitaveis creaturas, que eu via com tanto pra-

zer, tivessem de deixar Spielberg dentro de poucos dias, que assim o exigiam razões de familia. Os meninos, não os tornei mais a ver sobre o terrado. Perdas eram estas, que nem eu sei dizer a amargura que me entornavam n'alma.

LXIV.

TAMANHO era o incommodo que eu soffria com os grilhões aos pés, que além de me estorvar o somno, contribuio muito para arruinar a minha saude. Schiller apertava comigo para que me queixasse do meu estado, porque se persuadia que o medico m'os deveria fazer tirar.

Por algum tempo não lhe dei attenção, mas tanto instou comigo, que por fim cedi, e resolvi-me a pedir ao medico que, em ordem a poder recuperar o beneficio do somno, permittisse que me tirassem as ferropeias por alguns dias.

O medico respondeo, que a febre não tinha ainda chegado a tamanho auge que elle pudesse satisfazer-me; e que era indispensavel que eu me fôsse avezando aos ferros.

A sua resposta me indignou, e enfureci-me por lhe ter feito similhante rogativa.

—Ora eis ahi, disse eu para Schiller, ahi tendes o lucro que tirei em seguir o vosso pertinaz conselho.

É de presumir que eu rompesse nestas palavras com tom demasiadamente severo, pois que o bom velho, por natural grosseiro, deo mostras de offendido.

—Ah! o senhor agasta-se por se ter exposto a uma repulsa! pois eu não me enfado menos por esse orgulho com que me trata.

E neste tom continuou depois um longo sermão: —Os soberbos fazem consistir a sua orgulhosa grandeza em se não exporem a repulsas, em não acceitarem o que se lhes offerece, em se vexarem de mil inepcias. *Alle eseleyren!* (Tudo loucuras!) miseravel vaidade! ignorancia da verdadeira dignidade! A verdadeira dignidade consiste quasi sempre em nos envergonharmos tão sómente das más acções.

Dizendo isto, saío e aldrabou a porta com infernal estrondo.

Fiquei atonito e confundido:—Ora pois, disse eu comigo; com quanto esta franqueza seja misturada com desabrimento, nem por isso lh'a tenho a mal. Quanto a mim, é filha do coração, como tambem as suas offertas, os seus conselhos e as suas lastimas. E por ventura não é verdade o que elle me disse? a quantas fraquezas não dou eu o nome de dignidade, sendo que não passam de verdadeiro orgulho?

Á hora de jantar Schiller ficou encoberto com o umbral da porta e deixou que o condemnado Kunda entrasse só, para me trazer as panellinhas do costume. Chamei então por elle.

—Não tenho tempo, me respondeo seccamente.

Saltei da minha tarimba, fui-lhe ao encontro e disse-lhe:—Se quereis que o comer me preste, não me haveis de mostrar um ar tam carrancudo.

—E que ar quer o senhor que lhe eu mostre? perguntou elle fazendo por chamar a serenidade a seu rosto.

—O de um homem alegre, de um amigo, respondi eu.

—Pois viva a alegria! exclamou o pobre velho; e se para que ao senhor lhe preste o comer, fôr mister ver-me dançar, vá de folia, está servido. E nisto entrou a manear suas compridas e magras varetas de maneira tam divertida que eu mal pude suster o riso. E ao mesmo tempo que me ria senti abalar-se-me o coração.

LXV.

Uma tarde Oroboni e eu estavamos ás nossas janellas, e ambos nos lastimavamos de tanta mingoa de sustento como a que soffriamos. Levantámos algum tanto mais a voz e as sentinellas gritaram logo. O superintendente que por má ventura nossa passava então por aquelle lado julgou que era do seu dever mandar chamar Schiller, e reprehendel-o asperamente por ser tam pouco cauteloso em consentir que se quebrasse o silencio.

Schiller furioso veio logo queixar-se-me disto, e intimou-me ordem para que desde então não tornasse mais a fallar á janella, instando comigo para que lhe promettesse cumpril-a.

—Não, respondi eu, não vol-o quero prometter.

—Oh! *der Teufel, der Teufel!* (diabo! diabo!) exclamou elle, dizer-me a mim—não quero! a mim que acabo de receber uma amaldiçoada reprehensão por sua causa!

—Muito me custa, meu bom Schiller, na verdade custa-me infinito que tenhais recebido tam áspera reprehensão por meu respeito; mas eu não quero fazer-vos promessas que entenda não poder guardar.

—E porque a não ha de guardar, senhor?

—Porque não posso; porque a solidão contínua em que vivo é um tormento que tanto me traspassa, que eu não resistirei nunca á necessidade de lançar alguma palavra pela bocca fóra, e de convidar o meu vizinho para que me responda; e se o vizinho me não respondesse eu dirigiria minhas palavras aos varões daquella janella, aos montes que me estão fronteiros, ás aves que vôam por esses ares.

—*Der Teufel!* Pois o senhor não m'o quer prometter?

—Não, não, não! exclamei eu.

Atira com força ao chão aquella amotinadora enfiada de chaves, repetindo:—*Der Teufel! der Teufel!* E nisto as lagrimas lhe rebentam dos olhos e corre com os braços a mim para me abraçar.

—Basta!... deverei eu deixar de ser homem por causa destas *malditas* chaves?!... O senhor é um homem de honra, e eu por tal o tenho, e muito folgo que não queira fazer promessa que não cumpra á risca. Eu farei pois outro tanto, eu...

Abaixo-me, pego nas chaves e entrego-lh'as.

—Estas chaves, lhe disse eu... não são *malditas,* sendo que não podem de um honrado cabo qual vós sois fazer um desapiedado esbirro.

—E se me eu persuadisse que o poderiam fazer, respondeo elle, já... agora mesmo as levára aos meus superiores e lhes dissera:—Se vós não quereis dar-me outro pão senão o do algoz, eu irei... sim!... menos amargo me será o il-o mendigar pelas portas.

E tirando o lenço da algibeira enxugou os olhos: depois levantou-os ao ceo erguendo as mãos em atitude de oração. Eu tambem ergui as minhas e orei como elle em silencio. Conheceo que eu orava por elle, e eu conheci que elle orava por mim.

Ao saír disse-me em voz baixa:—Quando o senhor quizer conversar com o conde Oroboni, peço-lhe que fallem devagarinho o mais que poderem; porque ambos conseguirão assim duas vantagens, uma de evitar os gritos do senhor superintendente, outra de não deixarem escapar algumas palavras... sim, quer que lh'o diga?... palavras, que sendo ouvidas e referidas poderão fazer exasperar mais quem os póde punir.

Asseverei-lhe que ficasse sobre minha fé, que da

nossa bocca não sairia palavra, que referida fôsse a quem fôsse podesse offender.

Com effeito não nos eram precisas advertencias dos guardas para procedermos cautelosos. Dous presos que chegam a communicar-se reciprocamente sabem muito bem ordenar certa linguagem com que possam dizer tudo, sem receio de serem percebidos por quem quer que os escute.

LXVI.

Um dia de manhã, contavam-se 7 do mez de agosto, ao voltar do passeio reparei que estava aberta a porta do carcere de Oroboni. Schiller tinha alli entrado sem que me presentisse vir no corredor. Os meus guardas quizeram adiantar-se para a fechar, mas eu sem lhes dar tempo enfiei por ella dentro, e rapido me lancei nos braços de Oroboni. Schiller ficou estupefacto.—*Der Teufel!* gritou elle, *der Teufel!* e levantou o dedo em signal de ameaça; mas os olhos se lhe arrazaram de lagrimas e exclamou em soluços:—Oh! meu Deus, vós, que tambem sobre a terra tragastes todo o fel das tribulações, tende misericordia destes pobres moços, e condoei-vos de mim e de todos os desgraçados!

Os dous guardas tambem choravam. A sentinella do corredor acudio alli e igualmente não pôde suster as

lagrimas. Oroboni no meio do seu transporte rompeo nestas palavras:

Silvio! ó Silvio! este dia é um dos mais ditosos de minha vida!... Nem me eu posso agora recordar do que então lhe respondi; tanta foi a alegria e ternura que naquelle extasi me repassou o coração!

Quando Schiller nos conjurou, que nos separassemos, e que foi mister obedecer-lhe, Oroboni rompendo em copioso pranto me disse:

—Será esta a vez derradeira que nos vejamos sobre a terra?

Nunca mais o tornei a ver! Alguns mezes depois o seu carcere estava deserto, e o seu cadaver jazia enterrado no cemiterio que nos ficava fronteiro á janella!...

Desde que nos vimos aquelle instante, pareceo que a nossa amizade ainda se tornára mais estreita que dantes; pareceo que mutuamente nos tornaramos mais necessarios um ao outro.

Era um formoso mancebo, de nobre aspecto, mas pallido e de pouca saude; seus olhos sós eram cheios de vida. Minha affeição para com elle ainda redobrou mais pela excessiva lastima que me inspiravam a sua magreza e a pallidez de seu rosto. Igual sentimento se despertou nelle por mim. Qualquer de nós tinha quasi como certa a desgraça de sobreviver ao seu amigo.

Poucos dias depois adoeceo. E eu não fazia senão chorar e rogar a Deus por elle. Depois que melhorou da febre e recobrou mais algumas forças, pôde feliz-

mente voltar ás nossas amigaveis conversações. Oh! quanta consolação não foi a minha ao tornar a ouvir o som daquella voz!

—Não te illudas, me disse elle; olha que isto já está por pouco. Reveste-te de valor para te preparares para a minha perda; inspira-me coragem com a tua coragem!

Poucos dias depois, como quizessem mandar caiar as paredes dos nossos carceres, fomos transferidos para as enxovias. Infelizmente neste intervallo as nossas masmorras ficavam distantes, e eu não podia saber o estado de Oroboni:—Vai bem, me dizia Schiller; mas eu ficava sempre em desconfiança de que o velho me encobrisse a verdade, e receava que a saude daquelle desgraçado, já tam fraca como era, mais ainda se deteriorasse naquelles tristes subterraneos.

Se ao menos nesta occasião acertasse com a ventura de ficar mais perto do meu querido Maroncelli!... Senão quando, ouço a voz deste prezado amigo; e a cantar nos saudámos sem fazer caso dos gritos das sentinellas.

Por este tempo tivemos a visita do primeiro medico de Brünn, chamado talvez em virtude de consultas que o superintendente fizera subir a Vienna; e isto, ou porque a excessiva escacez de alimento que soffriamos nos havia reduzido a extrema fraqueza, ou porque então grassava nas prisões um escorbuto muito epidemico.

Ignorando eu o motivo desta visita, cuidei que fôsse

por se haver engravecido mais o padecer de Oroboni. O receio de o perder para sempre me trazia em continuo e indizivel sobresalto; e tal foi a melancolia que então se assenhoreou de mim, que se naquelle ensejo a morte me acercára, certo que a dera por bemvinda.

Ainda para maior tormento tornou a perseguir-me a idéa de acabar por minhas proprias mãos vida que me era tam amargurada; mas por mais que lidasse por afastar do pensamento similhante delirio, succedia-me como a um viandante esfalfado, que dizendo comsigo: —sei que o meu dever é levar o caminho ao cabo, entretanto sente fraquearem-lhe as forças, e desfallecido e fatigado atira comsigo ao chão para descançar.

Havia ainda pouco tempo, segundo me disseram, que naquellas tenebrosas masmorras se suicidára um velho bohemio esmagando a cabeça contra a muralha. Não se me podia tirar do pensamento a tentação de o imitar. Talvez que sem lhe eu poder pôr côbro subíra áquelle ponto minha loucura, se uma golfada de sangue que senti vir-me do peito me não fizera crer que a morte me andava perto. Dei graças ao Altissimo por elle me querer assim pôr termo a meus dias tam cheios de tristeza, poupando-me um acto de desespêro, que o meu entendimento desapprovava. Mas outra cousa havia Deus determinado, querendo salvar-me de tamanho mal; e aquella golfada de sangue foi-me de allivio. Neste tempo fizeram-me voltar para o carcere de cima; e esta luz mais viva, como tambem a vizinhança

de Oroboni, que de novo recobrei, tornaram a affeiçoar-me á existencia.

LXVII.

Contei-lhe até que ponto me vira perseguido de horrorosa melancolia durante a nossa separação; e elle me disse, que em igual conflicto houvera entrado com o pensamento do suicidio.

—Aproveitemos, dizia elle, aproveitemos o pouco tempo que nos resta para reciprocamente nos confortarmos com os soccorros da Religião. Fallemos de Deus, instiguemo-nos a amal-o; tenhamos sempre ante os olhos d'alma, que não ha justiça, sabedoria, bondade e magestade que elle não concentre em si; e que nelle se resume tudo quanto por mais sublime haja de maravilhar-nos. Digo-te na verdade, amigo, que a morte me anda a seguir de perto. Ser-te-hei eternamente agradecido, se cooperares quanto em ti fôr, para me tornares nestes derradeiros dias tam religioso como eu o devêra ser toda a minha vida.

E d'alli por diante as nossas praticas só versavam sobre a filosofia christãa e sobre a comparação desta com a pobreza da doutrina sensualista. Que alegria não era a nossa ao encontrarmos tanta conformidade entre o Christianismo e a razão? Ambos confrontando as diversas communhões evangelicas nos certificámos de que

a catholica é a unica que póde a toda a prova affrontar a critica; e que a doutrina desta communhão se estriba em dogmas mui puros, em moral mui sãa, e não sobre as miseraveis concepções da ignorancia humana.

—E se pelo mais incrivel dos acasos houvermos de voltar ao trato do mundo, dizia Oroboni, seremos tam pusillanimes que desdigamos o Evangelho, e nos sintamos acobardados, só porque alguem cuide que a prisão nos haja embrutecido a intelligencia, e que por fraqueza de animo é que nos hemos tornado mais firmes na fé?

—Meu caro Oroboni, lhe tornei eu; a tua pergunta revela-me a tua resposta, e esta será a minha. O cumulo de baixeza é o ser escravo dos juizos de outrem quando se tem a convicção da sua falsidade; e similhante aviltamento não creio que tu nem eu o tenhamos nunca.

No meio desta exposição franca de nossos affectos commetti uma infidelidade. Tendo jurado a Juliano de nunca me confiar de ninguem descobrindo-lhe seu verdadeiro nome e as relações que tinham existido entre nós, fui tam desleal que trahi este juramento, revelando tudo a Oroboni, e dizendo-lhe:—Nunca mais no mundo similhante segredo me tornará a escapar dos labios, mas nós aqui estamos em um tumulo; e ainda que venhas a saír delle, sei que posso fiar-me de ti.

Aquella alma virtuosa nem uma só palavra me tornou.

—Porque me não respondes tu? lhe perguntei eu.

Então elle com toda a sinceridade me lançou em rosto a perfidia que eu commettêra violando este segredo. E as suas reprehensões eram justas; que a amizade por mais intima que seja e mais reforçada com a virtude nunca póde auctorizar tamanha falta.

Mas pois que eu tinha caído em similhante erro, não esqueceo a Oroboni o fazel-o redundar em meu proveito, referindo-me bastantes acções honrosas da vida de Juliano, que elle muito bem conhecia: — Esse homem, me disse elle, tem praticado tantos actos de christão, que por certo não levará esse seu furor anti-religioso até á sepultura. Esperemos... esperemol-o assim! e tu, Silvio, toma conta... perdoa-lhe de coração os seus caprichos, e roga a Deus por elle.

As palavras deste amigo eram já para mim sagradas.

LXVIII.

Estas praticas de que fallo, e que ora tinha com Oroboni, ora com Schiller, ora com outros, não me tomavam todavia senão mui curto espaço das vinte e quatro longas horas do meu dia. E ainda não poucas vezes acontecia o não ter occasião de fallar com o primeiro.

Em que pois se me ía o tempo em tamanha solidão como a em que me via? Eis aqui toda a minha vida

nestes amofinados dias: levantava-me sempre ao alvorecer da manhãa; e em pé sobre a cabeceira da minha tarimba sustinha-me agarrado aos varões da janella e fazia a minha oração. Oroboni a este tempo já estava tambem á sua janella ou não tardava a chegar. Ambos nos davamos os bons dias, e um e outro continuava silencioso a elevar seus pensamentos a Deus. E tanto tinham de horroroso as nossas masmorras, quanto de aprazivel esse espectaculo exterior que se nos manifestava aos olhos: aquelle ceo, aquelles campos, aquelles movimentos ao longe de creaturas no fundo do valle, aquellas vozes de engraçadas aldeanas, e seus risos, e seus cantos, nos alegravam e nos faziam apreciar mais dentro d'alma a presença daquelle que é tam magnifico em sua bondade, e cujo soccorro nos era tam preciso.

Seguia-se logo a pesquiza que os guardas nos costumavam fazer todas as manhãas: corriam os olhos pelo carcere para ver se tudo estava em ordem, revistavam-me os grilhões élo por élo, ou fôsse para se certificarem que nem por acaso nem por malicia estivessem aluídos, ou antes (porque o quebral-os fôra impossivel) por obrigação de cumprir á risca com o que prescrevia o regulamento. Se era dia de visita do medico, Schiller perguntava se lhe queriamos fallar, e tomava nota disso.

Acabada aquella visita, Schiller vinha acompanhado de Kunda, que tinha a seu cargo a limpeza dos carceres.

Pouco tempo depois traziam-nos o almoço. Consistia em tres fatias de pão muito delgadas e em um caldo avermelhado que vinha dentro de uma panellinha; eu comia o pão mas enjeitava o caldo.

Acabado o almoço punha-me a estudar. Maroncelli tinha trazido da Italia bastantes livros; os nossos companheiros trouxeram tambem mais ou menos, que reunidos todos formavam uma pequena bibliotheca. Esperavamos além disto podel-a enriquecer á nossa custa. Emquanto não chegava resposta do imperador, respeito ao consentimento que lhe pediamos para ler os nossos livros e para comprarmos outros, o governador de Brünn concedeo provisoriamente a cada um de nós dous livros, e permittio que os pudessemos trocar todas as vezes que nos aprouvesse. Pelas nove horas chegava o superintendente, e o medico o acompanhava ás vezes, se haviamos requerido a sua visita.

Ficava-me ainda um intervallo que aproveitava no estudo até ás onze horas, que era a hora do jantar. Desde então até ao pôr do sol não tornava a haver outra visita, e eu voltava de novo aos meus estudos. Áquella hora Schiller e Kunda vinham reformar-me a agua do dia antecedente; um instante depois entrava o superintendente acompanhado dos guardas para fazerem a visita da tarde, que consistia tambem na revista de todo o carcere sem exceptuar a dos grilhões.

A nossa hora de passeio era antes ou depois de jantar conforme a vontade dos guardas.

Acabada a visita da tarde principiavam as nossas conversas entre mim e Oroboni; e esta hora era a dos nossos mais extensos colloquios; e se algumas vezes acontecia o podermos fallar antes ou depois de jantar, era sempre por muito pouco tempo.

Houve occasiões em que as sentinellas eram tam indulgentes, que nos diziam:—Mais manso, senhores, que os não ouçam, aliás seremos castigados.

Outras vezes dissimulavam não ouvir-nos fallar, e assim que viam apparecer o sargento, pediam-nos que nos callassemos em quanto este se não afastava, mas apenas desapparecia, diziam:—Olá, senhores, agora sim; mas o mais devagarinho que poderem.

E outras vezes alguns destes soldados levavam sua afouteza a ponto de travarem praticas comnosco, de satisfazerem a nossas perguntas, e até de nos darem algumas noticias da Italia.

A certos discursos não lhes respondiamos, antes instavamos a que os não levassem por diante. Era-nos mui natural o duvidar, se todas as suas palavras seriam ou não na realidade o abrimento franco de seu coração ou um verdadeiro artificio para escrutar nossas almas. Todavia inclino-me muito mais a crer que esta boa gente não nos fallava refalsado.

LXIX.

Em uma tarde aconteceo estarmos vigiados por sentinellas muito benignas: Oroboni e eu menos receiosos de ser interrompidos fallavamos em tom mais alto. Maroncelli aferrado aos varões da janella da sua enxovia sentio-nos fallar e distinguio a minha voz. Não se pôde conter, saudou-me com uma cantiga; perguntou-me como eu estava; e exprimio-me com as mais ternas palavras as mágoas que o cortavam por não ter ainda podido obter que nos puzessem juntos. Tambem já eu havia requerido este favor, mas nem o superintendente de Spielberg nem o governador de Brünn nol-o podiam conceder. Ao imperador fôra transmittido este nosso empenho, mas ainda nos não tinha chegado resposta alguma.

Os cantos de Maroncelli já por muitas vezes me tinham soado aos ouvidos, além daquella em que ambos nos saudaramos a cantar nos subterraneos; mas no andar de cima em que eu estava nunca me fôra possivel ligar sentido á sua cantiga, que apenas era de momentos, porque nunca o deixaram continuar.

Desta vez esforçou a voz muito mais do que seu costume, e não foi tam prestes interrompido, de fórma que lhe entendi tudo. A commoção que o meu animo então sentio, não ha palavras com que se possa encarecer.

Respondi-lhe, e então proseguimos o nosso dialogo quasi por um quarto de hora. Finalmente rendidas as sentinellas do terrado, as que vieram não foram tam condescendentes, e quando desprecatados nos dispunhamos a continuar nossas cantigas, gritos furiosos se levantaram a praguejar-nos, e foi mister respeital-os.

Parecia-me estar vendo Maroncelli esmorecido e sózinho, enterrado desde tanto tempo em carcere tam mais rigoroso do que o meu, e punha-me a pensar na tristeza que de continuo o iria consumindo e no estrago que a sua saude por fôrça que havia de ter soffrido. E ao lembrar-me disto o coração se me apertava tanto que parecia estalar-me de dor.

Senão quando rebentaram-me as lagrimas... mas que importa, se aquellas minhas lagrimas nenhum allivio me deram! Apertou comigo tam grande dor de cabeça, e tam violenta febre, que não podendo suster-me em pé, atirei comigo sobre o xergão. Opprimio-se-me o peito com tal anxiedade e com tam angustiosos espasmos que cheguei a persuadir-me que aquella noite fôsse a derradeira da minha vida.

No dia seguinte achei-me sem febre, e senti-me mais alliviado do peito; mas o meu cerebro era uma fogueira; e nem sequer podia menear a cabeça sem que logo a sentisse atravessada de dores atrozes.

Queixei-me deste estado a Oroboni. O infeliz tambem se sentia mais doente do que seu costume.

—Amigo, me disse elle, tenho que bem perto se

nos vem chegando o dia em que algum de nós deixará para sempre a sua janella! Cada—*Deus te salve,* que daqui nos damos, bem póde ser o derradeiro! Estejamos pois um e outro sempre prestes, quer seja para morrer, quer seja para sobreviver ao seu amigo.

E soltou estas palavras com voz tam maviosa e enternecida, que não pude responder-lhe; tanto ellas me retalhavam o coração! Ficámos por um instante em silencio, e depois proseguio:

—Tu ao menos... ainda és feliz que sabes o allemão e pódes confessar-te!... mas eu!... misero de mim!... já requeri um padre que soubesse o italiano, e disseram-me que o não havia!... Verdade é que Deus sonda o meu desejo; e desde que me confessei em Veneza, por minha fé te digo:—parece-me que não tenho nada que me grave a consciencia.

—Oh! mal peccado!... não me succede a mim outro tanto! lhe disse eu: tambem me confessei em Veneza, mas com a alma entranhada de rancor; melhor me fôra talvez ter recusado os sacramentos; comtudo, amigo, tomára eu que me dessem um padre para me ouvir!... assevero-te que me hei de confessar de coração e perdoar a todos.

—O ceo te abençôe, amigo, que assim me dás tamanha consolação! Façamos, sim, façamos quanto em nós estiver para sermos eternamente tam unidos na bemaventurança, como o hemos sido nestes tam carregados dias de desventura.

No dia seguinte esperei-o á janella, mas não veio. Soube por Schiller, que elle estava gravemente enfermo. Oito ou dez dias depois estava melhor e tornou a saudar-me. Eu ía-me sustendo, ainda que sobre posse. Muitos mezes se passaram tanto para elle como para mim nesta alternativa de melhor para peior.

LXX.

Assim me pude ir arrastando até 11 de Janeiro de 1823. Neste dia de manhãa levantei-me com poucas dores de cabeça, mas com tal disposição para caír em vertigem, que as pernas me cambaleavam, e quasi não podia tomar a respiração.

Oroboni tambem estava peior; havia dous ou tres dias que se não levantava.

Trouxeram-me o caldo; provei apenas uma colher, e fiquei logo sem sentidos. Algum tempo depois, por acaso a sentinella do corredor espreitou ao postigo, e vendo-me estirado no chão e a pucara voltada ao pé de mim, teve-me por morto, e bradou por Schiller.

O superintendente veio tambem; o medico foi logo chamado: deitaram-me na cama e passou-se muito tempo primeiro que tornasse em mim.

O medico reputou-me em perigo e fez-me tirar os ferros; prescreveo-me não sei que cordial; mas o esto-

mago não me podia abraçar cousa alguma. A dor de cabeça tornava-se-me insupportavel.

O governador, immediatamente instruido da minha molestia, expedio um correio para Vienna para saber como eu deveria ser tratado: veio em resposta, que me não puzessem na enfermaria, mas que me tratassem no carcere com o mesmo desvelo e assiduidade como se para alli fôra. Além disto foi auctorizado o superintendente para que houvesse de fornecer-me pela sua cozinha os caldos e dieta que fôsse necessaria em quanto durasse a gravidade de minha molestia.

Esta ultima concessão de nada me servio a principio, porque eu não podia levar nem comida nem bebida fôsse de que qualidade fôsse. O meu estado peiorou por toda a semana, e o delirio não me largava nem de dia nem de noite.

Kral e Kubitzky foram-me dados por enfermeiros: ambos me assistiram com todo o cuidado e carinho. Nos intervallos em que eu estava com o juizo mais assente, Kral me animava com estas palavras:—Tenha confiança em Deus! só Deus é que é verdadeiramente bom.—Rogai-lhe por mim, lhe dizia eu; pedi a Deus, não que me restitua a saude, mas que acceite os meus soffrimentos e a minha morte em desconto dos meus peccados.

Tambem me aconselhou a requerer os sacramentos. —Se os não requeri ainda, lhe disse eu, attribui-o á fraqueza da minha cabeça; mas tende a certeza que o recebel-os será para mim a maior consolação.

Referidas estas minhas palavras ao superintendente, foi chamado o capellão dos carceres: confessei-me, communguei e fui ungido. Aquelle sacerdote deixou-me confortado: chamava-se Sturm. As reflexões que me fez sobre a justiça de Deus e injustiça dos homens, sobre os deveres do perdão, sobre a vaidade e sobre a instabilidade em todas as cousas deste mundo, não eram triviaes; traziam o cunho de espirito nobre e cultivado e de vivo conhecimento do verdadeiro amor de Deus e do proximo.

LXXI.

O ESFORÇO de attenção que empreguei para receber os sacramentos pareceo estancar-me a principio as poucas forças que me sobravam; mas por fim foi-me de allivio, fazendo-me caír por muitas horas em lethargo, que por certo contribuio para minha melhora.

Acordei mais alliviado; e dando com os olhos em Schiller e Kral que estavam ao pé de mim, levei a mão ás destes amigos para lhes agradecer o efficaz desvelo e extremoso carinho com que me tratavam.

Schiller me disse:—Os meus olhos estão já affeitos a ver doentes: eu apostarei que o senhor ainda não vai desta.

—E não julgais com esse dito fazer-me um triste prognostico? lhe perguntei eu.—Não, senhor, respondeo

elle. As miserias desta vida são grandes, na verdade; mas o que as supporta com grandeza de alma e com resignação lucra sempre em viver.

—E proseguindo disse:—E demais disso, espero, que se o senhor viver, haverá de lograr em breve não pequena consolação. Creio que requereo ver o senhor Maroncelli? não é assim?

—Bastantes vezes o tenho pedido, e todas frustradas!... Já me não atrevo a esperal-o.

—Pois porque não ha de esperal-o, senhor? espere e repita a supplica.

E de feito eu a repeti naquelle mesmo dia. O superintendente corroborou o dito de Schiller, dando-me não só esperanças de tornar a ver aquelle amigo, mas accrescentando, que talvez em breve me sería dado por enfermeiro e companheiro inseparavel para o diante.

Como todos nós, os presos de estado, tivessemos a saude mais ou menos deteriorada, o governador havia proposto para Vienna a necessidade de nos juntarmos dous a dous, para que uns aos outros mais facil nos fôsse ministrar reciprocos soccorros.

Tambem eu tinha pedido licença para me deixarem escrever uma carta, em que désse o ultimo adeus á minha familia.

No cabo da segunda semana a minha molestia terminou por crise, e fiquei livre de perigo. Já principiava a levantar-me, quando um dia de manhãa sinto abrirem-me a porta e vejo entrar com ar risonho o supe-

rintendente, Schiller e o medico. O primeiro correo logo a mim, e disse-me:—Saberá que nos é permittido dar-lhe por companheiro o seu amigo Maroncelli, bem como deixar-lhe escrever uma carta a seus pais.

Um transporte de alegria tolheo-me de improviso a respiração, e o pobre superintendente, a quem fallecêra discrição por se levar da impaciencia de seu coração bemfazejo, teve-me por perdido. Logo que recobrei os sentidos, e que pude recordar-me da agradavel noticia que me tinham dado, pedi-lhe que me não retardasse por mais tempo tamanha consolação. O medico consentio nisto, e Maroncelli foi conduzido a meus braços.

Oh! que agradavel momento não foi aquelle!...—Ainda és vivo!... exclamámos ambos. Oh! meu amigo! oh! meu irmão! Bemdito seja Deus! ainda nos coube ver este feliz dia!

Mas ai! esta nossa alegria que era immensa, quanto aguada nos não foi de immensa compaixão! Maroncelli não devia estranhar tanto de me ver definhado, sabendo a grave enfermidade de que eu ha pouco escapára. Mas eu, com quanto discorresse por seus padecimentos, não esperava achal-o tam demudado!... estava tam desfeito. que mal parecia o mesmo! Aquella tez de seu rosto, n'outro tempo tam delicada e viçosa, era toda emmurchecida e desbotada! Dissereis que a dor e a fome, e o bafio pestilente de escuro e soterraneo calabouço lh'a haviam devorado.

Entretanto grande consolação nos vinha só por nos

vermos e fallarmos, e por não tornarmos a perder a companhia um do outro. Oh! quantas cousas não dissemos, e recordámos e repetimos! Que doces lagrimas não derramámos ambos! Que harmonia em todas as nossas idéas! Que satisfacção em nos acharmos de accôrdo em materia de religião; de accôrdo em odiarmos ambos a ignorancia e a barbaridade, sem comtudo aborrecermos as creaturas! Que alegria, emfim, por nos acharmos concordes em lastimar os ignorantes e os máos, e em rogar a Deus por todos elles!

LXXII.

Trouxeram-me uma folha de papel e tinteiro para escrever a meus pais.

Como rigorosamente aquella licença só fôra concedida a um moribundo, que desejava dar á sua familia o adeus derradeiro, receei que a minha carta não fôsse enviada se houvesse de conter objecto differente: limitei-me pois a pedir com a mais viva ternura a meus pais e a minhas irmãas, que houvessem de resignar-se á minha sorte, asseverando-lhes, que eu por minha parte estava resignado.

Esta carta foi com effeito enviada, como vim a saber depois que passados alguns annos tornei a ver a morada de meus pais; e até foi a unica, que durante os longos

tempos do meu triste captiveiro, aquelles pobres velhos poderam receber de mim! E eu delles nem uma só recebi! Todas as que me escreveram ficavam interceptadas em Vienna. Os meus companheiros de infortunio tambem estiveram sempre privados de relações com suas familias.

Infindo numero de vezes pedimos licença, quer para ter ao menos papel e tinta para estudarmos, quer para nos ser permittido empregar o nosso dinheiro em comprar livros. Mas estas repetidas instancias foram sempre em balde. O governador continuava todavia a consentir-nos a leitura de nossos livros.

Por sua bondade obtivemos tambem melhor reforma em nossos alimentos, que sendo-nos até ahi bastecidos pela cozinha do fornecedor das prisões, ultimamente nos eram dados pela cozinha do superintendente, para o que se haviam assignado mais alguns fundos. Mas estas disposições não foram confirmadas; e pouco nos durou aquelle beneficio que nos era tanto de allivio!... Apezar disso consegui bastantes melhoras, e Maroncelli tambem recobrou mais vigor: quanto porém ao infeliz Oroboni, já não veio a tempo!... era demasiado tarde!...

Este desditoso amigo teve por companheiro, a principio o advogado Solera, e ultimamente o padre Fortini.

Logo que em todos os carceres nos juntaram dous a dous, tivemos nova e expressa prohibição de fallarmos ás janellas sob pena de tornarmos á antiga solidão. A dizer a verdade algumas vezes transgredimos aquella

prohibição só para nos cortejarmos uns aos outros, mas nunca mais tornámos a entreter longas praticas.

O caracter de Maroncelli estava em perfeita harmonia com o meu. A coragem de um sustinha a coragem do outro. Se qualquer de nós se deixava apoderar de tristeza, ou tomar de colera contra os rigores da nossa condição, logo o outro distrahia o seu amigo com algum dito jovial ou com reflexões a proposito, que ao mesmo tempo fazia temperar com um doce sorriso a amargura de nossos tormentos.

Em quanto tivemos livros, posto que lidos por nós tivessem já sido tantas vezes que com a continuação os haviamos de cór, eram estes bem doce pasto para o nosso espirito, e serviam de continuo assumpto para novos exames, novas comparações, novos juizos e novas correcções: levavamos assim a maior parte do dia a ler ou a meditar em silencio, e reservavamos para as nossas conversas as horas do jantar, as do passeio e os serões.

Maroncelli, além de muitos e excellentes versos, que fizera em quanto sózinho na sua enxovia, compunha e repetia-me outros que fazia de novo. Eu tambem o imitava compondo e repetindo-lhe os meus; e assim se nos ía exercitando a memoria, retendo estas composições por maneira que viemos a adquirir admiravel facilidade em decorar longas producções poeticas, corrigindo-as e limando-as vezes sem conto, e reduzindo-as áquelle mesmo gráo de perfeição que houveramos de lhes dar, se as escreveramos. Maroncelli compoz tambem pouco a

pouco e decorou milhares de versos liricos. Eu compuz a tragedia de *Leoniero da Dertona* e diversas outras cousas.

LXXIII.

Oroboni depois de ter soffrido muito por todo o inverno e primavera peiorou durante o estio. Principiou a lançar escarros de sangue; e por fim caío em uma hydropisia.

Pense cada qual na afflicção que em nós iria, quando soubemos que este amigo se estava a finar tam perto, sem que pudessemos romper aquella cruel parede que nos vedava de vel-o, sem que nem sequer pudessemos offerecer-lhe os nossos amoraveis serviços!

Schiller nos trazia novas delle. O desditoso mancebo, apezar de soffrimentos tam dolorosos, nunca chegou a desmentir a serenidade e resignação que tanto o caracterisava. Com a mesma paz de espirito recebeo os soccorros espirituaes ministrados pelo capellão, que por fortuna sabia francez.

Morreo no seo dia onomastico, 13 de Junho de 1823. Algumas horas antes de exalar o ultimo suspiro, fallou de seu pai de oitenta annos, enterneceo-se, e ainda se lhe arrazaram os olhos de agua; e logo reanimando-se mais, rompeo assim:—Mas para que hei de eu chorar a pessoa mais ditosa da minha familia, sendo que por

seus já cançados annos a vejo em vesperas de se tornar a juntar comigo lá nessa estancia de paz eterna?

E as ultimas palavras, que lhe saíram da bôcca foram estas:—Perdôo de todo o coração aos meus inimigos.

D. Fortini lhe cerrou os olhos: era seu amigo desde a infancia, homem todo religião, todo caridade.

Pobre Oroboni!... Que frio gêlo de morte cursou por nossas vêas, quando se nos disse que já não existia!... e ao sentirmos as vozes e passadas dos que vinham em busca de seu cadaver!... e ao vermos da janella o carro que o levava para o cemiterio!... O carro ía puxado por dous condemnados ordinarios; quatro guardas o ladeavam; tambem os nossos tristes olhos acompanharam até ao cemiterio aquella funebre pompa. Entrou muros dentro: e a cova... lá estava aberta!...

E poucos instantes passados, o carro, os condemnados e os guardas já estavam de volta... Kubitzky, que era um daquelles guardas, me disse (nobre e admiravel pensamento em um homem de educação tam ordinaria): —Fiz por tomar bem sentido no sitio em que fica aquella cova; porque não aconteça que, se algum parente ou amigo do defuncto obtiver licença de levar para a sua patria aquelles ossos, ignore o jazigo onde elles descançam.

Quantas vezes, Oroboni assomado á sua janella, e lançando os olhos para o cemiterio não rompia nestas palavras:—É mister que me eu vá affazendo á idéa de

que este meu corpo venha a tornar-se pasto da podridão além dentro daquelle cercado; mas confesso que este pensamento me aterra. Parece-me que se não descança tam bem, sepultado nesta terra alheia, como na nossa cara peninsula.

Depois, como que mofando do que dissera, sorria-se e exclamava:—Puerilidade! que mais vai largar aqui ou acolá um vestido usado, quando já se não póde trazer?

Outras vezes me dizia:—Pouco a pouco me vou apercebendo á espera da morte; mas de melhor grado me resignára com esta condição:—entrar apenas o limiar da casa de meus pais, abraçar pelos joelhos aquelle respeitavel e querido ancião, ouvir-lhe uma só palavra de benção, e morrer!...

Suspirava e proseguia:—Se te não praz, ó meu Deus, que este calix de mim passe... cumpra-se a tua vontade.

E no extremo dia de sua vida, beijando um crucifixo que lhe era offerecido por Kral, soltou ainda estas palavras:

—Se tu, que eras Homem-Deus, tiveste horror á morte, e exclamavas:—*Si possibile est, transeat a me calix iste!* (Se é possivel, passe de mim este calix) releva-me que eu diga outro tanto; pois que tambem me não esquecem est'outras palavras, que tambem são tuas: —*Veruntamen non sicut ego volo, sed sicut tu!* (Todavia não se faça nisto a minha vontade, mas sim a tua!)

LXXIV.

Morto Oroboni, adoeci de novo. Bem cedo cuidei de juntar-me ao meu desventurado e defuncto amigo; e certo que o desejava. Mas qual dor não sería a minha em ter de me separar para sempre do meu querido Maroncelli!

Muitas vezes, em quanto este, assentado sobre o seu enxergão se entretinha a ler ou a compor versos, ou talvez affectando como eu distrahir-se com o estudo, ao passo que o pensamento lhe vagueava a discorrer por nossos infortunios, eu punha nelle olhos de afflicção e dizia comigo:—Quanto mais triste não será a tua vida quando o gelado sôpro da morte me houver bafejado? quando vires tirar o meu cadaver para fóra deste carcere? quando, emfim, lançando os olhos para aquelle cemiterio, disseres:—tambem Silvio acolá está?!... E a alma se me enternecia só de pensar na sorte deste desditoso amigo que me cá ficava, e elevava supplicas ao céo porque lhe désse outro companheiro capaz de o apreciar como eu, ou porque a Deus prouvesse, prolongando os meus tormentos, permittir-me a consolação de suavisar as amarguras daquelle infeliz, tomando parte nellas.

Escuso mencionar quantas vezes a minha saude peiorava e melhorava. A assiduidade com que durante estas

alternativas me assistia o meu amigo Maroncelli era tam desvelada como a do mais terno e extremoso irmão. Bem conhecia elle quando me não convinha fallar, e então conservava-se silencioso; bem conhecia quando suas palavras podiam servir-me de confòrto, e então descobria sempre algum assumpto mais conforme ás disposições da minha alma, quer ajudando-as, quer procurando insensivelmente distrahil-as. Espirito mais nobre do que o seu, nunca o hei conhecido, e bem poucos os que o igualem. Grande apêgo á justiça, grande tolerancia no soffrimento, grande confiança na virtude humana e nos soccorros da Providencia, perfeito conhecimento do sublime em todas as artes, imaginação rica de poezia; todas as qualidades as mais amaveis de espirito e de coração se resumiam nelle para m'o tornarem mais prezado.

Oroboni tambem nunca se me tirava do pensamento; e não se passava dia em que eu não chorasse a sua morte; mas muitas vezes deleitava-se-me o coração, imaginando que aquelle de mim tam querido amigo, já livre de todos os malles e na presença de Deus, havia contar em o numero de seus gozos o de me ver com um amigo tam caroavel como elle.

Parecia soar-me dentro d'alma uma voz que me dizia:—que Oroboni não estava no logar de expiação. Entretanto eu não cessava de rogar a Deus por elle. Muitas vezes figurava-se-me em sonhos vel-o estar a pedir por mim; e desejava persuadir-me que taes sonhos

não fôssem effeito de mero acaso, antes sim verdadeiras apparições de sua imagem, que Deus permittisse para me consolar. Sería cousa ridicula, se me eu propuzesse descrever neste logar a vivacidade destes sonhos, e a consolação real que elles me suggeriam por dias inteiros.

Mas os sentimentos religiosos e a minha viva amizade por Maroncelli, de dia em dia me suavizavam o pêso de tantas mágoas. Só me aterrava a idéa de que este infeliz, de saude já tam gastada, posto que em menos risco do que a minha, terminasse primeiro que eu a carreira de seus tristes dias. Cada vez que o via doente, esmorecia; cada vez que o via melhor, não podia conter-me de alegria.

Com este estremecimento de o perder, cada vez mais se me esforçava a affeição que lhe tinha; tambem produzia nelle o mesmo effeito o receio de que lhe eu viesse a faltar.

Ah! que inexplicavel doçura não ha'hi nas alternativas de susto e de esperança pelo unico ente querido que nos resta! A nossa condição era sem duvida uma das mais mofinas que podia haver sobre a terra; e comtudo, esta tam verdadeira estima e tam estreita amizade que tinhamos um pelo outro, constituiam no meio de nossas angústias uma certa felicidade, e por certo que bem devéras a sentiamos.

LXXV.

Muito de coração desejava eu que nos fôsse dado por confessor e capellão aquelle mesmo sacerdote que tam consolado me deixára na occasião da minha enfermidade; grande satisfacção teriamos se o pudessemos ver de quando em quando, além das occasiões em que nos achassemos gravemente doentes. Mas não aconteceo assim: o governador nomeou interinamente para aquelle emprego o padre Baptista, religioso agostinho, e propoz para Vienna a confirmação deste, ou a escolha de outro para o referido cargo.

Receei perder com esta mudança, mas enganei-me. O padre Baptista era um anjo de caridade; os seus modos eram distinctos e elegantes, e discorria com profunda penetração sobre os deveres do homem. Pedimos-lhe que nos frequentasse com suas visitas sempre que pudesse. Vinha todos os mezes, e mais a miudo, se lhe era possivel; trazia-nos tambem alguns livros com consentimento do governador, e dizia-nos da parte do seu abbade, que toda a livraria do convento estava á nossa disposição. Teria sido aquelle beneficio de muito maior consolação para nós, se porventura se houvera prolongado por mais tempo; entretanto de muito proveito nos foi a continuação delle por alguns mezes.

Acabada a confissão sempre se demorava largo espaço

a conversar comnosco, e em todos os seus discursos resumbravam evidentes provas da rectidão e nobreza de sua alma vivamente penetrada da grandeza e sanctidade do homem. Coube-nos a ventura de aproveitarmos as suas luzes, e de gozarmos da sua amizade por perto de um anno, sem que nunca se desmentisse, sem que jámais lhe escapasse uma syllaba só por onde pudessemos aventar intenções politicas alheias ao seu ministerio; emfim sem que nem uma unica vez incorresse na minima falta de urbanidade fôsse a que respeito fôsse.

A principio, a dizer a verdade, tive desconfianças delle, vendo-o empregar toda a penetração do seu engenho em investigações deslocadas. Similhante desconfiança é bem natural em um prêso de estado; mas que desabafo não sente a alma quando aquella suspeita se desvanece de todo! e quando se não descobre no interprete de Deus outro algum desejo que não seja pela causa do mesmo Deus e da humanidade?

Possuia um dom particular e efficacissimo para consolar os afflictos. Eu, por exemplo, que ás vezes me deixava subjugar de transportes de colera, accusava-me de taes impetos a que me dava occasião o rigor de trato em nossa prisão; então elle moralisava um instante sobre a virtude da resignação no soffrimento e sobre a necessidade de perdoar; entrava depois a pintar-me com as mais vivas côres as miserias de outras condições diversas da minha. Tendo passado a maior parte da vida, ora na cidade ora no campo, em continuo e

familiar commercio com os grandes e pequenos, e tendo meditado com fructo sobre as injustiças humanas, sabia pintar dextramente as paixões e os costumes das differentes classes sociaes. Apontava-me, que por toda a parte ha fortes e fracos, oppressores e opprimidos; que em toda a parte é força ou odiar os nossos similhantes, ou amal-os com generosa indulgencia e nobre compaixão. Os casos que me citava para convencer-me de que a desgraça abrange todo o universo, e para me amostrar os bons offeitos que nos podem redundar da adversidade, nada tinham de singular; eram tudo factos obvios colhidos ao acaso; e todavia referia-os com palavras tam energicas e ajustadas, que vivamente me revelavam as deducções que devia tirar.

Oh! sim! cada vez que acabava de escutar-lhe aquelles nobres conselhos, como que se me affervorava o amor da virtude; e tanto se me apagava do coração o odio para com os meus similhantes, que pelo mais infimo delles eu dera a propria vida, e até bemdizia o Creador por me haver feito homem.

Ai do infeliz, que não conhece a sublimidade da confissão! Infeliz o que só com o intento em se estremar do vulgo cuida dever olhal-a com desprêso! Bem se póde saber o que é mister para seguirmos a virtude; e comtudo, nem por isso é inutil, antes muito importa ouvil-o repetir vezes a miudo; porque não basta, não, atermo-nos só ás nossas proprias reflexões e boas leituras; que mais nos entra no coração e mais ao vivo

nos falla o discurso de um homem, do que quanto hajamos de ler e reflectir em taes pontos! A alma sente-se mais demovida; as impressões que recebe penetram mais dentro nella. Emfim, tudo quanto aquelle irmão nos diz tem uma tal energia e opportunidade, que em balde buscaramos outro tanto em nossos livros e em nossos proprios pensamentos.

LXXVI.

No princípio do anno de 1824, o superintendente transferio para outro local a sua secretaria, até ahi collocada em uma das entradas do nosso corredor, e a casa e quartos accessorios em que estava aquella repartição foram todos convertidos em carceres: logo, com bem mágoa nossa, conjecturámos, que forçosamente haviam de chegar de Italia novos presos de estado.

E de feito não mediou muito tempo que não chegassem os sentenceados de um terceiro processo, todos amigos ou conhecidos nossos. Ai! qual não foi minha tristeza quando me soaram seus nomes! Borsieri era um dos meus mais antigos amigos! A minha affeição por Confalonieri, com quanto fôsse de menos tempo, era todavia do intimo do coração. Se me fôra permittido passar a *carcere durissimo,* ou supportar qualquer outro tormento, por horroroso que se imagine, só por

que lhe levassem em desconto as penas em que estavam sentenceados, ou conseguisse com isto alcançar-lhes a liberdade! oh!... Deus bem sabe que de bom grado o eu soffrêra! Não digo só — dar a vida por elles; vida! pois que val a vida? soffrer é o que mais custa.

De efficaz confôrto me seriam então as consolações do padre Baptista; mas não lhe era concedido o visitar-nos. Ordens recentes augmentavam o rigor e severidade na conservação da disciplina. O terrapleno que nos servia de passeio foi rodeado de uma estacada, por maneira que nem de longe e com ajuda de telescopios pudessemos ser vistos; perdemos tambem o magnifico espectaculo das collinas circumvizinhas e da cidade que d'alli se descortinava. Mas ainda isto não bastava: como para se passar para aquelle terrapleno era mister atravessar o pateo, e nesta passagem podiamos ser vistos por muita gente, foi-nos vedado aquelle logar de passeio; e para que ficassemos occultos aos olhos de todos, deo-se-nos outro muito mais pequeno, pegado com o nosso corredor, e com a mesma exposição ao poente que tinham os nossos carceres.

Não posso encarecer quanto nos affligio esta mudança. Ainda eu não fiz menção de todas as consolações que topavamos no logar cuja entrada acabava de prohibir-se-nos: o encontro com os filhos do superintendente; as meigas caricias e abraços carinhosos destes meninos, naquelle mesmo sitio em que víramos enferma a triste mãi daquelles innocentes, em os ultimos

dias que precederam a sua morte; as nossas pequenas conversas com o serralheiro, que alli tinha a sua officina; as lindas cantigas de um cabo e os ajustados sons que elle tirava da guitarra; e emfim, um innocente amor, amor não meu nem de meu companheiro, mas de uma boa hungara, fructeira, mulher de um cabo, que andava namorada de Maroncelli. Ainda antes de vivermos juntos, já elle e ella, vendo-se quasi todos os dias, tinham contrahido alguma amizade. De alma tam casta, tam nobre e tam singela no olhar e ler o interior dos outros, mal podia Maroncelli conhecer que houvesse inspirado amor áquella compassiva creatura. Fui eu que o adverti disto. E ainda que hesitou a principio em dar credito á minha suspeita, comtudo receoso de que assim fôsse, resolveo dahi em diante mostrar-se mais frio para com ella. Este recato da parte delle pareceo pelo contrario servir de estimulo ao amor da hungara, em vez de o extinguir.

Como a casa em que ella morava tinha para a banda do pateo uma janella, que apenas distava do chão talvez um covado, saltava dalli abaixo com pretexto de estender roupa ao sol, ou de entreter-se em qualquer outra cousa, e por alli se deixava ficar procurando occasião de encetar conversa.

Os nossos pobres guardas, que tam quebrados andavam sempre do pouco ou nada que dormiam, buscavam de vontade occasião de nos levarem para aquelle canto, onde, sem que fôssem observados pelos superiores, po-

diam sentar-se sobre a relva. Maroncelli via-se então em grande apêrto, que tam grande era já o amor daquella desgraçada. Pelo que respeita á minha posição ainda era mais melindrosa do que a delle... Todavia similhantes scenas, que assás poderiam ser divertidas, se esta rapariga nos tivesse inspirado menos respeito, eram para nós mui sérias e verdadeiramente patheticas. A coitadinha tinha uma dessas fisionomias attractivas que inculcam evidentemente o habito da virtude e que captivam os corações: não era uma belleza, mas era dotada de tal expressão de agrado, que as feições de seu rosto, posto que algum tanto irregulares pareciam aformosear-se a qualquer sorriso, a qualquer movimento de seus musculos.

Se fôsse meu proposito escrever de amor, restar-me-hiam ainda muitas mais cousas que dizer, respeito áquella desgraçada e virtuosa mulher, agora já fallecida. Mas baste-me o ter mencionado aqui um dos raros acontecimentos de nosso captiveiro.

LXXVII.

Rigores sobre rigores, cada vez mais solitaria nos foram tornando a vida. Todo o anno de 1824, todo o de 25, 26 e 27, ai! como os passámos nós? Prohibio-se-nos o uso dos livros, que o governador nos havia

interinamente permittido: o carcere tornou-se para nós uma verdadeira sepultura, onde nem sequer nos deixavam a tranquilidade dos finados. Todos os mezes em dia indeterminado, o director de policia, acompanhado do seu substituto e dos guardas, vinha fazer uma rigorosa pesquisa. Exigiam que nos despissemos de todo, e esquadrinhavam todas as costuras dos nossos vestidos, com o receio de que tivessemos occultado papel ou outra qualquer cousa; até nos descoziam os enxergões para os apalpar por dentro; e ainda que eu tinha certeza de que não poderiam encontrar-nos cousa alguma escondida, todavia esta visita hostil e imprevista, repetida sem fim, tinha um não sei que, que me exasperava, e que todas as vezes me fazia febre.

Passados sempre em desdita, tam tristes me haviam parecido os annos anteriores, e agora com tanta saudade me recordava delles, como se se deslizassem em caras delicias! Que é dessas horas, em que me eu entranhava no estudo da Biblia e de Homero? Á força de ler Homero no original, consegui aperfeiçoar-me no grego, de que até ahi pouco sabía: quanto lamentei não poder continuar com o estudo desta lingua, de que era verdadeiramente apaixonado! Dante, Petrarca, Shakespeare, Byron, Walter-Scott, Schiller, Goethe, &c., quantos amigos me não foram roubados! Além destes livros tambem eram da minha particular estimação muitas obras de moral evangelica, como Bourdaloue, Pascal, Imitação de Christo, a Philothea, &c., livros estes, que

lidos com critica severa e parcial, em que se ridiculise qualquer falta de gosto, qualquer pensamento pouco solido, poem-se de parte e não se lhes torna a pegar, mas que lidos sem malicia e com tolerancia de algumas imperfeições, revelam uma filosofia sublime, substancial, e capaz de alimentar e fortalecer o espirito e o coração.

Posteriormente alguns daquelles livros misticos nos foram mandados de presente pelo imperador; mas com exclusão absoluta de outras quaesquer obras de differente assumpto, e que servissem para estudos puramente litterarios.

Este presente de obras asceticas foi-nos obtido em 1825 pelo padre Estevão Paulowich, natural da Dalmacia, que de Vienna nos fôra mandado por confessor, e que dous annos depois foi eleito bispo de Cattaro. A elle devemos tambem o beneficio de termos missa, o que desde principio constantemente se nos tinha recusado, dando-se por motivo o não ser possivel levarem-nos á capella, e terem-nos separados dous a dous, como era prescripto.

E como tal separação fôsse impraticavel, nós eramos conduzidos á missa distribuidos em tres turmas; uma subia para a tribuna do orgão; outra ficava debaixo deste, de modo que não fôsse vista; e a terceira ía para um oratorio que olhava para a igreja por meio de uma rexa.

Maroncelli e eu tinhamos então por companheiros,

mas com expressa prohibição de que um par fallasse com qualquer dos outros, seis condemnados cuja sentença era anterior á nossa. Dous delles tinham estado meus visinhos nos *Chumbos* de Veneza. Eramos escoltados por guardas, conduzidos ao posto que nos era determinado, e trazidos depois de missa, cada par para a sua prisão. O padre que nol-a dizia era um capucho. Este excellente homem acabava sempre aquelle respeitavel sacrificio por um *Oremus,* para que a Deus prouvesse livrar-nos de nossos ferros; e então a voz se lhe enternecia. Ao saír do altar lançava sempre uns olhos de lastima para cada um daquelles tres magotes, e logo, tristes, os pregava no chão e cabisbaixo se recolhia rezando.

LXXVIII.

Acurvado com o pêso de annos, e exausto de forças por continuos achaques, Schiller em 1825 foi incumbido da custodia de outros presos, para os quaes se não exigia tam austera vigilancia. Oh! qual mágoa não foi a minha em vel-o separado de mim! E ao pobre velho, coitadinho! quanto lhe não custou deixar-nos?

Kral foi quem primeiro o substituio, e não lhe era inferior em bondade; mas não tardou muito que se lhe não désse differente destino; e o outro que veio para seu logar, posto que não fôsse máo, todavia era duro e estranho a qualquer demonstração de affecto.

Estas mudanças me affligiam profundamente. Schiller, Kral e Kubitzky, mas particularmente os dous primeiros, tinham-nos assistido em nossas molestias com desvelo e carinho de um pai ou de um irmão. Incapazes de faltar ao seu dever, qualquer delles o sabia cumprir sem dureza de coração. Se havia tal ou qual severidade em seus modos, era quasi involuntaria, e de sobejo compensada pela bondade de que nos davam provas. Se algumas vezes acontecia agastar-me com elles; com quanta cordialidade me não perdoavam logo! quanto de coração folgavam persuadir-nos de que não eram destituidos de affeição para comnosco! e quanto se não regozijavam ao darmo-nos por convencidos disto, e ao saberem que os tinhamos em boa conta!

Desde que se separou de nós, Schiller por várias vezes adoecia e melhorava. Tal era a affeição que lhe tinhamos, que sempre procuravamos saber novas suas com sollicitude filial. Logo que se restabelecia, vinha ás vezes passear-nos por debaixo das janellas, e nós tossiamos para o saudarmos; elle então erguia os olhos para nós, e dizia para a sentinella por modo que tambem o ouvissemos: —*Da sind meine soehne!* (Eis acolá estão os meus filhos!)

Pobre velhinho! que apêrto me não angustiava o coração ao ver-te arrastar lentamente o corpo já enfraquecido e avergado pelos annos, e sem poder dar-te o meu braço para te encostares!

Algumas vezes trazia comsigo um livro, e sentando-se

sobre a relva principiava a ler: de ordinario eram livros que já me tinha emprestado, contos de almanach, ou novellas de mediocre valor litterario, mas cheios de moralidade; e para que os eu conhecesse, dizia o titulo á sentinella, ou repetia em voz alta algumas passagens.

Depois de varios insultos apopleticos pedio que o levassem para o hospital militar. Ia já em estado que poucas esperanças dava, e dahi a pouco entregou a alma a Deus: possuia, fructo de suas longas economias, alguns centenares de florins que andavam emprestados pelas mãos de seus camaradas. Quando vio que perto se aproximava o termo de seus dias, mandou chamar os seus amigos, e disse-lhes:—Pois que já me não resta um só de meus parentes, é minha derradeira vontade que fiqueis com o que vos emprestei; só, por vida vossa, vos peço uma recompensa: é que rogueis a Deus por mim.

E um daquelles seus amigos tinha uma filha de dezoito annos, que era afilhada de Schiller. Poucas horas antes da morte o bom velho a chamou junto de si (já mal se lhe podiam perceber as palavras que pronunciava), pegou de um anel de prata, sua ultima riqueza, e lh'o poz no dedo. Por fim deo-lhe um beijo, e ao beijal-a, em seus olhos envidraçados ainda assomou uma lagrima: era a lagrima da morte! A pobre menina soluçava, e o pranto lhe caía sobre o rosto do virtuoso moribundo, que ainda lh'o enxugou com o lenço, e

ainda lhe pegou das mãos e as levou sobre seus olhos...
E seus olhos ficaram cerrados para sempre.

LXXIX.

Cada vez se nos iam tornando mais escassas as consolações humanas, ao passo que os nossos tormentos cresciam de dia em dia. Nem eu tinha confòrto mais do que o da resignação aos decretos do Altissimo. Mas ai de mim! que só gemendo me resignava a elles, e a minha alma em vez de callejar-se com tam aturados soffrimentos, parecia doer-se cada vez mais.

Uma vez trouxeram-me ás escondidas uma folha da gazeta de Ausburgo na qual se transcrevia um artigo que me interessava sobre a profissão de uma de minhas irmãas.

«A senhora Maria Angela Pellico, filha de &c., &c.,... professou hoje, &c.,... no mosteiro da Visitação em Turim. É irmãa do auctor da *Francisca de Rimini,* Silvio Pellico, o qual saío recentemente da fortaleza de Spielberg agraciado por S. M. o imperador; rasgo de clemencia bem digno de tam magnanimo soberano, e que alegrou toda a Italia, &c....»

Seguia-se um elogio a meu respeito.

Por mais que discorresse, não podia atinar com o motivo porque fôsse imaginada similhante fabula do meu

perdão. Puro invento do jornalista, não me parecia provavel. Astucia de politica allemãa? Quem sabe? Mas o nome de Maria Angela, era sem duvida o de minha irmãa mais nova, e este, por certo que havia de ter sido copiado da gazeta de Turim para outros jornaes. E com effeito, dar-se-ha caso que aquella querida menina tenha professado? Ah! quem sabe se sería a perda de seus pais que assim a sujeitaria a abraçar este estado! Pobre menina! não quiz que por mim só se escoassem as angústias de uma prisão; tambem lhe aprouve o soffrel-as! Praza a Deus dar-lhe mais paciencia e abnegação, do que toda quanta me ha concedido! Quantas vezes na sua cella aquelle anjo não pensará em mim! E que rigorosa austeridade de penitencias lhe não terá macerado as carnes, só para alcançar de Deus o allivio deste seu desditoso irmão!...

Com estes pensamentos a alma se me enternecia, e como que se me lacerava o coração. Ai! que mui certo as minhas desventuras foram de sobra para abbreviar os já cançados dias de meu pai ou de minha mãi; talvez os de um e outro! E mais eu andava em voltas com pensamentos taes, menos possivel me parecia, que a não ser perda tamanha, a minha pobre Mariquinhas houvesse abandonado o ninho paterno. Esta idéa, a perseguir-me de continuo, pintava-se-me tanto ao vivo, que o coração me estalava de dor e a alma se me cobria de luto.

Maroncelli, que não ficára menos abalado do que eu,

passados dias, deo-se a compor tristes endeixas—por a irmãa do encarcerado—, tecendo um lindissimo poemêto que todo resumbrava melancolia e dor. Oh! Deus te pague, amigo, tam suave fineza com que me deixaste pinhorado! Quanta gratidão me não entranhaste n'alma ao recitares-me aquella triste poezia!... Entre tantos milhares de versos que até hoje se hão composto allusivos a religiosas, talvez que fôssem estes os unicos inspirados pela melancolica musa de um prêso, e dedicados ao irmão de uma religiosa, seu consocio no captiveiro. Que notavel coincidencia de idéas patheticas e religiosas!

Abençoada sejas ó amizade, que tam suave me tornavas o pêso de tanta tribulação! Ah! desde aquelle instante não se deslisava um só dia, sem que o meu pensamento erradio não fôsse adejar por muito tempo em redor de um convento de virgens! não se acabava um só dia, em que uma destas sanctas donzellas me não careasse os olhos da alma e me não inspirasse a mais terna e viva compaixão! emfim, não se passou um só dia, em que eu não fizesse as mais fervorosas supplicas ao céo por que lhe aformoseasse as tristezas da solidão, e por que lhe afugentasse da fantasia toda a negrura e horror do meu carcere.

LXXX.

Não cuide o leitor que, por me haver chegado escondida ás mãos aquella gazeta, me era possivel obter novas do mundo. Não, apezar da bondade dos que me cercavam, de tal sorte os agrilhoava o medo, que se por algumas vezes se chegava a praticar alguma leve infracção, era só quando não havia o menor receio de perigo. E mui difficil cousa era o deparar occasião que não parecesse arriscada no meio de tantas e tam repetidas pesquizas, tanto ordinarias como extraordinarias.

Afora aquella noticia relativa a minha irmãa, nem uma só vez pude receber em segredo novas da minha querida familia.

O receio que me atormentava de que meus pais já não existissem, longe de dissipar-se, passados tempos redobrou ainda mais pelo modo laconico com que o director de policia veio em uma occasião participar-me que a minha familia lograva saude.

—S. M. o imperador me ordena, disse elle, que vos dê boas noticias da familia que tendes em Turim.

Fiquei sobresaltado de prazer com esta imprevista participação, que pela primeira vez recebia; e logo procurei novas particularidades.

—Em Turim, lhe disse eu, ficaram-me pai, mãi, irmãos e irmãas: será possivel que ainda vivam todos?

Oh! por vida vossa! se tendes carta de algum delles, peço-vos que m'a mostreis.

—Nada trago que vos possa mostrar. Deveis contentar-vos com o que vos digo. Estas palavras consoladoras são verdadeira prova de benignidade da parte do imperador: similhante contemplação não consta que a tenha tido para com outrem.

—Concordo que seja distincta prova de bondade da parte do imperador, lhe respondi eu, mas bem conheceis que, de palavras tam vagas, é impossivel obter a minima consolação. Quaes pessoas são essas de minha familia as que disfructam saude? Ainda a morte me não roubou nenhuma dellas?

—Magôa-me, senhor, não poder dizer-vos mais do que o que me foi determinado. E dito isto, retirou-se.

A intenção com que se me dera aquella noticia fôra sem duvida a de prestar-me algum allivio, mas não havia força que me despersuadisse de que o imperador, com quanto cedesse ás instancias de algum dos meus parentes, consentindo em que se me désse este aviso, não queria comtudo que me amostrassem carta, para me poupar o desgosto de saber qual delles me teria morrido.

Passados muitos mezes, recebi uma noticia do mesmo theor, e sem mais carta nem explicação.

E como entendessem que similhantes novas, longe de me darem confôrto, ainda mais contristado me deixavam, nada mais me disseram ácerca da minha familia.

O não se me poder tirar do sentido, que meu pai e

minha mãi eram já fallecidos, que meus irmãos tambem talvez o fôssem, e a minha querida irmãa Josefina; que a minha pobre Mariquinhas, unico resto da familia, com cedo se havia de consumir nas angustias da solidão e no austero trato da penitencia; tudo isto cada vez mais me desapegava da vida.

Acommettido algumas vezes com violencia por meus continuos achaques ou por outras doenças que de novo me assaltavam, taes como terriveis colicas com symptomas mui dolorosos, similhantes aos da *colera-morbus*, esperançava-me... Sim, a expressão é exacta, esperançava-me na morte.

E todavia, oh! contradicções perpetuas do homem!... mal eu volvia os olhos para o meu desfalecido companheiro, o coração se me partia com a lembrança de o deixar sózinho, e de novo me affeiçoava á vida!

LXXXI.

Por tres vezes chegaram de Vienna personagens de alta consideração para visitar nossos carceres e averiguar se nelles se commetteria abuso na observancia da disciplina. O primeiro foi o barão Von-Münch, que reparando na escacez de luz que nelles havia, tanto se apiedou de nós, que prometteo solicitar permissão de prolongar-nos mais o dia, fazendo pôr por algumas horas uma lanterna da parte de fóra do postigo. A sua

visita foi no anno de 1825, e só passado um anno é que foi realisada tam benevola intenção. Protegidos por esta luz sepulchral, pudemos de então por diante enxergar melhor as paredes e passear sem risco de andarmos ás cabeçadas.

A segunda visita foi a do barão Von-Vogel, que achando-me em deploravel estado de saude, e ouvindo que o medico, não obstante julgar-me proveitoso o uso do café, não se atrevêra comtudo a prescrever-mo por se reputar objecto de luxo, soltou uma palavra de consentimento a meu favor, e foi bastante para se me permittir esta bebida.

A terceira visita foi a de outro senhor da côrte cujo nome me não lembra, homem de cincoenta a sessenta annos, que pela affabilidade de suas palavras e bôa maneira de seu porte nos deu provas da mais nobre compaixão. E ainda que lhe não fôsse possivel fazer cousa alguma em nosso favor, a suave e meiga expressão de sua bondade foi sobejo beneficio para nos encher de gratidão.

Oh! com que ardor o encarcerado não anceia ver creaturas de sua especie! A Religião christãa, tam rica de humanidade, não deslembrou contar entre as obras de misericordia a visita dos encarcerados. A presença de homens que se doem de vossas desgraças, ainda quando lhes falleçam meios de adoçar-vo-las sem duvida que vos ha de suavisar.

Ha certas almas para as quaes a solidão absoluta

póde tornar-se de proveito, servindo-lhes de correcção; mas eu creio que, em geral, a solidão se torna mais proficua não sendo elevada ao extremo, e entrando alli algum trato com a sociedade. Ao menos a mim succede-me isto:—que quando não vejo meus similhantes concentro a affeição a um pequeno numero delles e deixo de amar os outros; e se posso ver, não digo muitos, mas um numero rasoavel, então amo com ternura todo o genero humano.

Mil vezes me acontecia sentir-me com o coração tam possuido de amor só por esta ou aquella creatura, e tam repassado de odio por outras muitas, que não podia deixar de aterrar-me.

Então ía direito á janella, almejando por descobrir algum semblante novo; e por feliz me dava se a sentinella não passeava muito encostada á parede; se se desviava de modo que a pudesse ver; se olhava para cima quando me sentia tossir; ou se tinha boa presença. E quando ao attentar-lhe nas feições, me parecia observar-lhe alguns visos de lastima, logo o coração docemente me pulsavá, como se aquelle soldado desconhecido fôsse um intimo amigo meu. Se acontecia afastar-se para mais longe, ficava a espreital-o com amoravel inquietação; e se quando tornava, o via pôr os olhos em mim, sentia interior alegria, como por uma grande caridade. Se passeava de modo que me não fôsse possivel vel-o, desconsolava-me disto tanto, como um homem que ama a quem com elle se não importa.

LXXXII.

O CARCERE contiguo ao nosso, em outro tempo habitado por Oroboni, estava ultimamente occupado por D. Marcos Fortini e pelo senhor Antonio Villa. Este infeliz, outr'ora tam robusto como um Hercules, padeceo durante o primeiro anno tam excessivas fomes, que ao augmentar-se-lhe o alimento, o estomago já não tinha fôrças para digeril-o. O desditoso, esmorecido e mirrhado, e reduzido quasi ao ultimo extremo da dor e da miseria, requereo que lhe dessem um carcere mais arejado. O ar inficionado da apertada sepultura em que jazia por fôrça que lhe havia de ser nocivo e a todos nós. Mas para mal já tam entranhado tardio lhe veio o remedio! já não era tempo, que apenas vivendo mais por alguns mezes em seu novo carcere, alli veio a morrer depois de haver lançado muitas golfadas de sangue.

Assistiram-lhe nos ultimos momentos D. Fortini seu companheiro de carcere, e o padre Paulowich que a toda a pressa partíra de Vienna, logo que alli constou que Villa se achava moribundo.

Ainda que a minha amizade para com este companheiro nos ferros não tinha tam estreitos laços como com Oroboni, comtudo muito me affligio tambem a sua morte. Muito bem sabia eu com quanta ternura o amavam seus pais e sua esposa! Sem duvida que a sorte

delle era mais de inveja do que de lastima, mas que havia de ser dessa tam querida e amargurada familia!?...

Tambem tinha sido meu vizinho no tempo em que estiveramos nos *Chumbos*, e ambos nos haviamos correspondido, remettendo um ao outro os nossos versos, de que era portador Tremerello. Em alguns dos versos que elle me enviava como que resumbrava expressiva lingoagem de profundo sentimento.

E quando eu, depois da sua morte, soube pelos guardas o muitissimo que elle soffrêra, então vim a conhecer que ainda lhe era mais affeiçoado do que suppunha durante a vida. O infeliz, apezar de toda a sua Religião, não podia acabar comsigo com resignar-se á morte, e provou no mais subido gráo o amargós daquelle terrivel transe, não cessando de bemdizer ao Altissimo e exclamando todo lavado em lagrimas:—Meu Deus, vêde que não posso conformar minha vontade á vossa, e mais eu bem o quizera no amago de minha alma! Apiedai-vos de mim, Senhor, vos peço, obrai em mim este milagre!

Faltava-lhe aquella fortaleza de animo de Oroboni, mas não deixou de imital-o perdoando tambem aos seus inimigos.

Ao cabo deste anno (1826), uma noite, presentimos pelo corredor um susurro de muitas pessoas que caminhavam pé ante pé. Os nossos ouvidos de affeitos que estavam ao silencio, tinham-se apurado muito em distinguir com facilidade mil differentes sons. E ao sen-

tirmos abrir uma porta logo conhecemos que era a do carcere do advogado Solera. Abrio-se mais outra era a de Fortini. Por entre muitas vozes que senti cochichar, não me escapou a do director de policia. Que será? uma busca? a estas horas? porque motivo?

Torno a sentil-os no corredor: ponho o ouvido á escuta: de repente ouço a querida voz do bom Fortini: —Ai senhores!... forte cabeça é a minha! desculpem... esquecia-me um tomo do meu breviario.

E de corrida voltou buscar aquelle livro e se tornou depois a juntar com os outros. Abrio-se a porta da escada, e sentimos-lhe os passos até ao fundo; certificámo-nos então que aquelles dous nossos venturosos amigos haviam obtido a fortuna de serem perdoados; e apezar da pena com que ficámos por não podermos seguil-os, comtudo dentro d'alma nos regosijámos pela sua felicidade.

LXXXIII.

O LIVRAMENTO destes dous companheiros não teria para comnosco consequencia alguma importante? Como era possivel saírem elles livres, sendo sentenceados, um a vinte, outro a quinze annos de prisão, sem que nem eu nem Maroncelli, nem outros muitos houvessemos de ser tambem comprehendidos naquella graça, posto que tivessemos igual sentença?

Existiriam por acaso preconceitos mais hostis contra os que ainda ficavam em ferros, ou mettendo pouco tempo de permeio, querer-nos-hiam só por este modo agraciar a todos, soltando dous a dous, de mez em mez, ou de tres em tres mezes?

Nesta incerteza permanecemos algum tempo. Entrou o anno de 1827; foi-se passando o primeiro, o segundo e terceiro mez, sem que mais ninguem obtivesse a liberdade. Chegámos ao cabo do anno, e ainda nos lembrou que talvez se tivesse fixado o mez de dezembro para anniversario de graças; mas lá se passa o ultimo dia de dezembro, e tudo fica como dantes.

Foram-se-nos prolongando as esperanças até ao verão de 1828, tempo em que se completavam para mim sete annos e meio de prisão, que deviam equivaler, segundo as palavras do imperador, aos quinze em que eu fôra sentenceado, querendo-se contar o tempo desde o dia em que fui prêso; que a não levar-se em conta o que se passou durante o meu processo, e a ter-se de principiar-se só desde a publicação da minha sentença (o que era muito mais provavel), os sete annos e meio acabavam em 1829.

Todos os termos calculaveis se passaram sem que ninguem fôsse agraciado. Entretanto o meu pobre Maroncelli padecia de um tumor no joelho esquerdo, que já lhe tinha apparecido antes da soltura de Solera e de Fortini. A principio não teve mais de que uma leve dor que o fazia manquejar, mas pelo tempo adiante já lhe

custava muito arrastar os grilhões, e só mui raras vezes podia saír a passeio. Em uma das manhãas do outono, desejoso de poder respirar um pouco de ar mais são, quiz saír comigo; já então apparecia neve: no comenos em que eu por desgraça o não sustinha, tropeçou e caío. Com a força da pancada a dor do joelho se lhe tornou muito mais pungente. Trouxemol-o logo á cama, que o infeliz ficára em estado de se não poder ter de pé. Assim que o medico o vio, resolveo emfim mandar-lhe tirar os ferros. O tumor peiorou de dia em dia, cresceo enormemente, e sempre cada vez mais dorido. Taes eram os tormentos daquelle pobre enfermo, que nem sobre a cama, nem em parte alguma podia alcançar repouso.

Quando precisava mover-se, levantar-se ou deitar-se, era mister segurar-lhe a perna doente com o maior geito possivel, e ir-lh'a movendo muito devagarinho, conforme convinha á posição que se lhe queria dar. Ás vezes a mais pequena mudança de posição lhe desafiava convulsões por espaço de um quarto de hora.

Sanguesugas, cauterios, pedra infernal, fomentações, ora seccas ora humidas, tudo em balde tentou o medico, sem nenhum fructo mais do que exacerbação de dores.

Estabelecida a suppuração depois de applicada a pedra infernal, o tumor tornou-se todo em uma viva chaga, mas sem diminuir, e sem que a saída das materias promovesse o mais leve allivio á dor.

Maroncelli era mil vezes mais desgraçado do que eu; mas ai!... quanto meus não eram tambem os seus soffrimentos! Suave me era o cuidar delle como enfermeiro, nem esta lida me pesava, tratando de tam querido amigo. Mas vêl-o assim padecer no meio de tantos e tam aturados tormentos, e tam agros de supportar... e sem lhe poder dar allivio! Lembrar-me que aquelle joelho jámais viria a sarar!... Conhecer que o desgraçado enfermo tinha por mais certa a morte do que o ver-se livre de mal tamanho! E ter de admirar-lhe de continuo o seu animo e serenidade!... ai! que isto me retalhava o coração por modo que o não sei expressar com palavras.

LXXXIV.

Em tam lastimoso estado ainda elle compunha versos, cantava e discorria, e fazia as mais astuciosas diligencias para me dissimular os seus soffrimentos e encobrir-me parte delles. Mas nem o comer se lhe lograva no estomago, nem podia dormir; emmagrecia a olhos vistos, e caía repetidas vezes em vagados; mas apenas tornava em si, logo fazia por me animar.

O que elle passou no espaço de nove dilatados mezes, não ha termos que o possam descrever. Foi-lhe emfim concedida uma consulta. Veio o primeiro medico, e tendo approvado todas as applicações empregadas pelo

seu collega, retirou-se sem proferir opinião no tocante á gravidade da molestia e sobre o tratamento que convinha fazer-se.

Poucos instantes depois entrou o superintendente, que dirigindo-se a Maroncelli, lhe disse:—O primeiro medico não quiz aventurar-se a manifestar o seu juizo aqui em vossa presença, receioso de que não tivesseis forças para ouvir annunciar-vos uma dura necessidade. Já lhe disse que não sois falto de animo.

—Cuido que terei dado sobejas provas, soffrendo estes tormentos sem me queixar. Propor-me-hão por acaso?...

—Sim, senhor, a amputação. O unico motivo por que o primeiro medico hesitou aconselhar-vol-a, foi em attenção ao vosso estado de excessiva magreza. Na summa fraqueza em que estais, havereis força bastante para a supportar? Não receiais arriscar-vos ao perigo?...

—De morrer?... E deixarei eu de morrer breve, se não puzer termo a tanto soffrer?

—Pois então, passo immediatamente a dar parte disto para Vienna; e logo que chegar licença para que se vos faça a operação...

—Que?... pois é precisa licença?

—Sim, senhor.

Dahi a oito dias chegou o desejado consentimento. O doente foi conduzido para um quarto mais espaçoso, e requereo a minha assistencia.

—Se me acontecer expirar durante a operação, disse

elle, quero ao menos ter a consolação de acabar nos braços do meu querido amigo.

A minha companhia lhe foi concedida.

O padre Wrba, nosso confessor, foi quem lhe ministrou os Sacramentos. Acabado aquelle acto respeitavel de Religião, puzemo-nos á espera dos cirurgiões; e em quanto estes não chegavam, Maroncelli entrou ainda a cantar um hymno.

Appareceram finalmente: eram dous; o mais velho era o cirurgião ordinario da casa, isto é, o nosso barbeiro. Quando occorria necessidade de praticar-se alguma operação cirurgica, tinha este o direito de a fazer, e a nenhum outro queria ceder similhante honra. O outro era um cirurgião ainda moço, discipulo da escola de Vienna, gozando já grandes creditos de habilidade, e mandado pelo governador para assistir á operação e dirigil-a. De bom grado quizera elle ser o operador, mas teve de contentar-se com vigiar-lhe a execução.

Sentado o enfermo sobre a borda da cama com as pernas pendentes, e encostado a mim, que o segurava entre os braços, deo-se principio á operação. Por cima do joelho, onde a coxa começava no são, atou-se-lhe uma ligadura para marcar o giro que o instrumento tinha de seguir. O cirurgião da casa cortou tudo em redor até á profundidade de um dedo; depois arregaçou para cima a pelle assim cortada, e continuou o córte sobre os musculos descobertos; o sangue fluía em

torrentes das arterias, que foram logo laqueadas com retrós. Por fim serrou-se o osso.

Maroncelli não soltou nem um gemido. Quando vio que lhe levavam a perna cortada, lançou-lhe uns olhos de lastima, depois voltando-se para o cirurgião operador, disse:

—Vós me livrastes de um inimigo, e eu... não tenho meio nenhum de vos remunerar tamanho serviço!...

Estava sobre a janella uma rosa em um copo.

—Ó Silvio, me disse elle, vai-me buscar aquella rosa.

Fui-lh'a buscar; e elle, voltando-se para o cirurgião mais idoso, rompeo nestas palavras:—Tomai, amigo: não tenho outro mimo que offerecer-vos possa, como prova da minha sincera gratidão.

O cirurgião acceitou-a, e não pôde suster as lagrimas.

LXXXV.

Os cirurgiões persuadiam-se que a enfermaria de Spielberg se acharia provida de tudo o que fôsse indispensavel em casos taes, á excepção de ferros que elles trouxeram. Porém feita a operação, viram que lhes faltavam diversas cousas de absoluta necessidade, taes como adhesivo, gêlo, ataduras, &c.

O miseravel mutilado teve que esperar duas longas horas até que tudo isto viesse da cidade. Finalmente, pôde deitar-se, e o gêlo lhe foi applicado sobre o coto.

No dia seguinte limparam o coto de todos os grumos de sangue que sobre elle se haviam formado, lavaram-no, distenderam a pelle, dispondo-a por modo que o viesse a cobrir, e ligaram-no com ataduras.

Por muitos dias não foi consentido ao enfermo mais do que meia chicara de caldo com uma gema de ovo diluida. Passado o risco da invasão da febre traumatica, começou de restaurar-se gradualmente com uma dieta mais substancial. O imperador tinha dado ordem para que, em quanto o doente se não restabelecesse, pela cosinha do superintendente se lhe ministrassem bons alimentos.

A cura completou-se em quarenta dias, findos os quaes tivemos ordem de recolher ao nosso carcere. Haviam-no alargado, rompendo a parede que communicava com o carcere contiguo, em outro tempo habitado por Oroboni, e ultimamente por Villa.

Transferi o meu leito para o mesmo sitio, onde Oro boni tivera o seu, quando expirou. Esta identidade de logar me era grata ao coração; parecia-me estar junto delle; via-o muitas vezes em sonhos, e figurava-se-me que o seu espirito adejava em volta de mim e que serenava a minha alma com celestes consolações.

O espectaculo horroroso de tantos tormentos soffridos por Maroncelli, quer antes, quer no acto da operação, quer depois desta, contribuio efficazmente para me fortalecer o animo. Deus que me havia favorecido com bastante saude em quanto durou a enfermidade do

meu amigo, para quem os meus cuidados tam necessarios eram, privou-me daquelle bem logo que Maroncelli se pôde ir arrastando em moletas. Appareceram-me muitos tumores glandulosos, acompanhados de excessivas dores. Assim que melhorei desta molestia, sobrevieram-me, não só incommodos do peito muito mais violentos e suffocativos do que os que n'outro tempo padecêra, mas além disso, vertigens e dysenterias espasmodicas.

—Chegada é a minha vez, dizia eu comigo; serei eu tam paciente como o meu querido Maroncelli?

E desde então dediquei-me a imitar-lhe a virtude tanto quanto me cabia no possivel.

É indubitavel que em todas as condições humanas ha deveres que cumprir. Os de um enfermo são a paciencia, fortaleza de animo, e attenção em pôr todos os esforços para não tornar-se enfadonho aos que o assistem em sua enfermidade.

Maroncelli, em suas pobres moletas, faltando-lhe a antiga agilidade, affligia-se por me não poder servir com efficacia e promptidão; alem de que desconfiava tambem, que me eu não aproveitasse de seus serviços, tanto quanto delles precisasse, só para lhe poupar trabalho e movimentos que o podiam fatigar.

E de feito assim acontecia ás vezes; mas eu fazia toda a diligencia porque elle não desconfiasse de tal.

Ainda que com o andar do tempo se lhe houvessem já recobrado as forças, nem por isso passava livre de

incommodos. Alem de soffrer como todos os amputados dolorosas sensações nos nervos, como se a parte mutilada estivesse ainda com vida, ou adherente ao corpo, doía-lhe o pé, a perna e o joelho que já não tinha. E ainda a isto accrescia mais, que o osso tendo sido mal serrado, penetrava por entre a carne nova, e muitas vezes abria chaga; só depois de passado quasi um anno é que o coto chegou a adquirir consistencia e solidez bastante para se lhe não romper a cicatriz.

LXXXVI.

Mas ainda novos tormentos, e quasi uns após outros estavam reservados para perseguir aquelle infeliz. A um rheumatismo articular, que principiando-lhe pelas junctas das mãos, e communicando-se-lhe dalli a todo o corpo, o cortio de dores por muitos mezes, seguio-se-lhe o escorbuto, que em breve o cobrio todo de nodoas lividas por fórma que mettia horror.

E eu procurava confortar-me, dizendo comigo: — Pois que forçoso é morrer nestes calabouços, para bem nos seja, que o escorbuto venha acommetter um de nós ambos; é um mal contagioso, que nos levará á sepultura, se não juntos, ao menos que pouco diste entre um e outro.

Assim nos íamos ambos com tranquillidade de animo

apercebendo para a morte; que o decurso de nove longos annos, aguentados em prisão e em crueis padecimentos, tinha-nos ao cabo familiarisado com a idéa da total destruição de dous entes tam arruinados e tam soffregos de descanço. Nossas almas acolhiam-se á bondade divina, e confiavam em reunir-se ambas lá nesse logar, onde acabam todas as malquerenças dos homens, e onde supplicariamos a Deus lhe aprouvesse um dia chamar juntos de nós, mas despojados de todo o resentimento, esses por quem até alli foramos malsinados e aborrecidos.

Nos annos anteriores o escorbuto tinha já produzido muitos estragos nestas prisões. O governo quando soube que Maroncelli estava atacado daquella terrivel molestia, receiando a invasão de nova epidemia, consentio na proposta do medico, o qual tendo declarado que nenhum outro remedio entendia que mais efficaz fôsse para Maroncelli do que o ar livre, deo por conselho que o tivessem encarcerado o menos tempo que fôsse possivel.

Como seu companheiro de carcere, e tambem como valetudinario, eu gozei do mesmo privilegio.

Andavamos por fóra nas horas em que o logar do passeio não estava occupado por outros, isto é, desde meia hora antes do romper do dia, e por alli nos demoravamos um par de horas, depois durante o jantar se assim nos aprazia, e por fim desde as tres horas da tarde até ao pôr do sol; isto nos dias de semana. Nos

domingos e dias sanctos, em que os outros não tinham licença de passeiar, ficavamos por fóra desde manhãa até á noite, excepto á hora de jantar.

Foi-nos dado por companheiro outro infeliz que orçava por perto de setenta annos, para cuja saude, já por extremo arruinada, parecia ser proficuo um ar mais puro e abundante em oxigenio. Era Constantino Munari, amavel ancião, apaixonado da litteratura e da filosofia. A convivencia com tam respeitavel companheiro não podia deixar de ser-nos summamente agradavel.

Querendo computar o tempo do meu captiveiro, não digo já desde a época da minha prisão, mas sim desde a da sentença, os sete annos e meio acabavam em 1829 nos primeiros dias de julho, contando desde o dia da confirmação e assignatura della; porque, principiando esta conta desde a sua publicação, só se completavam a 22 de agosto.

Mas este termo passou como todos os mais, e todas minhas esperanças se malograram.

Até então Maroncelli, Munari e eu não as haviamos de todo perdido, conjecturando algumas vezes, que por ventura ainda aconteceria tornarmos a ver o mundo, a nossa prezada Italia e os nossos queridos parentes; e nesta grata lembrança entretinhamos praticas cheias de saudade, de compaixão e de amor.

E quando vimos passar-se o mez de agosto, depois o mez de setembro, e cursar o anno ao fim, então foi forçoso acostumarmo-nos a não esperar mais gozo algum

cá sobre a terra, excepto a inalteravel continuação de nossa reciproca amizade, e a assistencia de Deus para consummar dignamente o que restava até completar o nosso longo sacrificio.

Ah! quem ha'hi que possa estimar preço aos bens da amizade e da Religião!... que até encurtam e desenfadam as horas do encarcerado, para quem já não alveja nem sequer leve esperança de perdão! Certo, que Deus não desampara, antes sim mora com os desgraçados, com os sem ventura que o amam!

LXXXVII.

Depois do fallecimento de Villa, e logo que o abbade Paulowich foi eleito bispo, succedeo em suas funcções de confessor o abbade Wrba, da Moravia, professor do Novo Testamento em Brünn, discipulo distincto do *Instituto sublime* de Vienna.

Este instituto é uma congregação, fundada pelo illustre Frint, parocho da côrte. Os membros desta congregação são todos sacerdotes, que já laureados em Theologia, proseguem alli seus estudos debaixo de severa disciplina, em ordem a que hajam de conseguir a maior vastidão de conhecimentos que possam alcançar suas capacidades. A intenção do fundador, sendo a de crear um seminario, donde se diffundisse, como de manancial inexgotavel, por todo o clero catholico da Allemanha

uma sciencia forte e verdadeira, foi na verdade admiravel, e não ha duvida que tem sido geralmente preenchida.

Wrba, como residente em Brünn, podendo consagrar-nos mais tempo do que Paulowich, tornou-se para nós outro padre Baptista, só lhe não era permittido emprestar-nos livro algum. Por muitas vezes com elle entretivemos longas conferencias, que, a meu ver, de muito proveito foram ás minhas convicções religiosas e me prestaram immensa consolação.

Em 1829 adoeceo; e depois que melhorou não pôde continuar a visitar-nos por lhe terem accrescido novas occupações. Esta perda nos affligio extremamente, mas quiz nossa ventura que Wrba tivesse por seu digno successor o vigario Ziak, homem como elle dotado de illustração e de virtude.

Entre todos os sacerdotes da Allemanha que nos foram dados por confessores e capellães, não conheci um só que deixasse de ter excellentes qualidades! nem um sequer (que isso é facil de descobrir-se), que intentasse fazer-se instrumento de politica! nem um só pelo contrario que deixasse de reunir em si diversos merecimentos de sciencia vasta, de mui viva e declarada profissão catholica, e de profunda erudição filosofica! Oh! quanta veneração não devem merecer-nos tam respeitaveis ministros da Igreja!

Os poucos com quem tive relações me fizeram conceber opinião sobradamente vantajosa do clero catholico allemão.

O vigario Ziak demorava-se tambem comnosco em longas praticas. Com seu exemplo aprendi a supportar os meus soffrimentos com mais serenidade e resignação. Sempre o sorriso lhe estava impresso nos labios, apezar do continuo tormento que soffria com amiudadas fluxões nos dentes, na garganta e nos ouvidos.

Entretanto o ar livre fez com que insensivelmente se fôssem desvanecendo as manchas escorbuticas de Maroncelli, e com que eu e Munari obtivessemos reconhecidas melhoras.

LXXXVIII.

Finalmente alvoreceo o primeiro dia do mez de agosto do anno de 1830. Iam completar-se dez annos desde a infausta perda de minha liberdade, e oito annos e meio que eu soffria dura prisão.

Era um domingo. Fomos, como nos mais domingos e dias sanctos, para o recinto do costume; e do cimo do parapeito ainda alongámos os olhos por todo esse valle e cemiterio onde descançavam os ossos de Oroboni e de Villa; ainda discorremos ambos sobre o repouso que os nossos tambem mais tarde ou cedo alli haviam de encontrar. Sentámo-nos ainda no banco do costume, á espera que as pobres condemnadas passassem para a missa que se dizia antes da nossa. Eram conduzidas á mesma capellinha, contigua ao passeio, á qual nós depois íamos ouvir a outra.

É costume geralmente introduzido em toda a Allemanha o cantar durante a missa hymnos na sua lingua vulgar. Como o imperio austriaco é habitado na maior parte por allemães e esclavonios, ou slavos, e nas prisões de Spielberg o maior numero de condemnados ordinarios pertence a uma ou outra destas raças, dahi vem cantarem-se os referidos hymnos, um dia em allemão, outro em esclavonio. Assim tambem em cada festividade ha dous sermões, um em cada uma das linguas. Ao ouvirmos estes cantos, ao som do orgão que os acompanhava, doce prazer se nos coava por todas as fibras d'alma.

Entre aquellas mulheres que alli concorriam, havia algumas cuja voz parecia romper-lhes de dentro do coração. Infelizes e malfadadas! Algumas dellas, ainda tam moças!... e arrastadas ao crime, ou pela insania do amor, ou pelo delirio do ciume, ou pela devassidão do exemplo!... Ainda hoje me resôa dentro d'alma o seu canto tam fervoroso de *Sanctus:—Heilig! Heilig! Heilig!* Ainda os meus olhos verteram uma lagrima ao escutar aquelles maviosos sons.

Pela volta das dez horas, depois que as mulheres se retiraram, coube-nos a vez de irmos para a nossa missa. Ainda então pude ver os meus desventurados companheiros que ouviam missa de sobre a tribuna do orgão, apenas separados de nós por uma grade; ainda os meus olhos viram aquelles tristes e pallidos vultos, tam cobertos de amarellidão!... aquelles infelizes tam mirrhados

e extenuados de fôrças... e arrastando com fadiga os seus pesados grilhões!...

Depois de missa voltámos para as nossas masmorras. Um quarto de hora depois, trouxeram-nos o jantar. No comenos em que estavamos a pôr a mesa, o que consistia em collocar sobre a nossa tarimba um pedaço de taboa, e sobre este as nossas colheres de páo, entrou no nosso carcere o senhor sub-intendente Wegrath.

—Não quizera, nos disse elle, servir-vos de estôrvo ao vosso jantar; é mister porém que ambos tenhais a bondade de me acompanhar, que lá fóra vos espera o senhor director de policia.

Como o director de policia só costumava apparecer alli por motivos desagradaveis, taes como buscas ou inquirições, descontentes e muito contra vontade seguimos o bom sub-intendente até á casa da audiencia.

Acompanhado com o superintendente, ahi encontrámos com effeito o referido director, que desta vez nos recebeo com uma inclinação mais cortez do que era seu costume.

Pegou em um papel, e endereçando-se a nós, como se receiasse causar-nos violenta commoção, se de subito se exprimisse mais abertamente, soltou estas palavras interrompidas.

—Tenho o prazer... senhores... cabe-me a honra de fazer-lhes saber... que S. M. o imperador... ainda outra vez houve por bem... conceder-lhes mais uma graça...

E nisto se ficou em silencio, hesitando declarar-nos

qual fôsse a graça que nos annunciava: conjecturámos que seria algum allivio de pena, como exempção de certos trabalhos enfadonhos, ou consentimento para termos algum livro de mais, ou mudança para melhores alimentos.

—Mas, dar-se-ha caso, que os senhores me não percebam? continuou elle.

—Por certo que não, senhor; queira ter a bondade de nos explicar qual é a graça com que somos beneficiados.

—É a da liberdade para os senhores ambos, e para um terceiro que irão abraçar não tarda muito.

Parece que tam feliz nova devêra ser recebida com improviso transporte de alegria... O nosso pensamento voou logo de corrida em direitura aos nossos queridos pais, de quem tanto tempo havia que não tinhamos noticias... se estariam ainda vivos... se ainda nos caberia vel-os no mundo... Ai! duvida cruel que nos partias a alma, e que a angustiavas com tanta força, que até lhe suffocaste o prazer que houvera de regozijal-a com aquella nova da nossa redempção!

—Ficam mudos, senhores? Eu esperava vel-os exultar de alegria...

—Cumpre-me agora rogar-lhe, respondi eu, que tenha a bondade de encarregar-se de exprimir a S. M. a nossa sincera gratidão. Quanto a nós, senhor, não é para maravilhar esse pouco alvoroço que mostrâmos, que totalmente desamparados de noticias de nossas fa-

milias, e incertos sobre os destinos de pessoas tam queridas, não é possivel deixar de receiar que a morte nos tenha roubado alguma dellas... Esta incerteza nos acabrunha, e nos vem aguar este instante, que devêra ser para nós o da mais vehemente alegria.

Entregando então a Maroncelli uma carta de seu irmão, que por extremo o deixou consolado, voltou-se para mim e disse-me, que não tinha nenhuma da minha familia; isto muito mais ainda me fez receiar que me não tivesse acontecido alguma nova catastrofe.

—Queiram recolher-se ao seu carcere, senhores, que em breve lá lhes envio o terceiro agraciado.

Saímos dalli anxiosos por saber em qual de nossos companheiros coubera tam feliz sorte como a nossa. Desejaramos que fôssem todos, e infelizmente não podia ser senão um. Oxalá que seja o pobre Munari! Oxalá que seja fulano! oxalá que seja sicrano! Não havia um só entre aquelles nossos infelizes amigos por quem não imprecassemos este beneficio.

Emfim, abre-se a porta, e damos com os olhos em André Tonelli de Brescia.

Um abraço... mais outro abraço... Não nos foi possivel jantar.

Ficámos a conversar até ao fim da tarde, lastimando a sorte de tantos amigos que por alli ainda nos ficavam.

Ao pôr do sol o director de policia veio ter comnosco para nos arrancar daquella funesta morada. Gemiam nossos corações cá por dentro, ao passarmos por diante

dos carceres de tantos amigos, sem podêl-os trazer em nossa companhia. Ai! tristes! quem sabe por quanto tempo aqui vos não definhareis ainda! Quem sabe quantos d'entre vós aqui tereis de ser pasto, com que a morte se vá cevando aos poucos!...

Puzeram-nos aos hombros um capote de soldado e sobre a cabeça um barrete de uniforme; e assim com os nossos vestidos de forçados, mas soltos de nossos grilhões, descemos a funesta collina, e conduzidos á cidade pousámos nos carceres de policia.

Estava um lindissimo luar. As ruas, as casas e as pessoas que topavamos, tudo me parecia tam estranho!... tam agradavel!... Tantos foram os annos, e tam lentamente passados, sem que similhante espectaculo uma só vez me recreiasse os olhos!

LXXXIX.

Tinhamos de esperar nos carceres de policia por um commissario imperial, que havia de chegar de Vienna para nos conduzir ás fronteiras. Em quanto aguardavamos a sua chegada, como as nossas malas tinham sido vendidas, tivemos de prover-nos de roupa branca e de fato de côr, e despimos a libré dos carceres.

Chegou o commissario passados cinco dias, e em seu poder fomos depositados pelo director de policia, que

igualmente lhe fez entrega do dinheiro que trouxeramos para Spielberg, e do producto da venda das malas e livros, dinheiro que por fim nos foi restituido quando chegámos ás fronteiras.

As despezas da nossa jornada corriam por conta do imperador, sem que nada se poupasse para nossos commodos.

O commissario era o senhor Von-Noë, gentil-homem empregado na secretaria do ministerio de policia. Não se nos podia escolher por guia pessoa de mais perfeita educação, e que nos tratasse sempre com mais attencioso respeito.

Mas eu saí de Brünn com extrema difficuldade de respirar; e o movimento da carroagem por tal maneira me aggravou aquelle incommodo, que no fim da tarde sentia-me tam anxiado que não podia resfollegar, e chegaram a temer que de um instante para outro eu ficasse suffocado. A noite levei-a a arder em febre, por modo que no dia seguinte o commissario duvidou se eu estaria ou não em estado de poder continuar jornada até Vienna. Asseverei-lhe que sim, e partimos: a violencia da dor era excessiva: tolhia-me o comer, o beber e o fallar.

Cheguei a Vienna mais morto que vivo. Deo-se-nos um bom quartel na Direcção geral de policia. Deitaram-me na cama; veio o medico e mandou-me dar uma sangria com que experimentei conhecido allivio. Dieta absoluta e uso de *digitalis* (dedaleira), eis o meu trata-

mento por oito dias, findos os quaes entrei a convalescer. O medico era o senhor Singer, que me deixou pinhorado por suas amoraveis attenções, affabilidade e bom termo.

Não me era possivel conter a impaciencia em que estava por saír dalli, particularmente desde que nos chegaram á noticia os successos dos *tres dias* de París.

O decreto da nossa liberdade tinha sido assignado pelo imperador no dia em que rebentára aquella revolução. Por certo tinha eu que elle o não revogaria; mas tambem não era inverosimil que, tornando-se então critica a tranquillidade da Europa, se receiasse alguma revolta na Italia, e que a Austria, em occasião tam arriscada, não consentisse que houvessemos de recolher á nossa patria. Bem persuadidos estavamos de que não tornariamos para Spielberg, mas temerosos ao mesmo tempo de que o imperador, levado do conselho de alguem, decidisse remover-nos para alguma cidade do imperio distante da nossa peninsula.

Dei-me então por mais vigoroso do que na realidade estava, e pedi ao senhor Von-Noë que houvesse de solicitar a nossa partida. Em quanto esta se não verificava, muito de coração desejaria eu poder apresentar-me a S. E. o senhor conde de Pralormo, enviado da côrte de Turim, junto da de Vienna, a cuja bondade sabia eu o quanto era devedor. A generosa e constante perseverança com que elle se empenhára sempre em obter a minha liberdade, mais me avivava o desejo de testi-

munhar-lhe a minha gratidão. Mas não pude satisfazer o meu empenho, por me ser expressamente prohibido visitar fôsse quem fôsse.

Ainda eu não estava bem restabelecido da minha molestia, quando inexperadamente tiveram a delicadeza de nos enviar a carroagem por alguns dias, permittindo-se-nos dar alguns passeios por Vienna. O commissario tinha ordem de acompanhar-nos e de não consentir que fallassemos com pessoa alguma. Vimos a sumptuosa igreja de Santo Estevão, os deliciosos passeios da cidade, a cidade vizinha de Lichtenstein, e em ultimo logar a cidade imperial de Schœnbrünn.

Em quanto atravessavamos as magnificas avenidas de Schœnbrünn, encontrámos de passagem o imperador: o commissario nos fez retirar, receioso de que houvessem de contristal-o o nosso aspecto macillento e descarnado e as nossas miseraveis figuras.

XC.

Finalmente partimos de Vienna, e dahi até Bruck ainda me pude ir sustendo com mais ou menos custo; mas assim que alli chegámos tornei a ser atacado de um violento accesso d'asthma. Chamou-se medico: era um certo senhor Jüdmann, homem de grande merecimento. Mandou-me sangrar; obrigou-me a ficar de

cama e a continuar com o uso da dedaleira. Passados dous dias instei por que se continuasse a jornada.

Atravessámos a Austria, e Stiria e entrámos em Carintia sem que nos acontecesse successo digno de referir-se; mas chegados a uma villa por nome Feldkircken, pouco distante de Klagenfurt, eis que nos sobrevem uma contra-ordem. Deviamos ficar alli detidos em quanto ella não fôsse revogada.

Facil é imaginar-se quanto este acontecimento nos affligiria. E ainda para maior amargura e desconsolação minha, eu tinha a desventura de ser a causa de similhante perjuizo para com os meus companheiros, que se por desgraça não tinham ainda entrado na sua patria, a minha molestia é que por fatalidade lhes tinha servido de estôrvo.

Demorámo-nos cinco dias em Feldkircken, durante os quaes o commissario fez quanto pôde para nos distrahir. Levou-nos a um theatrinho de pobres comediantes. Outro dia levou-nos a uma caçada. Os caçadores eram o nosso hospede com muitos mancebos da terra e com o proprietario de uma soberba mata: collocados em logar commodo disfructámos aquelle divertimento.

Finalmente chegou um correio de Vienna com ordem ao commissario para nos fazer seguir o nosso destino. Esta feliz nova me encheo de alegria e aos meus companheiros; mas ao mesmo tempo me fazia tremer de susto a horrorosa idéa de que, cada vez se me ía aproximando a hora em que talvez me seria descarregado

um golpe fatal... a hora em que eu viesse a saber que já não tinha pai nem mãi... ou que me faltava alguma outra pessoa da minha querida familia.

E por modo que mais se me annuviava a minha tristeza ao passo que íamos avançando para as fronteiras da Italia.

Pela estrada que seguiamos, a entrada neste paiz não deleita os olhos do viajante. Qualquer que por alli passe e vá entrar pela primeira vez na nossa peninsula, ao descer das soberbas montanhas da Allemanha para as amenas planicies da Italia por longos caminhos estereis e desagradaveis, quasi que mofa da magnifica idéa que formára, imaginando-se illudido pelos que tanto a tem gabado.

O aspecto selvatico daquelle solo cooperava para mais me entristecer. O tornar a ver o nosso céo; o topar individuos, cujo semblante differia do modelo septentrional; o ouvir dos labios de todos palavras da nossa lingua: tudo isto me enternecia, quanto não sei encarecer; mas este meu interior abalo dispunha-me mais ao pranto do que á alegria. Quantas vezes na carroagem não cobria eu o rosto com as mãos, e dissimulando tomar-me do somno, deixava correr minhas lagrimas! Quantas vezes de noite, sem poder pregar olho, a arder em febre, me não arrebatava em extasis, ora abençoando com toda a minha alma a minha doce Italia, e dando graças ao céo por me haver restituido a ella; ora atormentado de susto, imaginando novas desgraças por me faltarem noticias da minha familia; ora pen-

sando emfim, que perto se chegava o momento, em que tinha de separar-me, e talvez para sempre, de um amigo, de um companheiro que tanto tinha soffrido, tanto me ajudára a soffrer, e tantas provas me dera do seu fraternal amor?!

Ah! e tam longos annos de vida sepultada, não tinham podido extinguir-me a energia do sentimento! Mas ai! que esta energia, tam frouxa e amortecida era para a alegria, e tam forte e vigorosa para a dor!

Quanto desejara eu passar por Udina e pousar naquella mesma estalagem, onde aquelles dous amigos generosos fingiram ser creados e nos apertaram furtivamente a mão!

Mas deixámos esta cidade á nossa esquerda, e passámos adiante.

XCI.

Pordenone, Conegliano, Ospedaletto, Vicenza, Verona e Mantua, me recordavam tantas cousas! De Pordenone era natural um mancebo meu amigo, morto nas desastrosas campanhas da Russia: Conegliano, segundo me haviam dito os *segundos* dos *Chumbos,* era a terra para onde tinha ido Zanze. Em Ospedaletto tinha casado uma creatura angelica e infeliz, já hoje fallecida, que fôra longo tempo e era ainda objecto de minha particular veneração. Todos estes logares emfim,

me despertavam saudosas recordações mais ou menos vivas, e em Mantua aindá mais do que em outra qualquer cidade. Parecia-me que apenas se tinha passado um dia que alli estivera com Ludovico em 1815! parecia-me ser no dia antecedente que alli estivera com P*** em 1820!... As mesmas ruas... as mesmas praças... os mesmos palacios... e tantas mudanças na sociedade... e tantos amigos e conhecidos já debaixo de fria lousa... e outros definhando e gemendo em triste exilio!... Uma geração já de adultos, que eu ainda conhecêra em meninos!... E não poder eu correr a esta ou est'outra casa!... e não me ser permittido fallar com esta ou est'outra alma viva!...

E ainda para maior cumulo de dor, Mantua era o ponto em que Maroncelli tinha de separar-se de mim! Alli passámos ambos aquella noite sem podermos disfarçar a tristeza que nos opprimia. E o meu espirito... tinha-o em tal torvação, como quem estivera em vespera de ouvir a sua sentença.

Pela manhãa lavei o rosto, e cheguei-me ao espelho para ver se poderiam conhecer-me pelos olhos que eu tivesse chorado. Tomei o melhor que pude um ar de tranquillidade e de sorriso. Dirigi a Deus uma breve oração, mas na verdade muito distrahido; e dando fé que Maroncelli pegava das suas moletas e fallava com o criado, fui para lhe dar o abraço de despedida. Parece que ambos estavamos revestidos de coragem para aquella triste separação. Havia em nossas expressões

uma tal ou qual commoção, posto que fallassemos com voz forte. Chegou o official de *gendarmeria* que o devia conduzir ás fronteiras de Romagna; foi mister partir: não sabiamos o que haviamos dizer um ao outro. Um abraço... um beijo... mais ainda outro abraço... Sobe para a carroagem e desapparece!... Fiquei como aniquilado.

Voltei para o meu quarto, prostrei-me em joelhos, e orei por aquelle misero mutilado, ausente do seu amigo: e nisto entraram-me a correr as lagrimas; e os soluços... não podia suffocal-os.

Tenho eu conhecido muitos homens de merecimento, mas ainda não conheci nenhum que excedesse a Maroncelli em trato affectuoso e social para com os homens; ninguem como elle, tam bem educado, tam cheio de delicadeza e affabilidade; ninguem mais lembrado que a pratica da virtude consiste no exercicio continuo da tolerancia, da generosidade e da prudencia. Ó tu, por tantos annos querido meu, companheiro de minhas angústias! o céo te abençoe em qualquer logar em que respires, e te depare amigos que me igualem em amor, e me excedam em bondade!

XCII.

Naquelle mesmo dia de manhãa partimos de Mantua para Brescia, onde ficou de todo livre o meu outro

companheiro de prisão, André Tonelli. O infeliz alli recebeo a triste noticia da morte de sua mãi: como que se me partia o coração ao ver-lhe correr as lagrimas que a dor lhe fazia derramar.

E com quanto eu tivesse o animo atribulado com tanta força e repetição de angústias, que de continuo o trabalhavam, o caso seguinte me divertio algum tanto.

Sobre uma das mesas da estalagem estava um cartaz de theatro. Peguei naquelle papel e li: *Francesca da Rimini, Opera per musica, &c.*

—De quem é esta opera? perguntei eu ao criado dos quartos.

—Quem a poz em verso e em musica, é o que eu não sei; mas em summa sempre é a *Francisca de Rimini,* que não ha ninguem que não conheça.

—Ninguem? como assim? estais enganado: aqui estou eu que venho da Allemanha, e como quereis vós que eu conheça cá as vossas *Franciscas!*

O criado que ainda era moço, e que tinha aquelle ar desdenhoso, que caracteriza o verdadeiro terrantez de Brescia, encarou-me com um ar de piedade despresivel.

—Como quero eu que conheça?... Advirta, senhor, que se não trata aqui de muitas *Franciscas;* não se trata senão de uma unica *Francisca de Rimini; (Francesca da Rimini),* quero dizer a tragedia do senhor Silvio Pellico, que apezar de desfigurada um tanto ou quanto, ainda não perdeo o merecimento, e ainda se conhece que é a mesma.

—Oh!... Silvio Pellico?... Esse nome não me é estranho... Não será um certo tratante, que foi condemnado á morte, e depois a prisão dura, haverá oito ou nove annos?

Não tivera eu a indiscrição de dizer tal chufa, pois me ía saindo cara. Lançou os olhos em roda de mim, depois encarando comigo, arreganhou-me trinta e dous formidaveis dentes; e se não sentisse bulha, cuido que eu não escaparia sem alguma massada.

E saío dalli a resmungar:—Tratante!?—ora esta!... Mas antes da minha partida informou-se a meu respeito, e descobrio quem eu era. O rapaz ficou estacado e fóra de si; nem atinava para me fazer perguntas, nem para me dar respostas, nem para escrever. Não sabia senão cravar os olhos em mim, esfregar as mãos, e repetir tantas vezes amiudo a uns e a outros fóra de proposito —*sior si, sior si*—que parecia que estava a espirrar.

Dous dias depois, 9 de setembro, chegámos a Milão. Ao aproximar-me da cidade, e ao tornar a ver o zimborio da cathedral; ao passar pela estrada do Loretto, sitio da minha predilecção e para onde eu costumava ir passeiar; ao entrar pela porta oriental e achar-me no passeio publico; ao reparar naquellas casas, naquelles templos, e naquellas ruas; sentimentos os mais ternos, e ao mesmo tempo os mais tormentosos, me abalavam o interior da alma:—um não poder soffrear o louco desejo de me demorar algum tempo em Milão, para apertar em meus braços alguns amigos que ainda alli

existissem: — uma saudade... saudade infinita, dos infelizes que havia deixado em Spielberg, dos que andavam errantes, perigrinando em paizes alheios, dos que a morte me tinha roubado: — uma sincera e viva gratidão, ao recordar-me da amizade que sempre me testimunharam os milanezes: — emfim, um ligeiro transporte de resentimento contra esses poucos que me haviam calumniado, com quanto tivessem sido sempre objectos da minha estima e de minha benevola sympathia.

Fomos pousar em *Bella Venezia.*

Novas e doces recordações me inspirava este logar, onde em alegres banquetes por tantas vezes gozára a companhia dos meus amigos; onde visitára tantos estrangeiros distinctos; onde uma respeitavel senhora já idosa, profetizando-me os infortunios por que eu teria de passar se teimasse a persistir em Milão, me fizera as maiores instancias, e todas em balde, para a acompanhar á Toscana. Oh! patheticas memorias! Oh! passados tempos, cheios de prazeres e dores, quam rapidos me não heis fugido!

Os criados da estalagem em breve colheram informações a meu respeito. Logo se divulgou o boato de minha chegada, e sobre a tarde vi muitas pessoas pararem a olhar para as janellas. Uma dellas, ainda ignoro quem fôsse, pareceo que me conhecia, e saudou-me, assenando-me com as mãos ambas.

Ah! onde estariam os filhos de P*** ?... Meus filhos! por que vos não hei eu visto?...

XCIII.

O COMMISSARIO me conduzio á policia para me apresentar ao director. Qual não foi o apêrto do meu coração, ao ver esta casa, meu primeiro carcere?! Que lembranças afflictivas me não assombravam o espirito! Ah! alli me recordei de ti com ternura, ó Melchior Gioja, e do teu pesseiar desatinado dentro daquelle estreito carcere, das horas inteiras em que ficavas pregado á banca, escrevendo teus nobres pensamentos! dos assenos que me fazias com o teu lenço, da tristeza com que me encaravas, e de quando te foram vedados até esses mesmos assenos! E fiz voar meu pensamento ao logar de tua sepultura, tam ignorado talvez por grande numero dos que te amaram, como por mim o era desconhecido! E pedi a Deus com o coração repouso para a tua alma.

Ainda me lembrei do meu querido mudo; da meiga voz de Magdalena, e da lastima e affeição que me inspirava; dos ladrões meus vizinhos; do pretendido Luiz XVII; e do pobre condemnado a quem fôra tomado o bilhete; e parecia-me ainda estar-lhe a ouvir os gemidos que soltou com as chibatadas.

Estas e outras lembranças me opprimiam como pesadello angustioso; mas de todas ellas a que mais me atribulava, e que se me não podia tirar do sentido, era

a das duas vizitas de meu pai, dez annos antes, nesta prisão! Como aquelle pobre velho se fascinava a si mesmo, esperando ver-me em breve na sua companhia em Turim! E em vez disto supportar a idéa de dez annos de prisão para seu filho!... e que prisão!... E mal que suas illusões se desvanecessem, teria elle, teria minha mãi, animo bastante para supportarem dor que tanto os havia de lacerar? E ser-me-ha dado ainda tornar a vel-os ambos, ou não verei eu mais do que um delles?!... Ai de mim!... e qual será?

Ó dúvida das mais tormentosas! dúvida, que não cessavas de reviver-me a cada instante! Estava por assim dizer entrando o lumiar da casa paterna, e ainda não sabía se meus pais eram vivos, nem se existiria uma unica pessoa da minha familia.

O director de policia me recebeo com affavel acolhimento; permittio-me que ficasse em *Bella Venezia* com o commissario imperial, em vez de reter-me em custodia noutra parte. Não me consentio porém fallar com pessoa alguma; e portanto determinei-me a partir no dia seguinte de manhãa. Apenas pude obter licença de fallar com o consul piemontez para lhe pedir novas de minha familia; tel-o-hia ido procurar a casa, mas impossibilitou-me disso uma febre que me commetteo de repente, e que me obrigou a recolher á cama; mandei-lhe pedir por favor que viesse ter comigo. Teve a bondade de se não fazer esperar: quanto por isto lhe não sou grato!...

Deo-me boas noticias de meu pai e de meu irmão

mais velho. Quanto porém a minha mãi, a outro meu irmão, e a minhas duas irmãas, fiquei em cruel incerteza.

Em parte consolado, mas não quanto o desejava, quizera para allivio de minha alma prolongar mais a conversação com o consul, que nada escasso em polidez e cortezia, condescendeo comigo naquelle desejo; mas emfim era forçoso despedir-se.

Quando fiquei só, bem preciso me fôra o chorar, mas parece que de todo se me tinha seccado a veia das lagrimas. Que mysterio é este de minha dor, que ás vezes me acho debulhado em pranto; outras (e por má ventura minha, destas é o maior numero), quando me parece que o chorar me ha de ser de tam doce allivio, as lagrimas se me embargam, e em vão clamo por ellas. Aquelle não poder desafogar minha afflicção, mais me encendia a febre; as dores de cabeça eram insupportaveis.

Pedi a Stundberger que me désse uma gota de agua: este honrado homem era um sargento de policia de Vienna, de quem o commissario se servia como escudeiro. Ainda não era velho, mas quiz o acaso que elle me offerecesse a agua com mão trémula.

Este tremor, logo me fez lembrar do meu querido Schiller, quando, no primeiro dia da minha chegada a Spielberg, me trouxe a bilha de agua, que lhe eu pedíra com orgulhoso imperio.

Pareceo maravilha!... Esta lembrança, de envolta com outras, quebrou o rochedo de meu coração! e as lagrimas, até ahi represadas, me rebentaram dos olhos.

XCIV.

Na manhãa do dia 10 de setembro abracei o meu excellente commissario, e parti. Havia apenas um mez que nos conheciamos, e já me parecia um amigo de muitos annos. A sua alma em que trasbordavam sentimentos de honra e probidade, era singella, e despida de artificios e curiosa dissimulação; não porque lhe fallecesse esperteza para o disfarce, mas porque apreciava esta nobre simplicidade que caracteriza os homens rectos.

Durante a jornada, em um logar onde haviamos descançado, um individuo me prevenio furtivamente, dizendo-me estas palavras:—Acautelai-vos desse *anjo custodio;* que se elle não fôsse dos *negros,* não vol-o teriam dado por guarda.

—Pois de certo vos enganais, lhe disse eu; tenho a mais intima convicção de que vos enganais.

—Os mais astutos, me tornou elle, são os que parecem mais simples.

—Se assim fôsse, não se deveria accreditar nunca na virtude de pessoa alguma.

—Ha certos empregos sociaes em que póde haver affavel termo, e distincto modo de tratar; mas virtude? virtude? nunca, virtude nunca.

Não pude responder-lhe outra cousa mais do que:
—Isso é exageração, senhor, pura exageração.

—Eu cá sou consequente, insistio elle.

Nisto fomos interrompidos, e eu lembrei-me do *Cave á consequentiariis* de Leibnitz.

Muitas vezes a maior parte dos homens discorrem com esta falsa e terrivel logica:—Eu sigo o partido A, que estou convencido ser o da justiça; outro segue o partido B, que me persuado ser o da injustiça, logo, o meu antagonista é um malvado.

Oh! não, logicos furiosos! qualquer que seja o estandarte que sigaes, não arrazoeis assim tam descaridosamente! Adverti, que não ha sociedade nem individuo que deixe de ter este ou est'outro conhecido defeito, aquelle ou aquell'outro senão; e estabelecido isto como principio, se procederdes com aquelle rigor frenetico de consequencia em consequencia, tirareis por fim esta absurda conclusão:—excepto nós quatro, todos os mortaes merecem ser queimados vivos: e se fizerdes um escrutinio ainda mais rigoroso, cada um de vós quatro dirá:—todos os mortaes merecem ser queimados vivos, excepto eu.

Este rigorismo vulgar é antifilosofico, quanto póde ser. Uma desconfiança moderada é prudencia sábia; uma desconfiança excessiva, nunca.

Depois do aviso que ás escondidas me foi dado a respeito do meu *anjo da guarda,* puz mais attenção que dantes em o observar, e cada dia mais me certificava do seu innocente e generoso natural.

Quando ha uma ordem social estabelecida, boa ou

menos boa que seja, todos os empregos da sociedade que a consciencia universal não declara como infames, todos os empregos da sociedade que promettem cooperar nobremente para o bem publico, e em cujas promessas confia avultado numero de pessoas, todos aquelles em que é absurdo negar que tenha havido homens honrados, podem sempre ser occupados por pessoas de probidade.

Lembro-me ter lido de um Quaker, o qual tinha horror aos soldados, que vendo um dia um soldado atirar comsigo ao Tamisa para salvar um desgraçado em risco de afogar-se, dissera logo:—deixar eu de ser Quaker, por modo nenhum, mas os soldados tambem são boas creaturas.

XCV.

Stundberger me acompanhou até á carroagem para onde subimos, eu e um official da gendarmeria a cuja guarda fôra confiado: o tempo estava chuvoso, e soprava uma aragem fria.

—Agasalhe-se bem com o seu capote, me disse Stundberger; cubra bem a cabeça, tenha cautella, que não chegue doente a casa: olhe que pouco basta para se poder constipar! Quanto me custa não poder-lhe offerecer os meus serviços até Turim!

Tudo isto me disse elle tam cordialmente e com accento tam commovido!...

—Daqui para diante, senhor, creio que nenhum allemão o tornará a acompanhar; e talvez que nunca mais torne a ouvir fallar esta lingua, que os italianos acham tam aspera; e pouco lhe custará provavelmente, que soffrendo tantas desventuras entre os allemães, por certo que não desejará ter saudades nossas; entretanto eu, cujo nome o senhor dentro de pouco tempo deixará esquecer, nunca me esquecerei de o encommendar a Deus.

—E eu por ti farei o mesmo, lhe disse eu, apertando-lhe a mão por ultima vez.

O pobre homem gritou:—*Guten morgen! Gute reise! Leben sie wohl!* (Bom dia! Boa viagem! Passe muito bem!) foram as ultimas palavras allemãs que ouvi pronunciar; e ellas me soaram tam caras aos ouvidos, como se fôssem na minha lingua materna.

Amo-vos com todas as veras da alma, ó minha querida patria, mas não aborreço nenhuma outra nação! O poder, a gloria, a civilisação e a riqueza, variam conforme as diversas nações, mas em todas ha almas que obedecem á grande vocação do homem, que consiste em amar os seus similhantes, condoer-se de seus males, e prestar-lhes o auxilio de que necessitam.

O official gendarme que me acompanhava disse-me ter sido um dos que prenderam o meu pobre Confalonieri, e contou-me como aquelle desgraçado tentára escapar-se, e como esta tentativa se lhe frustrára; como

fôra arrancado dos braços da condeça sua esposa; como elle e ella, não obstante o transporte de ternura que tiveram, haviam supportado aquelle golpe com dignidade. Cada palavra que me dizia, ao referir-me esta triste historia, era um espinho abrazado que me encendia a febre: parecia que mão de ferro me apertava o coração.

O narrador, homem aliás sincero e palavroso de boa fé, não attingio que, supposto eu não tivesse offensa alguma particular contra elle, comtudo não poderia sem horror encarar aquellas soffregas mãos que se haviam lançado sobre o meu amigo.

Parámos em Buffalora, onde elle almoçou: eu, de angustiado que estava, não pude tomar cousa alguma.

Veio-me á lembrança aquelle feliz tempo (e ha que annos isto lá não vai!) em que eu e os filhos do conde P*** foramos passar ao campo; e em que, por me divertir, viera muitas vezes de Arluno até Buffalora passeiar á beira do Ticino.

Alegrei-me por ver construida uma formosissima ponte, cujos materiaes víra disseminados por sobre as margens daquelle rio, prognosticando-se então geralmente que similhante empresa não se levaria ao cabo. Exultei de contentamento, quando, tornando a atravessar aquelle rio depois de tantos annos, os meus pés pisaram outra vez terra do Piemonte! Ah! com quanto prezadas me sejam todas as nações, Deus bem sabe quanto maior é a predilecção com que amo a Italia; e Deus

bem sabe, que apezar do extremo com que amo a minha querida Italia, nenhum paiz encontro nella com mais doce nome do que o Piemonte; mas que admira, sendo este o meu paiz natal, o paiz de meus caros pais!

XCVI.

Ao chegarmos a S. Martinho, defronte de Buffalora, o official lombardo fallou com os clavineiros piemontezes, e despedindo-se de mim, tornou a atravessar a ponte.

—Em direitura a Novara, disse eu para o cocheiro.

—Tende a bondade de esperar um instante, me disse um dos clavineiros.

Conheci então que ainda não estava solto, e affligi-me com o receio de retardar a chegada a casa de meus pais.

Passado seria mais de um quarto de hora, appareceo um senhor que me pedio licença para ir na minha companhia até Novara, desculpando-se que por não haver então outra carroagem em que podesse transportar-se, e por lhe não ter sido possivel partir anteriormente, muito folgaria que eu tivesse a condescendencia de consentir que se aproveitasse da minha.

Este clavineiro disfarçado era homem de humor jovial, e fez-me boa companhia até Novara. Chegados á cidade, dissimulando para comigo que iriamos apear-nos

á estalagem, fez dirigir a carroagem em direitura ao quartel dos clavineiros. Ao entrarmos alli, disseram-me que se me tinha appromptado cama no quarto de um official, e que no referido quartel deveria esperar ordens superiores.

Cuidando que poderia partir no dia seguinte, metti-me na cama depois de ter conversado algum tempo com o official meu hospede, e dormi um somno cheio. Havia muito tempo que não dormíra com tanto descanço.

No dia seguinte levantei-me assim que acordei, e as primeiras horas me pareceram longas. Almocei, conversei e passeei pelo quarto e por sobre o terrado; corri os olhos pelos livros do meu hospede; finalmente, foi-me annunciada uma visita.

Um official me veio attenciosamente dar novas de meus pais, e dizer-me que havia uma carta deste em Novara que em breve me viria ter á mão. Fiquei-lhe summamente agradecido por tam amavel cortezia.

Passaram-se algumas horas que me pareceram eternas; finalmente, appareceo a carta.

Oh! que alegria, ao tornar a ver aquelles tam queridos caracteres! que alegria, ao saber que a minha boa e prezada mãi ainda era viva! que meus dous irmãos e minha irmãa mais velha vivia tambem! Ah! a mais nova a minha Mariquinhas *(Marietta)*, que havia professado na Ordem da Visitação, e de quem occultamente me haviam dado noticias no meu carcere... a pobre menina, coitadinha!... era defuncta havia nove mezes!

Que grande consolação não é a minha, quando considero que devo a minha liberdade a todos os que me amavam, e que por mim intercediam de continuo para com Deus, e em particular a uma querida irmãa, que se finou repassada de sentimentos de summa piedade! Praza a Deus recompensal-a das augústias que o seu coração soffreria por causa de minhas desventuras!

Iam-se passando os dias, sem chegar licença de partir de Novara. Finalmente chegou a manhãa do dia 16 de setembro em que esta licença me foi concedida; e desde então cessou sobre mim toda a vigilancia dos clavineiros. Ai! quantos annos se não volveram, em que nem uma só vez me foi permittido ir onde me aprouvesse sem ser escoltado por guardas!

Recebi algum dinheiro, e fui obsequiosamente acolhido e cumulado de attenções dos muitos conhecidos de meu pai. Parti pelas tres horas da tarde. Tive por companheiros de jornada uma senhora, um negociante, um esculptor e dous mancebos pintores, um dos quaes era surdo-mudo. Estes dous moços vinham de Roma, e muito me alegrei quando soube que conheciam a familia de Maroncelli. Oh! quanta doçura se nos não côa n'alma, quando podêmos fallar de pessoas que estimâmos com quaesquer outras que lhes não sejam indiffe-rentes!

Pernoitámos em Vercelli. Finalmente apontou a aprazivel alvorada do dia 17 de setembro de 1830. Continuámos a nossa jornada.

Oh! quanto não é vagaroso o andar das carroagens! só pela tarde é que chegámos a Turim.

Onde é que póde haver palavras, onde é que póde haver termos por mais expressivos que sejam, que alcancem descrever a interior alegria do meu coração, e o allivio e consôlo de corações tam adorados, ao correr aos braços queridos de meu pai, de minha mãi, e de meus irmãos!... A minha prezada irmãa Josephina não estava alli, que o seu dever a retinha em Chierri, mas apenas lhe constou a nova da minha felicidade, deo-se pressa em vir passar alguns dias com a familia. Volvido ao seio dos cinco prezados objectos da minha ternura, fui e sou hoje ainda o mortal mais digno de inveja.

Ah! por tantos azares passados, por minha felicidade de agora, por todo o bem ou por todo o mal que me reserve o porvir, abençoada sejas ó Providencia! Os homens, e as cousas, ou com vontade ou com violencia, são os admiraveis instrumentos que tu sabes pôr em uso para os altos fins que te apraz.

FIM.